



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

MARINA GOMES MOREIRA

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS NO ESPECTRO
AUTISTA: AS SIGNIFICAÇÕES DOS DOCENTES**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO – SP
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

MARINA GOMES MOREIRA

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS NO ESPECTRO
AUTISTA: AS SIGNIFICAÇÕES DOS DOCENTES**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

SÃO PAULO – SP
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

MARINA GOMES MOREIRA

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS NO ESPECTRO
AUTISTA: AS SIGNIFICAÇÕES DOS DOCENTES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora:

Wanda Maria Junqueira de Aguiar (Orientadora) PUCSP

Mitsuko Aparecida Makino Antunes PUCSP

Luciana de Oliveira Rocha Magalhães UNITAU

A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças, e não com as igualdades.

(Paulo Freire)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Todo o meu caminhar veio repleto de apoio por todos que me acompanharam na conclusão dessa etapa. Estar chegando nesta reta final me consome por um sentimento de realização e por um autoconhecimento sobre as minhas capacidades. A vontade de querer estar dentro de uma Universidade foi para além da Graduação.

Agradeço a PUC por me proporcionar experiência acadêmica de forma gratificante e enriquecedora para a minha formação.

Agradeço a Professora e Coordenadora Ana Bock, por sua paciência e respeito durante as aulas, que foram essenciais para me fazer sentir tranquila dentro de sala.

Agradeço a minha orientadora Wanda Aguiar, chamada de forma carinhosa por todos os discentes e docente de Professora Ia. Por todas as reuniões, ensinamentos e direcionamentos.

Agradeço a Luciana Magalhães pela calma e a forma incrível de ensinar e repassar seus conhecimentos. Por me acalmar quando eu achava que não iria conseguir compreender tantas novas informações.

Quero agradecer de maneira bem especial a turma que me recebeu com tanto amor e carinho. Erika, Gabriela, Carla, Daniela, Emanuelle, Carol: ter iniciado as disciplinas com essas meninas proporcionou a mim um sentimento de pertencimento que me fez continuar. Com toda ajuda, abraços apertados, conversas e um apoio indiscutível uma à outra sempre.

Um carinho mais do que especial para a Professora Mitsuko Aparecida, conhecida carinhosamente como Professora Mimi. Em sua disciplina, a calma que me passou durante a apresentação do meu primeiro seminário, foi o suporte que eu precisava para não ter medo, e, junto a uma turma incrível, poder me sentir com a capacidade que me cabe.

Meus agradecimentos ao assistente de coordenação de curso do PED Edson Aguiar, sempre tirando todas as dúvidas e mantendo nosso coração calmo durante todo o curso.

Agradeço a todo o amor da minha mãe nesse momento. Seu apoio, carinho e colo foram o meu combustível para continuar.

Agradeço também ao meu namorado Pedro por me dar a mão em todos os momentos de insegurança. Por me incentivar todos os dias sempre com um sorriso calmo.

Agradeço a minha amiga Eliza pelo cuidado e apoio durante todo o processo. E, claro, o chá de macela pra acalmar o coração antes da qualificação.

Agradeço ao meu amigo Mamede por acreditar em mim e sempre trazer a calma acompanhado de um sorriso largo de orgulho por fazer parte de toda essa trajetória.

Agradeço ao revisor do meu projeto, Paulo, por todas as nossas conversas e incentivos durante a correção.

A todos, meu mais sincero Axé.

RESUMO

A presente pesquisa teve como fio condutor entrevista realizada com uma professora de escola pública Municipal da Zona Leste de São Paulo e teve como objetivo apreender significações dessa professora acerca das estratégias didático-pedagógicas desenvolvidas para ministrar aulas crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). A fundamentação na Psicologia Sócio-histórica, que se baseia nos pressupostos teóricos-metodológicos do Materialismo Histórico-dialético, permitiu melhor apreensão dos movimentos da nossa realidade histórica, bem como a compreensão dos processos contraditórios de transformação aí imbricados. Buscou-se compreender as necessidades formativas para desenvolver as atividades e estratégias utilizadas, tentando identificar os instrumentos, recursos e materiais necessários. A realidade que provoca essa pesquisa é o professor em campo no seu processo educacional como profissional, carregando consigo conhecimento e experiência frutos de sua formação – expressa esta no seu fazer didático-pedagógico e na sua intencionalidade diante da realidade escolar e da diversidade relativa que enfrenta, notadamente no que se refere à inclusão de alunos com autismo. O instrumento utilizado foi a entrevista reflexiva. Foram feitos dois encontros on-line com a professora que geraram quatro Núcleos de Significação, sínteses indispensáveis para o processo de análise. Os núcleos revelaram a complexidade da experiência da educadora, como mãe de uma criança com autismo e como educadora compreendendo a inclusão escolar inexoravelmente como parte da prática docente. Historicamente, a situação das pessoas com deficiência se constituiu em embates pela luta por seus direitos: a inclusão escolar do aluno com autismo faz parte da construção ética e moral de uma sociedade menos excludente e segregacionista.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência. Autismo. Formação continuada. Atividade docente.

ABSTRACT

This research had as its guiding thread an interview carried out with a teacher from a municipal public school in the East Zone of São Paulo and aimed to understand this teacher's meanings about the didactic-pedagogical strategies developed to teach classes to children with ASD (Autism Spectrum Disorder). The foundation in Socio-historical Psychology, which is based on the theoretical-methodological assumptions of Historical-dialectic Materialism, allowed a better understanding of the movements of our historical reality, as well as the understanding of the contradictory processes of transformation intertwined there. We sought to understand the training needs to develop the activities and strategies used, trying to identify the necessary instruments, resources and materials. The reality that provokes this research is the teacher in the field in his educational process as a professional, carrying with him knowledge and experience fruits of his training - expressed in his didactic-pedagogical practice and in his intentionality in the face of the school reality and the relative diversity he faces , notably with regard to the inclusion of students with autism. The instrument used was the reflective interview. Two online meetings were held with the teacher, which generated four Meaning Nuclei, essential syntheses for the analysis process. The nuclei revealed the complexity of the educator's experience, as a mother of a child with autism and as an educator understanding school inclusion inexorably as part of teaching practice. Historically, the situation of people with disabilities has resulted in clashes in the fight for their rights: the school inclusion of students with autism is part of the ethical and moral construction of a less exclusionary and segregationist society.

KEYWORDS: Disability. Autism. Continuing training. Teaching activity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A PESQUISA.....	20
2.1 Problema.....	20
2.2 Objetivos.....	21
2.2.1 Objetivo geral.....	21
2.2.2 Objetivos específicos.....	21
2.3 Aporte teórico-metodológico.....	21
3 CONHECENDO O AUTISMO.....	23
3.1 Autismo e escolarização.....	28
3.2 Escola e família.....	33
3.3 O professor na educação inclusiva.....	35
3.4 Concepção medicalizante.....	37
4 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O SUJEITO.....	43
4.1 Historicidade.....	45
4.2 Totalidade.....	47
4.3 Pensamento e linguagem.....	48
4.4 Significações.....	50
5 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	53
5.1 Participantes.....	55
6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE INFORMAÇÕES.....	57
6.1 Análise de dados.....	57
6.1.1 Núcleos de significação.....	57
6.1.2 Pré-indicadores e indicadores.....	58
6.2 Os núcleos de significação.....	71
6.2.1 Núcleo 01: “A direção é uma liderança importante dentro da escola, e a direção da nossa escola tem essa visão de apoio e de acolhimento, e ela leva isso para gente, para todo o grupo de professores. Precisa ser dessa forma e a gente abraça porque a gente acredita também, obviamente, né?”	71

6.2.2 Núcleo 02: A necessidade de compreender a diversidade de expressões dos estudantes com autismo – “Tem professor que adora sala muda onde o aluno não fala (risos): a melhor sala são os quietinhos.”.....	80
6.2.3 Núcleo 03: O que a desinformação pode causar? “Em Alguns momentos, quando algumas pessoas percebiam que ele tinha uma característica diferente, eu falava ‘olha, ele é assim porque ele é autista, é a característica dele’. E aí eu percebi um certo. Ah! Coitado, né?”	87
6.2.4 Núcleo 04: Do que é feito o chão da escola “e aí eu percebo nos detalhes essa preocupação de incluir, de buscar!”.....	92
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE A: ENTREVISTAS.....	109
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	157

APRESENTAÇÃO

Estar em uma sala de aula é um desafio enriquecedor na relação professor/aluno. A percepção cotidiana da multiplicidade humana existente na escola é gratificante, instigante.

Quando refleti sobre os motivos que me fazem querer estar cada vez mais imersa neste tema escolhido para esta dissertação, pude compreender melhor diversas etapas da minha vida que, encadeadas, me trouxeram até aqui. As vivências iniciaram logo no campo familiar onde pude acompanhar as barreiras e a disparidade de oportunidades, face às outras crianças, que uma criança no Espectro Autista experimenta ao longo da sua vida - mesmo que não tenha, na infância, total noção da dimensão dessa exclusão. Essa caminhada que me possibilitou ver a exclusão da pessoa com deficiência, ficou ainda mais ativa quando, antes mesmo da graduação, estive em espaços educacionais voltados à dança, onde a criança com deficiência se apresentava em sala acreditando que sua capacidade de estar ali era inferior se comparada às crianças que não tinham deficiência.

Ao entrar na graduação em educação, pude experienciar estágios em escolas que abraçavam a diversidade educacional juntamente com o apoio financeiro e Projetos Políticos Pedagógicos ativos: era estabelecido um ambiente que continha uma estrutura favorável para que os educadores pudessem exercer o seu trabalho com um apoio contínuo por parte da gestão escolar. Também pude experienciar instituições escolares em que esses apoios financeiros e por parte da gestão existiam, mas, contudo, não faziam refletir esses apoios dentro de sala de aula, por parte dos educadores. Por outro lado, havia escolas que, mesmo não havendo o apoio necessário de políticas públicas, gestão escolar, professores e um ambiente que pudesse receber essa diversidade escolar, apresentavam propostas ativas, que caminhavam para um movimento heterogêneo, plural, onde a exclusão e segregação do aluno com deficiência eram inadmissíveis dentro do ambiente escolar.

Essa minha trajetória de acompanhar e vivenciar o que é a pluralidade educacional foi fundamental para que essa reflexão pudesse acontecer. Dentre essa diversidade, relevou-se um olhar para crianças que apresentavam alguma

deficiência, suas necessidades como alunos e alunas que precisam ser cuidados constantemente: isto se tornou importante reflexão crítica, elemento fundamental da educadora que pretendo ser! Esse pensamento constante veio carregado de questionamentos sobre os eixos que se fazem necessário para que haja uma educação igualitária. Caminhando por um olhar que já fazia parte da minha percepção do social, evidenciou-se a urgência em compreender o que é “estar dentro da escola” para uma criança com deficiência, entender sua relação com as pessoas dentro desse processo de escolarização, conhecer seu entendimento sobre as atividades a serem aplicadas pelo professor, e como esse educador enxerga esse aluno para que se possa desenvolver estratégias, metodologias que o atinjam de forma significativa e transformadora em seu processo de ensino-aprendizagem.

Pude perceber a importância de ser construída uma base devidamente alinhada para receber um aluno que, ao apresentar diferenças estranhas à organização regulamentar da escola, pode dificultar questões primordiais da vida escolar. Nesse sentido, essa construção deve partir da formação continuada dos professores, vinda por meio de políticas públicas que olhem para a educação como processo de inclusão e instrumento para a transformação da sociedade, que incentivem essa formação continuada junto aos professores para que estes se dediquem a esse imprescindível aprendizado. É essencial, também, que haja suporte por parte da gestão escolar, que esta reconheça o potencial desses docentes que estarão cada vez mais capacitados e atualizados, de modo que sejam provocados a refletir e questionar sobre as ações que norteiam o papel da escola e as responsabilidades que cabem a cada profissional da educação.

Muitos fatores, ainda, são determinantes para que um educador consiga ter uma boa relação professor/aluno: um planejamento pedagógico consistente, recursos que possam facilitar a ação didático-pedagógica em sala de aula, um ambiente eficiente de comunicação junto à equipe, salas apropriadas para comportar a quantidade de alunos existentes um apoio competente ao docente dentro de sala de aula. Essa são demandas pertinentes que aparecem constantemente dentro do espaço escolar, onde todos esses fatores deveriam estar presentes. Se faz imprescindível compreender a escola como um todo, partindo da premissa de que a escola não é um ambiente neutro e suas exigências e

competências são responsáveis pela emancipação do conhecimento, pelo respeito nas interações entre todos e pela formação educacional e moral dos seus alunos.

1 INTRODUÇÃO

*A atração exercida pelo conhecimento
seria bastante fraca, se para atingi-lo não
fosse necessário vencer tantos pudores.*

Friederich Nietzsche

Ser professor é compreender a diversidade humana dentro de um ambiente escolar como um desafio enriquecedor – diferentes culturas, gêneros, raças, classes, devendo ser acolhidos para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma transformadora. Nesse caminhar, os educadores encontram a pluralidade humana na individualidade de cada sujeito, diferenças plurais que se apresentam no espaço escolar, uma comunidade heterogênea capaz de transformar os alunos a depender das mediações que determinam o seu desenvolvimento e o seu aprendizado. É fundamental o acompanhamento dado pela instituição de ensino como um todo, e pelos educadores que lá trabalham, em compreender que o primeiro contato da criança fora do ambiente familiar é, por muitas vezes, na instituição de ensino, local onde irá apresentar-se como pessoa, onde irá desenvolver o seu processo de ensino-aprendizagem. Esse processo de desenvolvimento da aprendizagem no ambiente escolar se movimenta pelas ações docentes capazes de impulsionar o potencial dos alunos na compreensão do afetivo, cultural, histórico e social que o constitui e o transforma.

Diante disso, é imprescindível que a educação tenha um plano de ação para a inclusão escolar. É fundamental pensarmos a educação sempre voltada para a acessibilidade de todas e todos, em suas multiplicidades. A educação pautava-se em um ensino rígido e fechado que assegurou por muito tempo a memorização e reprodução de forma mecanizada como única forma de aprendizado.

A normalização se apoia no “enquadramento” do indivíduo e é resultado dessa perspectiva que entende que as diferenças são ruins, que as pessoas com deficiência têm que se tornar parecidos com os ditos “normais”. Processos de normalização são os que fizeram com que surdos fossem obrigatoriamente oralizados e proibidos de aprender libras, por exemplo. Fizeram pessoas com

deficiências físicas tentarem, de muitas formas, andar com aparelhos nas pernas, pois tinham que ser “consertadas” para seguir um padrão normalizado.

Assim, as dificuldades apresentadas devem ser trabalhadas pelo professor de modo a compreender que o ambiente escolar possui uma diversidade onde o desenvolvimento do aluno precisa ser instigado constantemente. Os docentes precisam compreender seus papéis na mediação das relações sociais que se desenvolvem em sala, notadamente buscando formas colaborativas de aprendizagem e visando uma formação voltada para a diversidade. É importante destacar que essa consciência educacional do professor deve vir acompanhada de um suporte por parte da gestão escolar e de políticas públicas, para que viabilizem esse processo.

Um educador não pode criar uma barreira ao considerar que o aluno com algum transtorno cognitivo possa “desacelerar” o desenvolvimento de uma turma, por não estar preparado para receber e acolher a diversidade de uma escola e a singularidade de cada aluno. Esse pensamento carrega a exclusão e seus estigmas sendo um retrocesso diante das ações que impulsionam a educação rumo à construção de uma escola equitativa e inclusiva. Segundo Gentil e Namiuti (2015), os caminhos didático-pedagógicos para construir um processo de ensino-aprendizagem passam por questões afetivas para que os processos cognitivos possam se efetivar; assim, os autores afirmam a necessidade de se manter uma proximidade entre essas duas dimensões a fim de observar as dificuldades que uma criança autista pode apresentar.

O conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é aprimorado a partir do questionamento sobre as diferenças observadas dentro do espaço escolar. Isso é necessário para que o professor possa desenvolver suas ações a partir da sua apreensão e construção de metodologias, estratégias e planejamentos dentro da sala de aula. Essa soma do conhecimento teórico, genérico, com as experiências observadas e estudadas na própria escola permite ir além dos saberes presentes no senso comum, atingindo a uma compreensão mais aprofundada, levando em consideração que todo sujeito é único e que suas necessidades para o progresso educacional também são singulares.

Esse pensamento deveria ser exposto em debates críticos reflexivos logo na formação inicial de um educador, explicando como a prática educacional

efetivamente acontece, os recursos que o profissional da educação deve ter acesso para que o seu papel dentro de sala de aula seja facilitado, possibilitando uma melhor qualidade de ensino (Mascellani, 1980, pp. 123-131). Sua jornada inicial de formar e produzir conhecimento irá, também, acompanhar e ser acompanhada pela realidade da escola, que está em constante movimento. Dessa forma, o educador não pode estagnar-se apenas no que lhe foi dado na formação, o discurso da falta de preparo se estabelece na descontinuidade de aprendizado na vida desse profissional, que em sua prática como educador se vê com demandas excessivas para as quais a sua formação inicial não o preparou. Destaca-se aqui sua falta de preparo para compreender, vivenciar e usufruir da pluralidade que é o ambiente educacional. A falta de incentivo para que a formação continuada aconteça impede parcial ou totalmente que esse processo crítico e reflexivo aconteça.

Do mesmo modo, o educador precisa garantir estratégias que contemplem essas singularidades, sendo importante manter uma rotina em sala de aula na qual o professor certifique-se de que a criança esteja sendo instigada a aprender, conhecer, investigar, sempre com atenção à questão afetiva e respeitando o progresso intelectual do aluno, suas múltiplas relações na dimensão social. “Todas as funções superiores formaram-se não na biologia nem na história da filogênese pura - esse mecanismo, que se encontra na base das funções psíquicas superiores, tem sua matriz no social” (Vigotski, 2011 p. 864).

O professor, ao fazer o seu planejamento de aula, precisa compreender quais as possibilidades de desenvolvimento dos seus alunos no processo de ensino-aprendizagem. A capacidade do aluno em refletir e questionar a respeito de suas ações é desenvolvida a partir do processo de avaliação e correção do seu próprio comportamento operacional, pois “[...] o desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar” (Vigotski 2011, p. 866).

A criança começa a tomar consciência de que as palavras têm significado nas relações sociais. Analisando esse movimento,

[...] o educador começa a compreender que, ao entrar na cultura, a criança não apenas toma algo dela, adquire algo, incute em si algo de fora, mas também a própria cultura reelabora todo o comportamento natural da criança e refaz de modo novo todo o curso do desenvolvimento (Vigotski, 2011, p. 866).

Vigotski, nessa afirmação, sustenta que o ser humano é artífice do seu próprio desenvolvimento, é capaz de construir estratégias que possibilitem atingir seus objetivos mediatos e imediatos. Quando, por exemplo, uma criança com deficiência, com suas limitações “naturais”, “biológicas”, se depara com as barreiras existentes na sociedade, são as estratégias construídas culturalmente que vão criar os “caminhos indiretos”, que vão permitir a resolução de problemas e, em última instância, seu desenvolvimento.

O processo de inclusão também deve partir da própria estruturação escolar que, de maneira geral, apresenta ainda hoje uma precariedade no que diz respeito ao aluno com deficiência e suas necessidades. O planejamento, o material didático, a especialização do professor, a estrutura da instituição, a equipe escolar ter o aprofundamento necessário sobre o aluno com deficiência, todos esses aspectos estão distantes, em grande parte das escolas, daquilo que precisamos para receber a diversidade que é uma sala de aula. A escola tem um papel para que esse engajamento profissional aconteça.

A valorização e o respeito às diferenças, e a efetivação mesma da inclusão, se dão apenas em uma sociedade em constante evolução. A luta pela conquista de direitos igualitários a todo e qualquer cidadão ao longo da vida, deve perpassar pelas preocupações dos gestores, compreendendo as singularidades dos seus alunos, objetivando uma entrega rica na perspectiva do tipo de política educacional inclusiva que pretende cultivar no ambiente escolar. Nessa linha, a gestão escolar deve oferecer suporte aos professores para que não tenham que carregar solitariamente os imprevistos com os quais se defrontam todos os dias em uma sala de aula: o apoio institucional é imperioso. É, também, essencial, que haja a compreensão docente com relação ao cuidado com o aluno, com o fato desse cuidado não estar apenas relacionado com a sua própria experiência e formação didático-pedagógica básica, ou seja, apenas ancorado no capital de saberes que acumulou até aquele momento, mas é indeclinável que invista em sua formação continuada na perspectiva de capacitar-se a desenvolver com rigorosidade um processo de inclusão estendido a todos.

Assim, é indispensável que o professor - junto à equipe gestora, à comunidade escolar e à rede de apoios que conseguir acessar e puder contar - construa estratégias que norteiem o complexo teoria-prática no que se refere ao universo escolar das pessoas com deficiência, pessoas que (deve-se pressupor de antemão) já carregam consigo a saturação do preconceito e do descuido cultural e socialmente construídos. Pessoas que precisam constantemente reafirmar seus direitos para que possam tê-los atendidos, ou têm sistematicamente suas necessidades mais importantes negligenciadas e excluídas dos contextos sociais que deseja e precisa frequentar e conviver. Diante dessa realidade, este estudo tem como objetivo investigar as significações dos docentes participantes da pesquisa em relação às estratégias pedagógicas para a criança no espectro autista.

2 A PESQUISA

2.1 Problema

Ao pensarmos na estruturação da formação didático-pedagógica, nos deparamos com “concepções que relegam o aspecto pedagógico-didático a um apêndice de menor importância, representado pelo curso de didática, encarado como uma mera exigência formal para a obtenção do registro profissional de professor” (Saviani, 2009, p. 147). Um ambiente escolar tem por base o dever de acolher e incluir toda e qualquer criança; para isso, os professores têm por responsabilidade apreender as constantes mudanças, tanto da realidade social, educacional, como do conhecimento na área específica de sua atuação investigando e aperfeiçoando sua apreensão sobre a multiplicidade humana através da formação continuada, com a finalidade de construir estratégias e metodologias que facilitem o ensino-aprendizagem, respeitando a individualidade e habilidades discentes que o professor busca desenvolver no progresso educacional dos alunos.

A atuação docente dentro do campo da educação inclusiva se apresenta de forma insuficiente, visto as necessidades e cuidados que precisam contemplar para que atinjam um bom avanço educacional. Logo no início da formação docente, a pedagogia não apresenta uma estrutura que incentive o professor a querer saber e conhecer mais de sua relação como educador. A formação continuada se torna uma ferramenta educacional fundamental para a formação do professor, um movimento reflexivo onde o educador pode perceber e contribuir de forma crítica os avanços educacionais. É importante ter claro que a formação continuada não deve ser vista como um grande “acúmulo” de teorias a serem abordadas, mas, sim, em pensar uma formação que seja capaz de, ao final desse processo de desenvolvimento, capacite o professor a construir uma visão reflexiva e a desenvolver uma prática crítica, ressignificando seu conhecimento de base.

[...] valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas (Nóvoa, 1995, p. 27).

É possível compreender que a sala de aula, para um professor que recebe o aluno com deficiência, precisa ter um preparo, um incentivo junto à gestão escolar, um planejamento. É preciso haver uma troca entre as partes que compõem a estrutura escolar que favoreça que o aluno tenha um processo de ensino aprendizagem de forma satisfatória. Deparar-se com a realidade escolar traz questionamentos de como o professor e a própria escola acolhem o aluno com deficiência, pensando também como o planejamento de aula é feito para essas crianças, estabelecendo um preparo que atenda toda e qualquer criança suprimindo as suas necessidades individuais, independentemente de ter deficiência ou não.

A presente pesquisa tem como objetivo procurar responder como os professores formulam suas estratégias didático-pedagógicas para crianças com TEA.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Apreender as significações dos professores da escola pública acerca das estratégias didático-pedagógicas para crianças com TEA.

2.2.2 Objetivos específicos

- Investigar quais apoios didático-pedagógicos têm os professores para a formulação de atividades para crianças com autismo;
- Compreender as necessidades formativas para desenvolver tais atividades e estratégias;
- Identificar os instrumentos, recursos e materiais necessários.

2.3 Aporte teórico-metodológico

Este estudo tem como orientação fundamental o desenvolvimento da humanização e da educação, sendo tais princípios ponto de partida para algumas considerações sobre os caminhos do autismo ao longo da história, perpassando a questão do que é a deficiência e destacando a discussão sobre o que é a deficiência na sociedade contemporânea, no seu perverso caminho de exclusão, segregação

e preconceito. Apresentaremos como o Espectro Autista é recebido nas instituições educacionais, focando especialmente na equipe educacional e em seus planejamentos didático-pedagógicos para receber esse aluno. Também destacaremos o professor no processo de educação inclusiva, como a sua formação e a sua compreensão da criança com deficiência interferem no ensino-aprendizagem desse aluno. Discorreremos, também, sobre o processo de medicalização nas instituições escolares utilizado como “solução” para o desenvolvimento educacional infantil esperado pela escola e até mesmo pela família. Falaremos sobre o quanto é importante ter um suporte familiar e educacional, os quais também interferem nessa inserção social da criança no movimento de conhecer o novo. Estaremos fundamentados na Psicologia Sócio-histórica que se fundamenta nos pressupostos teóricos-metodológicos do Materialismo Histórico-dialético, para melhor apreensão desses movimentos da nossa realidade histórica, bem como para a compreensão dos processos contraditórios de transformação aí imbricados. Juntamente a essa perspectiva, utilizaremos suas categorias teórico-metodológicas (historicidade, mediação, totalidade, pensamento/linguagem e significações) e os procedimentos de análise das informações obtidas na pesquisa através dos Núcleos de Significações e entrevista reflexiva. Todo esse complexo teórico-metodológico possibilitará a realização da pesquisa.

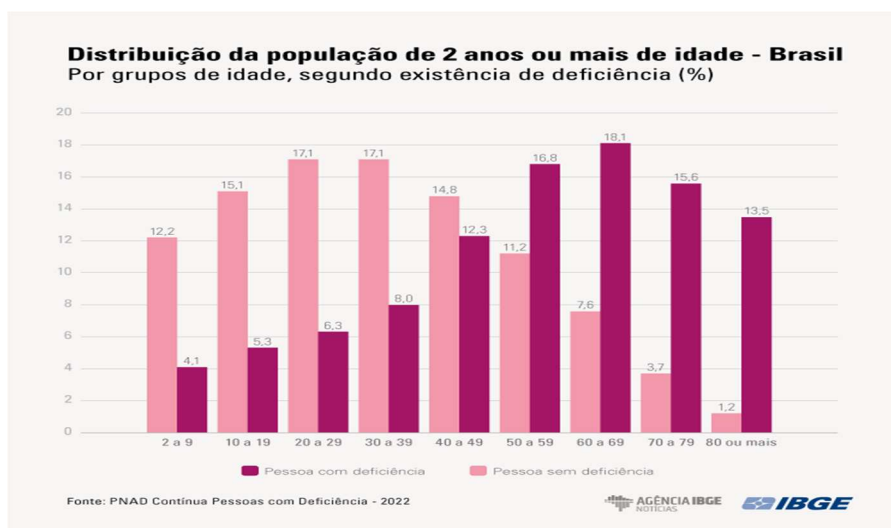
3 CONHECENDO O AUTISMO

Neste capítulo iniciaremos com uma breve apresentação do que é o Autismo e seus desdobramentos dentro da sociedade e principalmente dentro da educação. Para iniciar esta discussão é importante destacar que a deficiência na sociedade é analisada em três dimensões que têm como referência impedimentos, barreiras e restrições quando comparadas ao restante da sociedade. A Lei 12.764, de 2012, determina que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) seja considerada como “pessoa com deficiência” para todos os efeitos legais. Segundo os incisos I e II, a pessoa com TEA apresenta:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (Brasil, 2012).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Pessoas com Deficiência, de 2022, revela que cerca de 8,9% da população brasileira apresentam alguma deficiência. Dentre estas, as crianças têm uma maior dificuldade de serem compreendidas devido a dificuldades na comunicação, concentração e aprendizado. Veja sua distribuição, por grupos de idade, no gráfico abaixo:



A vida social e as constantes inter-relações entre os seres humanos é o que constitui sua subjetividade. O primeiro pensamento que costuma vir à cabeça quando se trata de pessoas com deficiência está carregado de um sentimento de cuidado, respeito e proteção. A sociedade contemporânea, contudo, costuma olhar uma pessoa com deficiência enxergando apenas suas restrições ou limitações.

De acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, s/p.).

É na sociedade que se encontram as barreiras que impedem a participação plena de pessoas com deficiência. A legislação mostra a necessidade deste social criar estratégias para eliminação dessas barreiras. Há um movimento contínuo de esforço para que esse sujeito se adapte à sociedade, e, não, um movimento contrário que apresente uma proposta de inclusão que não reduza o sujeito com deficiência em concepções biológicas e simplistas (Magalhães, 2021).

As barreiras que se interpõem no caminho das pessoas com deficiência são constantemente levantadas por uma sociedade que não disponibiliza condições que possibilitem seu desenvolvimento social e/ou seu processo de aprendizagem. “[...] Ser uma pessoa com deficiência não pode estar relacionada apenas à questão biológica, mas a tantas outras determinações sociais que possibilitam ou não a sua participação na sociedade” (Magalhães, 2021, p. 211).

Em nossa sociedade a deficiência é recorrentemente associada a uma doença que precisa ser medicada e controlada para encaixar-se nas demandas que o capitalismo neoliberal estabelece como necessário, cercadas de meritocracia e desigualdades que não permitem que os direitos igualitários sejam efetivados na realidade. A forma como o indivíduo age e exprime suas ideias está explicitamente interiorizado à maneira que o cultural e o social trazem e discutem um determinado fenômeno, produzindo grupos que segregam o que não está padronizado pela sociedade.

A Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID), em 1989, apresenta a deficiência como ausência ou

irregularidade biológica que delimita o desempenho da pessoa com deficiência em uma atividade levando em consideração sua idade, fatores sociais, sexo e cultura. Em 1997 a Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo o Ministério da Saúde (CIDDM-2):

[...] concebe a deficiência como uma perda ou anormalidade de uma parte do corpo (estrutura) ou função corporal (fisiológica), incluindo as funções mentais. Já a atividade está relacionada com o que as pessoas fazem ou executam em qualquer nível de complexidade, desde aquelas simples até as habilidades e condutas complexas. A limitação da atividade, antes conceituada como incapacidade, é agora entendida como uma dificuldade no desempenho pessoal. A raiz da incapacidade é a limitação no desempenho da atividade que deriva totalmente da pessoa. No entanto, o termo incapacidade não é mais utilizado porque pode ser tomado como uma desqualificação social. Ampliando o conceito, essa Classificação Internacional inclui a participação, definida como a interação que se estabelece entre a pessoa com deficiência, a limitação da atividade e os fatores do contexto socioambiental.

A inclusão social vem para substituir os procedimentos equivocados, também excludentes, que a sociedade considerava como única possibilidade das pessoas com deficiência não se manterem excluídas, procurando mecanismos de adaptação à “normalidade”, atendendo as condições culturais e sociais daquele momento histórico, justificando as discriminações, barreiras e preconceitos estabelecidos. Para a inclusão acontecer, é preciso que a sociedade passe a compreender que o papel da pessoa com deficiência dentro da sociedade deve ser entendido e assumido por todos de forma que valorize sua individualidade, suas limitações, mas também suas habilidades: é fundamental valorizar a pessoa que se situa antes da deficiência. “Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros” (Sasaki, 1997 p. 39). Segundo, Antônio Clemente Filho:

O desenvolvimento (por meio da educação, reabilitação, qualificação profissional etc.) das pessoas com deficiência deve ocorrer dentro do processo de inclusão e não como um pré-requisito para estas pessoas poderem fazer parte da sociedade, como se elas "precisassem pagar 'ingressos' para integrar a comunidade" (Clemente Filho, 1996, p. 4).

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI - Lei 13.146/2015), é uma conquista criada em julho de 2015 entrando em vigor em janeiro de 2016, com o objetivo de firmar a

responsabilidade governamental de direitos da pessoa com deficiência, direitos esses que antes eram deixados de lado ou inferiorizados em sua importância. Havia, portanto, a necessidade de um apoio político, histórico e social para a promoção e asseguramento desse segmento, em um constante caminhar para as condições exigidas pelo processo de inclusão que afeta a todos.

Vale explicitar aqui que a Convenção Internacional sobre o direito das pessoas com deficiência, realizada em Nova York pela ONU em 2006, com o objetivo de efetivar os direitos da pessoa com deficiência, apresenta o Protocolo Facultativo sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, afirmando, no art.1, p. 134:

[...] O propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente.

Este protocolo é consequência de um caminho árduo de conquistas que se sucederam em resposta aos constantes movimentos de luta empreendidos para a sua efetiva aprovação.

Mesmo que ainda tenhamos um caminho longo a ser percorrido, essa conquista apresenta um passo importante rumo aos direitos básicos da pessoa com deficiência, para que esta consiga ter um suporte significativo em seu processo de ensino-aprendizagem. A LBI destaca a importância de instituir-se generalizadamente os processos de inclusão da pessoa com deficiência “de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.” Também reforça que “É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação” (artigo 27).

Oficializar em lei um documento que apresente as necessidades básicas de um segmento é muito importante para que possamos continuar caminhando para uma sociedade mais igualitária, mas ainda há muito o que ser revisado e debatido. O artigo 28, inciso II, apresenta como o sistema educacional deve funcionar:

[...] aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena (BRASIL, 2015).

É importante revermos que, para esse aprimoramento acontecer, é preciso um investimento significativo na educação, não apenas para a estruturação, mas para desenvolver um olhar que encaminhe as ações desde a estrutura escolar até o incentivo à formação continuada do profissional da educação. É importante lembrar que cada sujeito é único e cada aluno com deficiência possui sua singularidade e o apoio desse profissional precisa estar afinado com as necessidades dessa criança com autismo e a todo um espectro de diferenças biopsicossociais.

[...] todos os dias os alunos nos colocam novas questões, novos problemas, novas ideias, novos desafios. Ser professor é estar aberto a este processo permanente de mudança, de atualização e reatualização sem o qual não estaríamos à altura de responder às necessidades de nossos alunos. Para haver renovação tem de haver formação, formação continuada (Nóvoa, 2020).

Segundo Nick Walker (2014) “O autismo é uma variação neurológica humana de base genética.” O cérebro autista possui níveis particularmente elevados de conectividades e respostas sinápticas; a mente autista se torna mais intensa ao captar e registrar mais informações do que pessoas neurotípicas.

O autismo é um fenômeno do desenvolvimento, o que significa que ele se inicia no útero e tem influência difundida no desenvolvimento, em múltiplos níveis, ao longo da vida. O autismo produz formas de pensamento, mobilidade, interação e processamento sensorial e cognitivo distintas e atípicas. Uma analogia frequentemente feita é que os autistas têm um “sistema operacional” neurológico diferente dos indivíduos que não são autistas (Walker, 2014).

Há um estereótipo que afirma que o autismo é um padrão de comportamento que perpassa entre o não-verbal silencioso passivo e o verbal agitado agressivo. Por falta de conhecimento ou preparo o professor estimula o aluno no espectro autista de forma reversa quando estão em comunicação, ou seja, mantendo uma correção constante na sua formulação de frases (Sparrow, 2018). No autismo,

implantar a existência de limitações ao que é considerado ter um diagnóstico de autista, invalida a ideia de que o ser humano em sua subjetividade tem sua construção pessoal única e abordagens próprias que ultrapassam os determinismos do diagnóstico.

De acordo com Maxfield Sparrow (2018), em seu processo de desenvolvimento a criança no espectro autista pode apresentar formas de se comunicar singulares e comportamentos que são vistos como comportamentos que precisam ser controlados. Quando adultos, esses mesmos comportamentos são podados, alertados e redirecionados para o que é classificado como “normal” em meio à sociedade, não respeitando a individualidade. Nesse caminho, é importante entender como Vigotski conceitua o desenvolvimento:

[...] processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e [como] processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (Vigotski, 2007, p. 80).

Para Silva (2019), a escola é o primeiro ambiente que essa criança irá frequentar após o ambiente familiar (que lhe traz de forma instintiva uma sensação de segurança). Sair desse local seguro, acolhedor, para frequentar a escola, é um rompimento do qual a instituição deve estar preparada para enfrentar, oferecendo essa necessária adaptação de modo a apresentar um novo meio social, também seguro e acolhedor, e as regras que acompanham esse novo ambiente.

3.1 Autismo e escolarização

O ambiente escolar possui um papel imprescindível não só no ensino-aprendizagem da criança, mas também na sua evolução cognitiva e social. Com isso, a escola precisa ser um ambiente institucional dotado de estruturas capazes de suprir as necessidades do aluno com profissionais devidamente habilitados, com o objetivo final de promover uma educação humana e de qualidade (Jesus e Lempke, 2015).

O progresso na aprendizagem de uma criança não se dá apenas pelo seu desenvolvimento cognitivo. Antes do aluno receber uma atividade existe todo um planejamento feito pelo professor - é importante destacar que, além de elaborar

essas atividades, conhecer seus alunos é essencial para que o professor tenha essa competência, para que as habilidades que são consideradas necessárias para que o aluno passe pelo ensino básico sejam apreendidas, para que o aluno não se torne apenas um reprodutor de tarefas, e que esse processo educacional o impacte de tal maneira que o transforme.

É importante que o professor se atente de que não há apenas uma maneira de apropriar-se do conhecimento. O fazer docente exige a responsabilidade de procurar a forma adequada para apresentar o conteúdo de uma determinada aula, considerando a grande diversidade de educandos ali existente. Essa responsabilidade traz um impacto significativo na forma como esse processo didático-pedagógico chega ao aluno para edificar sua aprendizagem. O educador dentre as suas habilidades necessárias tem o saber mediar. Ensinar um aluno é perceber suas necessidades e dificuldades e poder proporcionar a transformação na sua construção da aprendizagem (Angelucci, 2014). Os professores apresentam dificuldades quando se trata do autismo, seja por não se sentirem devidamente preparados após sua formação, ou seja, pela falta da educação continuada que dificulta sua ação em situações apresentadas em sala de aula. Os docentes se mantêm inseguros ainda que com suas experiências em comunidade escolar.

A fragilidade na formação traz um despreparo educacional que resulta em intervenções conectadas ao senso comum ou a padrões estereotipados do Espectro Autista. A compreensão teórica é fundamental para o profissional da educação que está em processo de desenvolvimento de um indivíduo (Schmidt et al., 2016). Dentro deste olhar, a forma como as informações serão assimiladas determina definitivamente a produção efetiva de conhecimento, e terá condições, a partir daí, de asseverar que cada sujeito apresenta um caminho diferente para a sua produção de ideias, para a sua construção de saberes. Assim, o educador deve considerar que esses sujeitos não são incapazes por apresentarem um diagnóstico de autismo e não devem, de forma alguma, excluí-los das inter-relações educacionais (Angelucci, 2014).

As especificidades apresentadas pela criança no espectro autista trazem uma insegurança para os professores, ao reconhecerem que suas limitações como educador aparecem desde a sua formação até a sua experiência na estrutura escolar e nas atividades a serem construídas. O professor precisa manter sempre

uma proximidade com o aluno, estimulando-o na comunicação, brincadeiras, na socialização, destacando os interesses que a criança apresenta, e, durante todo o processo, mantendo uma fala simples, objetiva e clara (Barberini, 2016).

É importante que o educador estimule o aluno com autismo a realizar as mesmas atividades que os seus colegas e não apenas disponibilizar atividades diferenciadas para ele, pois é importante que haja, entre os colegas, trocas de informações (Barberini, 2016, p. 50).

Para Eugênio Cunha (2012, p. 54), “as atividades devem possuir caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico”. O educar objetiva que todo e qualquer sujeito seja capaz de aprender de modo que o aprender não denote o aluno memorizar e reproduzir um conteúdo do currículo deslocado de sentido e significado para si.

(...) a afetividade e as emoções definem o que se aprende, ou não, bem como a qualidade da aprendizagem. Para pessoas dentro do espectro autista não seria diferente, as emoções têm um papel prioritário nas aprendizagens (Bertoldi e Brzozowski, 2020, p. 343).

Para favorecer a construção de ensino de qualidade para todos é importante que a criança no espectro autista não seja direcionada a manter atividades individuais apenas manuseando objetos. Ao estruturar as práticas pedagógicas, é fundamental que o professor estabeleça que as atividades sejam estimuladas e trabalhadas no coletivo, pois “as atividades diferenciadas para alunos com autismo ‘quebram’ com o conceito de inclusão” (Barberini, 2016).

O professor deve analisar o que determinado aluno tem como objetivo para poder contribuir na construção das condições necessárias para que ele os alcance, e possa satisfazer suas expectativas em relação ao seu progresso no processo de ensino-aprendizagem. É essencial que o currículo que o docente utiliza como base, não apenas compreenda os recursos que se referem aos déficits de aprendizagem, mas traga as práticas educacionais em experiências singulares e ricas de conhecimento, convertendo as necessidades que o aluno traz para a sala de aula na vontade de experienciar e aprender (Cunha, 2012). O currículo escolar deve abordar questões da prática pedagógica, onde o professor possa instigar a individualidade de cada um de seus alunos, sua autonomia e a relação social que se constitui no processo de ensino-aprendizagem. A concepção de educação deve

estar alinhada ao processo de construção e desenvolvimento do ser humano e, não, na suposta patologia discente. É preciso atentar, ainda, que o professor, ao desenvolver as suas práticas pedagógicas, não pode prender-se apenas ao planejamento feito de forma mensal ou anual, mas se atentar também, a cada momento, às necessidades individuais de cada aluno respeitando seus tempos de aprendizagem.

A maneira como a criança irá apreender é determinada a partir de como o professor estabelece as relações com o seu aluno em suas estratégias didático-pedagógicas para que o ensino-aprendizagem aconteça. Há uma relação dialética de mediação, nunca como reflexo, mas concebida no processo de transformação mútua das múltiplas mediações que a constituem. É fundamental que o educador saiba determinar os avanços possíveis que espera atingir com cada aluno a partir do seu planejamento pedagógico relacionado ao conhecimento que tem de cada um. Esse planejamento pedagógico deve partir de um embasamento científico e teórico, além das experiências vividas em sala de aula, para que consiga estabelecer um aprendizado impulsionador (Jesus e Germano, 2013).

Existe um movimento dialético neste processo de conhecimento e é nessa relação que o aprender é ressignificado, reestruturado. Deve-se perseguir uma relação que não pode apenas ser reproduzida, uma unidade dialética mediada, um processo em que dois elementos se constituem, nunca caracterizando uma relação do tipo “bancária”. Desse modo, Paulo Freire (1987, p. 68) consolida a ideia de uma troca de conhecimento através do diálogo onde, nessa troca, o professor e o aluno aprendem: “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Assim, em um processo em que dois elementos se constituem numa unidade dialética mediada, são as condições subjetivas/objetivas constituídas socialmente que possibilitam esse desenvolvimento discente e docente. Concordando com Prestes (2010) que, em sua crítica, traz uma explicação sobre Zona de Desenvolvimento, fazendo uma tradução dos escritos de Vigotski na tradução correta “Zona de Desenvolvimento Iminente” (ZDI). Apresenta em suas explicações que essa zona é uma zona de algo que está para acontecer, desvelando possibilidades. “Vale ressaltar que a zona de desenvolvimento iminente revela o

que a criança pode desenvolver, não significa que irá obrigatoriamente desenvolver” (Prestes, 2010, p. 160). Um caminho construído a partir das mediações que cercam o sujeito, sempre levando em consideração a sua individualidade, pensando no que a criança tem atualmente e no que tem possibilidades de desenvolver, um caminho também constituído por ações de outros sujeitos com vivências e conhecimentos diferentes, de forma colaborativa. É a partir das relações que essa “zona de desenvolvimento é justamente o caminho entre o atual e o possível” (Magalhães, 2021, p. 200) viabilizando um caminho para novos aprendizados.

É importante o papel da aprendizagem no processo histórico-social. É a partir das relações mediadas que o sujeito constitui suas relações intrassociais e intersociais. Uma das principais ferramentas nessa relação é a linguagem: é por meio dela que acontecem as trocas com o meio, criando as possibilidades para que as pessoas sejam por ele transformadas ao mesmo tempo que o transformam.

O processo de ensino-aprendizagem é corretamente empreendido pelo professor quando este se mantém aberto para conhecer o seu aluno de forma individual, o que cada criança verbaliza e, até mesmo, o significado dos seus gestos. Pensar dessa forma é fundamental quando falamos de crianças com TEA, que apresentam necessidades diversas, têm uma interação social e linguística que precisam de um olhar mais cuidadoso, necessitando de adaptações, avaliações especializadas e um amparo maior do professor (Orrú, 2016, p.151). Pensando especificamente no autismo presente na realidade da escola, podemos ver três cenários distintos para a criança: 1) quando ela é integrada em escolas especializadas ou em classes de recursos multifuncionais; 2) quando é mantida em casa por decisão dos pais sem o acesso a aprendizagem formal; 3) e quando é matriculada em uma instituição regular sem considerar o fato de que nem toda criança com autismo tem condições biopsicossociais para frequentar uma escola regular.

A forma como o professor irá trabalhar com o aluno no espectro autista em sala de aula é fundamental para que o desenvolvimento cognitivo desse aluno aconteça de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem. Além do seu planejamento de aula, sua ação também estará pautada em suas concepções e crenças que interferem na construção do aprender daquele sujeito. A compreensão

que o professor tem acerca das dificuldades do aluno dentro de sala de aula é imprescindível para que suas estratégias de ações didático-pedagógicas sejam reestruturadas e realinhadas para uma melhor evolução na aprendizagem. Se é perceptível que o indivíduo com autismo tem a plena capacidade de aprender, entende-se como papel do professor conhecer os interesses e necessidades desse aluno para que consiga, então, estruturar o direcionamento de sua aprendizagem (Orrú, 2016).

Pensar em estratégias didático-pedagógicas que compreendam a aprendizagem como um desafio a ser superado pelo aluno pressupõe conhecer esse sujeito de forma individualizada, ouvi-lo, e compreender suas necessidades. Assim, podemos trazer o processo educacional para um eixo que prioriza as vivências e interesses do aluno e potencializa o seu prazer na aprendizagem. Quando se trata de autismo e aprendizagem, é relevante incorporar conteúdo estruturado para o plano de aula visando as dificuldades e necessidades do aluno para um desenvolvimento, não só cognitivo, mas que envolva a construção da capacidade de senso crítico, posicionamento dos seus desejos e, principalmente, sua comunicação e interação com o outro.

3.2 Escola e família

Pensando na Constituição Brasileira de 1988 e na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), é assegurado o direito de a pessoa com deficiência acessar a estrutura educacional disponível a todos na sociedade, mas, ao olhar com mais cuidado na Constituição Brasileira (1988), os direitos são apresentados de forma a tratar a pessoa com deficiência como incapaz de produzir o que é esperado por uma sociedade capitalista desigual. Uma sociedade que apresenta como característica a exclusão ostensiva da pessoa com deficiência traz consigo iniciativas que reforçam a deficiência como um “problema” a ser resolvido. Sobre essa questão, o âmbito escolar e o familiar possuem um papel fundamental no desenvolvimento educacional da criança.

O primeiro momento da criança na escola é decisivo para a relação desta com a família, abrindo a possibilidade de trazer para a escola todas as informações sobre as formas de interação da criança com o mundo. De acordo com Silva (2019), o aluno no espectro autista, ao expandir suas relações na escola, também faz com

que seus responsáveis tenham um contato com outros pais que tenham crianças no espectro autista. Essa rede de apoio em comum traz junto ao contexto escolar, aos familiares, professores e crianças a possibilidade de estabelecerem propostas que favoreçam o aluno, respeitando a sua individualidade e seu progresso na aprendizagem.

O ambiente escolar, segundo Stainback (1999), “é um lugar dos quais todos fazem parte, em que todos são aceitos, onde todos ajudam e são ajudados por seus colegas”. Para que esse processo inclusivo aconteça democraticamente, e não se apresente como uma imposição a ser executada, é importante compreender que, além de uma legislação e da estrutura escolar, a criança no espectro autista precisa de mais, o que inclui uma formação de respeito e compreensão das diferenças existentes em uma classe regular e de uma sociedade que acolha e perceba a singularidade de um indivíduo como um aspecto inerente a uma sociedade heterogênea.

A atividade realizada por meio do lúdico, por exemplo, é um facilitador para o aluno autista e não autista nos anos iniciais e, em grande parte do ensino básico, como forma de desenvolver a criatividade e o pensamento lógico da criança, envolvendo o seu lado emocional e o seu lado intelectual, expandindo a possibilidade dos avanços na aprendizagem (Oliveira, 2004). Deve, portanto, esta prática, ser incorporada ao máximo ao arcabouço didático-pedagógico docente. A postura do professor dentro de sala é, pois, um dos pilares para que essa construção de conhecimento aconteça. Aulas que alcancem o objetivo de compreender o aluno em todas as suas dimensões não devem ser apenas aulas que foquem nos brinquedos e jogos considerados costumeiramente, didática e pedagogicamente essenciais. Ao contrário, devem ter uma fundamentação coerente com os objetivos educacionais explicitando os motivos pelos quais tais e quais brinquedos e jogos são considerados importantes: há que se estruturar essa justificativa no momento da realização do planejamento do curso e, após, no momento do planejamento da aula propriamente dita (Sarge et al., 2020).

O educador precisa ter um suporte teórico muito bem estruturado para uma compreensão dos porquês do seu trabalho. Precisa saber que pode sempre ir além com intencionalidade, que suas atitudes interferem diretamente no aprendizado dos alunos tornando, assim, o envolvimento com os educandos ainda mais importante.

Estar consciente desses princípios, apesar de parecer coisa simples, implica em um rompimento direto com os moldes já estabelecidos para o que se convencionou chamar “a escola do conhecimento pelo conhecimento” (Sarge et al., 2020).

A base familiar é imprescindível no desempenho da criança quando se trata de inclusão do aluno com autismo. A forma como a criança no espectro autista vai se constituir em sociedade vem dos incentivos e apoio dessa sociedade, da sua estrutura familiar e, conseqüentemente, da escola; ambas se constituem nos primeiros contatos sociais com os quais a criança irá se relacionar. Por isso é importante que sejam formadas interrelações professor-aluno no espaço escolar de modo que se ampliem posteriormente aos núcleos sociais que irão formar-se ao longo da sua vida.

Por isso, essa relação entre a família e a escola são pilares que permitem a essa criança incorporar e experienciar sua autonomia e suas particularidades transportando-se para possibilidades de uma maior consciência de si e do mundo. Reafirmando ainda que esses pilares sejam a base para a inserção da criança na sociedade, é preciso saber que esse apoio deve ser acompanhado de políticas públicas, leis ativas em prol da pessoa com deficiência, mas, principalmente, de uma sociedade em transformação, reflexiva e responsável no que se refere ao respeito às diferenças.

3.3 O professor na educação inclusiva

Segundo Tardif (2002), toda a base de conhecimento de um educador tem um destaque na compreensão do social. Podemos entender que seus saberes circulam entre suas experiências, sua formação e sua relação entre o disciplinar e o curricular. Todos esses saberes contribuem diretamente com a escola e esta carrega um posicionamento social que movimenta as ações educacionais da instituição. A prática curricular está inteiramente vinculada ao modelo social no qual a instituição escolar se assenta e compreende como relevante para a formação pedagógica e estrutural do ensino que ministra. Aguiar e Machado (2016, p. 264) evidenciam que “as significações compõem a atividade docente, do mesmo modo que é na atividade que as significações se constituem.”

Segundo Ibiapina e Carvalho (2016), os educadores são pesquisadores ativos ao trazer em sua prática uma reflexão constante da estrutura curricular e

disciplinar. Seus saberes experienciais são evidenciados no dia a dia no espaço escolar, evidenciando a necessidade de uma relação de integração desses saberes à sua prática (Tardif, 2002). A educação inclusiva apresenta o princípio da educação para todos, mas para que esse movimento seja concebido é preciso, não só da escola, mas de toda uma sociedade compreender a pessoa com deficiência, não como um grupo social dissociado, mas como uma realidade que faz parte do que é a diversidade humana.

Segundo Palma e Carneiro (2018, p. 168):

O propósito da escola inclusiva é que ela tenha competência para desenvolver processos e estratégias de ensino e aprendizagem capazes de oferecer aos alunos com deficiência condições de desenvolvimento acadêmico dentro de suas possibilidades, que os coloque, de forma equânime, em condições de acessarem oportunidades no mercado de trabalho e na vida.

Garantir apenas a matrícula não é um ato que promove integralmente a educação inclusiva. Para que se sedimente um caminho rumo a um sistema educacional inclusivo é importante reconhecer as mudanças necessárias que vão, desde a formulação do Projeto Político Pedagógico (PPP), até as estratégias elaboradas pelos professores, ainda que precisem buscar esse apoio inicialmente com educadores que possuam especialização e experiência na Educação Especial.

Há uma carência de professores qualificados para o ensino que respeitem as diferenças do espaço escolar, exercendo uma ativa compreensão de ser o principal agente para a inclusão dos alunos com deficiência dentro da sala de aula (Carmo et al., 2019). A escola é um espaço onde a formação de conhecimento do aluno depende significativamente do que o professor tem como teoria e experiência capazes de despertar os saberes individuais de cada aluno. Segundo o Ministério da Educação:

A luta pela qualidade e pela inclusão é concomitantemente uma luta pedagógica e social. A escola inclusiva tem como princípio fundamental que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de qualquer dificuldade ou diferença que possam ter. Deste modo, tornam-se mais sensíveis e crescem respeitando as semelhanças e diferenças individuais (BRASIL, 2002 p. 03).

Devemos reconhecer no processo continuado de subjetivação-objetivação do professor as possibilidades de novas significações, capazes de refletir sobre a

essência do aprendizado e do conhecimento considerando uma experiência mais empática com os seus educandos. No movimento entre novos antigos conhecimentos os professores se desenvolvem e estabelecem uma troca de experiências, principalmente quando feitas coletivamente.

A preocupação em desvendar o conhecimento do conhecimento torna-se imperiosa para que o sujeito possa explicitar suas intencionalidades e assumir a responsabilidade pelos atos cotidianos. Essa busca e esse interesse se refletem no jeito de olhar do adulto, capaz de ver além do que se lhe mostra, ao realizar um duplo movimento entre as coisas vividas e pensadas. E esse exercício de reflexão abre caminhos para possíveis mudanças e transformações (Placco e Souza, 2015, p. 57).

No momento em que o professor tem a consciência das necessidades individuais de seus alunos emerge a possibilidade de uma promoção verdadeiramente inclusiva em suas práticas pedagógicas, estabelecendo um planejamento de suas ações em sala de aula, voltado para essa realidade.

A escola também é um local de aprendizagem continuada do professor, centralizando um momento de reflexão e pensamento crítico. A formação que auxilia o professor a estar sempre conhecendo o novo e se atualizando em seus saberes possibilita a resignificação da aprendizagem docente (Placco e Souza, 2015).

3.4 Concepção medicalizante

Uma esfera que precisa ser abordada com muita atenção é a medicalização. “A medicalização é descrita quando processos que não faziam parte da esfera médica passaram a ser considerados como tal” (Conrad; Schneider, 1992). Um sistema de ensino que considera comportamentos de distração ou agitação inadequados passa a ver a criança, não como um sujeito que precisa ser compreendido a partir de necessidades educacionais específicas, mas um aluno que precisa ser “controlado”.

Gilles Deleuze (1990) conceitua o controle como uma forma de padronização contínua de uma sociedade disciplinar que possui como marco a segunda Guerra Mundial. A modulação é uma das características de uma sociedade que não vê a necessidade do movimento de evolução social como prioridade. O controle permite que moldes sejam estabelecidos de modo que seja apresentada uma

descontinuidade de ações a serem tomadas e que esse processo varie de acordo com as necessidades da sociedade. Essas práticas vêm se estruturando no novo formato de escola na contemporaneidade que apresenta práticas na educação semelhantes ao controle que se espera em nossa sociedade.

O cuidado e a consciência da importância em proteger e zelar pela criança se dá por todas as modificações sofridas ao longo da nossa história, que culminaram na desigualdade e exclusão social na infância (Ilaniski, 2009). Uma percepção sobre o “ser criança” se modifica de acordo com a classe social: em uma classe social empobrecida, subalternizada, o trabalho é visto como prioridade, como meio de sobrevivência; em uma classe social privilegiada a questão do trabalho está distante da criança que cumpre uma agenda excessiva de tarefas suplementares em esportes, cursos vários, etc. como obrigações a serem cumpridas para que se forme “plenamente” para a fase adulta.

Em nossa sociedade contemporânea, os pais assumem um papel menos participativo na vida da criança devido ao grande período no trabalho e uma demanda cada vez maior por consequência da globalização e o grande crescimento de competitividade no mercado de trabalho. Com isso, há uma tentativa de minimizar essa falta de tempo mantendo a criança ainda mais na escola, onde a instituição está como maior pilar de responsabilidade na educação desse aluno.

O impacto da globalização e dos avanços ilimitados de uma sociedade tem o capitalismo como base que justifica uma sociedade voltada para o consumo e apresenta uma constante e intensa competição no mercado global, diminuindo a responsabilidade do Estado no âmbito social e econômico. Isso impacta em fatores que recaem no mundo infantil, com a desestabilização do Estado em relação à sua competência que induz diretamente o econômico e, por consequência, uma dificuldade de produção de ações efetivas de políticas públicas (Oliveira e Libâneo, 1998).

A medicalização se apresenta como uma possibilidade de “controle educacional” a partir da década de 70, expandindo-se de modo significativo no Brasil a partir dos anos 2000 (Brzozowski e Caponi, 2013). Os medicamentos (psicofármacos) têm como função atuar diretamente no sistema nervoso central, podendo haver mudanças no comportamento e nos processos cognitivos. Os psicofármacos são apresentados pela medicina como uma alternativa para

tratamentos neurológicos e/ou psiquiátricos que podem gerar alterações relacionadas à percepção e consciência (Prado et al. 2017). O aumento do uso de psicofármacos traz um posicionamento extremamente positivo para a indústria farmacêutica, no sentido de que esta é considerada uma (ou única) tábua de salvação, mantendo, por sua vez, uma maior produção e divulgação do seu uso posicionando-os como o principal caminho para o tratamento de todas as mazelas humanas (Machado e Ferreira, 2014).

A forma como uma criança deve se encaixar em seu meio social é idealizada por adultos e esse controle precisa ser feito também por um adulto que padroniza a forma como essa criança deve se portar em seu dia a dia “[...] é natural que o adulto decida sobre a infância e que o espaço que ela ocupa fique limitado às interpretações – construídas cultural ou socialmente – pelo mundo adulto” (Chaves e Kruehl, 2019).

A criança, ao apresentar dificuldades de aprendizagem, automaticamente é relacionada a algum transtorno educacional. “[...] o fato de a criança não ser escutada na sua singularidade, como alguém que tem uma história e que está inserida num contexto familiar e social, tornando-se um objeto com uma falha no corpo, sujeito a intervenção por medicamentos” (Chaves e Kruehl, 2019). Esse olhar na educação faz com que o ensino que faz parte da nossa estrutura social, se torne um fazer médico para uma “normalização” em sala de aula, uma formatação de pessoas e de comportamentos.

Em uma instituição escolar há uma expectativa de acordo com a sua faixa etária, o que direciona os professores a ter um posicionamento que determina um certo preconceito do que a criança consegue ou não desenvolver em um determinado tempo (Collares & Moysés, 1996). Quando é feito o diagnóstico, e este acaba por confirmar o não atingimento desta expectativa, o caso é direcionado a um processo de medicalização. Inicia-se um caminho, muitas vezes sem retorno!

Vale ressaltar que medicamentos são facilmente administrados, podem ser potentes em seus efeitos e, no geral, seu custo é menor quando comparamos com outros tipos de cuidado como, por exemplo, psicoterapia e atendimento individualizado na escola. Esse fato torna potencial o risco de substituição do cuidado individualizado pelo medicamento (Bertoldi & Brzozowski, 2020, p. 346).

É preciso cuidado ao diagnosticar um aluno no espectro autista, apresentando como única saída a medicalização. Isso traz um posicionamento de que o motivo de não manter a sala em “ordem” é de responsabilidade daquele indivíduo pelo seu comportamento.

Um professor ao entender que a sala de aula precisa ter um modo de se portar único para todos os alunos para que consiga manter em ação seu planejamento de aula, estabelece que atitudes vindas do aluno como agitação, falta de concentração, brincadeiras que não estejam estipuladas para aquele momento é relacionado a perda dos limites em sala e um “incômodo” que precisa ser resolvido, tratado como indisciplina e até mesmo um encaminhamento para um tratamento especializado (Dentee, 2015).

A grande produção de diagnósticos nos encaminha a um grande problema social, a medicalização infantil se instaura com o passar do tempo podendo ser relacionada à manipulação e o controle de corpos domáveis e passíveis de obediência. Na verdade, a maioria das situações não passa de uma falha no sistema de escolarização que indica um acompanhamento psicológico e psiquiátrico como forma de justificar o fracasso escolar através de um laudo médico.

Ao contrário, a escola deve considerar a subjetividade da criança sob a perspectiva biopsicossocial e entender que o processo de ensino-aprendizagem pode variar de uma criança para outra. Assim como sua aprendizagem, o seu comportamento em sala de aula, de se manter agitada ou muito quieta pode variar, não só a depender da sua rotina do dia, mas também na relação aluno/professor (Meira, 2012), perdendo o que seria a construção de um processo relacional, estruturando-se em uma categoria de transtorno ou doença. “Perde-se a singularidade do comportamento da criança na medida em que ela é diagnosticada e medicada” (Chaves e Kruehl, 2019). O laudo médico junto ao uso do medicamento pode trazer resultados decorrentes ao seu uso contínuo, apenas um resultado imediato provocando um aumento na disposição e concentração, o que traz a percepção de uma criança mais “calma e obediente”, mas, na realidade ela encontra-se sob os efeitos medicamentosos (Claro e Machado, 2018).

A medicalização se apresenta como uma forma de controle para comportamentos indesejados em sala de aula, se tornando um ato comum nos espaços escolares. Apresentar justificativas para tal comportamento estabelece

que dificuldades de concentração, aprendizagem e socialização precisem de uma intervenção médica, excluindo o diálogo e reduzindo diferenças a intervenções terapêuticas (Brzozowski e Caponi, 2013).

Os professores, diante do que é diferente, pensam que devem se apropriar biologicamente dessa diferença, tentando enquadrar esses estudantes em algum quadro diagnóstico construído em laudos, prescrições médicas, etiologias de síndromes e de deficiências como forma de explicar a diferença de uma pessoa. Fazem isso buscando achar um caminho para os processos de ensino-aprendizagem, desconsiderando todas as outras mediações que constituem o estudante.

Ao perceberem que os alunos precisam de cuidados que consideram estar distantes do que fez parte da sua formação, ou trazem um posicionamento de ter dificuldades com educandos que tenham um diagnóstico, buscam meios através de formações continuadas que os direcionem a apropriar-se da diversidade biológica (TDAH, Dislalia, Discalculia, Autismo, Síndrome de Down, Dislexia etc.) que se encontra dentro do núcleo escolar que traz a heterogeneidade do aprender e como aprender (Angelucci, 2014).

Segundo Bertoldi e Brzozowski (2020, p. 23), “Biologizar questões sociais isenta o sistema social. Na escola, por exemplo, o risco disso é que a discussão se desloque de questões político-pedagógicas para questões médicas e inacessíveis à educação”. Isso faz com que a escola e a família, que são responsáveis por mediar uma boa construção afetiva, educacional e social tracem o comportamento desejado para o que é apresentado como “normal” de uma criança.

A medicalização do fracasso escolar alimenta a crença de que as dificuldades de aprendizagem estão no aluno e são consequências de uma doença. Esse fato movimentou um grande mercado de serviços por meio dos encaminhamentos a especialistas feitos pelas escolas. As crianças são submetidas a uma quantidade de exames e testes tantos quantos forem necessários à suposta 'descoberta de seu problema'. Um aspecto importante a ser observado para a análise da medicalização escolar não é a existência real de uma doença, e sim o fato de não mais se pensar na criança agitada sem se levar em conta algum distúrbio neurológico (Sanches e Amarantes, 2014, p. 509).

Quando se pensa na demanda escolar, a rotulação dos alunos se apresenta como uma produção em massa de diagnósticos para justificar comportamentos que diferem do esperado em sala de aula. Levamos a escola para um lugar de análise

e classificação do que se rotula pela sociedade como um padrão de ação a ser seguido por um indivíduo.

É importante frisar que não pode existir uma negação de um acompanhamento médico para uma criança que pode se beneficiar dos tratamentos a partir de um diagnóstico. Mas é necessário que haja um cuidado maior em possíveis excessos de diagnósticos e o uso excessivo de medicamentos porque, do contrário, podem trazer a ideia de que toda criança no espectro autista precisa ter o mesmo tratamento em termos de medicamentos e de acompanhamento psicológico, podendo haver uma generalização equivocada, desconsiderando as múltiplas diferenças que se apresentam no espectro das crianças com autismo.

4 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O SUJEITO

O desenvolvimento deste capítulo teve como base a Psicologia Sócio-histórica, com o apoio do pensamento vigotskiano que apresenta como principal norte para os seus estudos, criar uma psicologia capaz de compreender a gênese social do indivíduo através do psiquismo humano tendo como base a dialética de Marx. Serão utilizadas, também, as categorias do método Materialismo Histórico-dialético que nos permitirá compreender o fenômeno da deficiência nesta realidade que nos provoca. Vigotski (2004, p. 150) afirma, ancorado em Marx, que “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas”.

A perspectiva Sócio-histórica “impõe considerar o fenômeno social como processo, como realidade constituída por sujeitos” (Gonçalves e Furtado, 2007, p.28). Só podemos ter uma melhor compreensão quando saímos do superficial considerando as múltiplas possibilidades de ações de um sujeito em sua subjetividade que é determinado e se constitui por meio do cultural e do social. “O sujeito, na Psicologia Sócio-histórica, é compreendido como aquele que se constitui na relação dialética com o social e a história.” (Aguiar e Machado, 2016, p. 265).

A Psicologia Sócio-histórica compreende o real como um processo histórico que se desenvolve e se movimenta a partir da contradição. O desenvolvimento do novo se dá de forma crítica e histórica, permitindo aos sujeitos ativos empreenderem movimentos de superação. E será neste processo que o humano se constituirá. Aguiar e Bock (2009, p. 25) destacam:

Para o ser humano, o social diz respeito à complexa rede de mediações que constituem as relações que, uma vez subjetivadas, podem se objetivar como funções psicológicas superiores, as quais passam a mediar o seu modo de pensar, de sentir e de agir, numa perspectiva qualitativamente diferente da forma como ocorria anteriormente, especialmente no início da vida.

Tal perspectiva possui como fundamento o método Materialista Histórico-dialético. Deste modo, compreendemos cada ser humano como um ser social, histórico e ativo que está em constante transformação, onde a sociedade, através

da produção histórica, em sua atividade, produz e constrói sua realidade social, do mesmo modo que os humanos constituem sua subjetividade. Importante destacar que a subjetividade se constitui em um movimento contraditório, que se faz constante do fazer humano (Bock, 2001).

“As capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural” (Ana Bock, 2001, p. 22).

É por meio da relação com outros sujeitos, em relações de mediação, que os sujeitos, dialeticamente, subjetivam a realidade objetiva e objetivam a subjetividade, construindo desta forma a realidade social e a si mesmos. Ana Bock (2001, p. 23) concorda com esse processo e ressalta ainda que, em relação ao sujeito, “conhecê-lo desta forma significa retirá-lo de um campo abstrato e idealista e dar a ele uma base material vigorosa.”

A Psicologia Sócio-histórica contempla uma área da Psicologia e da Educação e possui um arcabouço teórico-metodológico, que se apresenta com um teor de criticidade frente à realidade e traz uma visão política e ética na qual se insere o presente trabalho. Sendo assim, a forma de analisar a realidade está diretamente associada à necessidade de posicionamento.

As categorias teórico-metodológicas nos auxiliam nesta empreitada de apreensão e explicação da realidade estudada. Por isso, neste primeiro momento será apresentado um entendimento das categorias, tanto do método Materialismo Histórico-dialético como da Psicologia Sócio-histórica, que têm a função de explicar o real, permitindo uma análise crítica, no nosso caso, dos participantes da pesquisa, assim como do fenômeno estudado.

As categorias são construídas para explicitar o movimento do real, sua materialidade. Carregam em si o movimento do fenômeno analisado e todo o seu processo histórico, suas contradições. Fazer uso das categorias é trazer todo esse movimento e suas relações em uma compreensão do processo em sua totalidade. São indicativos para olhar e apreender o real, o fenômeno concreto. Nesse sentido essas categoriais nos orientam na constituição da compreensão do real (Aguiar e Machado, 2016).

A relação entre homem e sociedade se dá por meio da mediação, relação em que um constitui o outro mantendo a sua singularidade, o que nos permite afirmar que o sujeito, ao estar em sociedade, traz a possibilidades de instaurar o novo. Dessa maneira, a internalização desse processo se dá pela atividade para a configuração da existência humana. Podemos, assim, compreender o sujeito como histórico, social e singular. Ao transformar a sua realidade objetiva o sujeito também subjetiva elementos dessa realidade em um movimento dialético que produz novos sentidos.

Compreender a relação de mediação existente entre os fenômenos é fundamental para entender as determinações de um sobre o outro. Quando dizemos que estão em uma relação de mediação, compreendemos que os dois polos que compõem essa relação dialética constituem uma unidade de contrários, não são a mesma coisa, são, elementos diferentes em relação entre si, mas um não existe sem o outro. A importância dessa categoria se dá pelo fato dela explicitar e explicar os movimentos existentes na realidade, as contradições. Deste modo, as relações que pareciam imediatas, poderão, por meio da lógica oferecida por esta categoria, ser apreendidas na sua complexidade, como relações dialéticas, mediadas.

De um lado, definir a si mesmo, e de outro definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais (Kosik, 1976, p. 49).

Ao conhecer o sujeito histórico, o uso da categoria Mediação norteia o pesquisador a compreender que o homem constrói relações em uma análise crítica, para além da aparência, a partir de múltiplas determinações e não de forma direta e imediata. Dessa forma, para explicar as mediações que constituem sua história é necessário caminharmos para a categoria seguinte, Historicidade que nos permite apreender o indivíduo em sua constante relação com o meio e com outros indivíduos compondo assim sua história e construindo sua subjetividade na objetividade.

4.1 Historicidade

Para conhecer a realidade e o sujeito se faz necessário questionar e conhecer sua história, não somente a partir do “o que é”, mas “como surgiu” e todo o seu movimento e transformação: esta é a pergunta chave no processo de conhecimento (Aguiar e Ozella, 2013), permitindo a compreensão da gênese e todo o processo de transformação. “É importante ter em conta que os instrumentos que mediam a relação dos sujeitos entre si e com o mundo, possibilitando ao indivíduo agir nesse mundo construindo sua própria trajetória também conservam a história daqueles que o precederam.” (Aguiar e Machado, 2016). É preciso compreender que a historicidade não é uma cronologia linear de fatos, mas um movimento presente por relações dialéticas que se articulam na realidade material constituídas pela totalidade que sempre estará em constante movimento (Lukács, 1979).

A categoria historicidade nos permite perceber e compreender esse movimento, se apropriando desse conhecimento, analisando criticamente a realidade de forma concreta. A historicidade não é o simples ato de transformar, mas o direcionamento na mudança que se expõe qualitativamente pela ação do sujeito. Vigotski (2007) afirma que:

[...] o naturalismo na análise histórica manifesta-se pela suposição de que somente a natureza afeta os seres humanos e de que somente as condições naturais são os determinantes do desenvolvimento histórico. A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para a sua existência (Engels, s.d., p.172, apud Vigotski, 2007, p. 62).

As categorias mediação, historicidade e totalidade estabelecem uma relação que contemplam o movimento das mudanças sociais que viabilizam a análise da realidade social.

A realidade é movimento que se dá nos acontecimentos considerados “comuns”, e podemos melhor apreender e compreender esse movimento que se objetiva na totalidade por meio das categorias. A Psicologia Sócio-histórica entende que seres humanos estão intrinsecamente constituídos em uma relação dialeticamente social e histórica, havendo uma necessidade de compreensão da vivência desses sujeitos, construída socialmente naquela realidade a partir das suas relações, ou seja, de suas mediações constitutivas.

Dessa forma, é importante entender que o real é contraditório e que precisa ser analisado de maneira crítica no seu movimento. Assim, na sua subjetividade, construída historicamente, o sujeito, em sua atividade, subjetiva a realidade e objetiva algo que é dele. As contradições afloram para nossa compreensão quando transpomos a superfície da aparência. Dessa forma, conseguimos perceber que o ato de pensar deve ser compreendido também nesse movimento inexoravelmente passível de contradição.

O sujeito altera o social produzindo condições para que mudanças aconteçam; a existência natural do ser humano é por si só um movimento de alteração do meio em seu processo. Ao trazermos o pensamento categorial criamos as possibilidades de desvelar a realidade de forma concreta, entendendo o seu movimento.

4.2 Totalidade

A totalidade é um complexo de complexos, não é possível pensar totalidade sem a história, o todo contém a parte e, também, a parte contém o todo (Aguiar e Machado, 2016). Importante lembrar que será pelas mediações que alcançaremos uma compreensão mais totalizante, ou seja, que a totalidade contém as mediações.

Para uma melhor compreensão da realidade escolar é fundamental que ela seja analisada à luz da totalidade social. No entanto, não se pode pensar na escola como um reflexo do todo, mas um recorte de uma realidade que contém essa totalidade. Não é possível pensar a totalidade sem a compreensão do processo histórico **no** qual ela se constitui; a parte contém o todo, o que permite analisar uma escola como fenômeno que contém multiplicidades para ser o que ele é, olhando à luz da totalidade que contém essas partes dialeticamente constituídas.

Obter uma descrição de um fato não faz com que se alcance a apreensão da totalidade, mas apenas um fragmento da sua essência. O que se pretende é a compreensão da articulação das múltiplas mediações e contradições existentes na realidade. Segundo, Kahhale e Rosa (2009):

A categoria totalidade implica uma articulação dialética em que a parte e o todo, o singular e o plural estão imbricados dialeticamente um no outro; não se confundem, mas não existem isoladamente, por isso, não são apreendidos separadamente. Isso significa que o singular expressa dimensões do plural ou do todo que o constitui, assim como o todo articula

dialeticamente todas as possibilidades das singularidades a partir das quais se produz. Para que esse processo possa ser apreendido trabalha-se com a categoria mediação (pp. 30-31).

É importante compreender o individual e o coletivo, olhar a realidade sobre o prisma da dialética geral que constitui o fenômeno. Entender esse processo é compreender que o fato está articulado com outros fatos, são elementos interrelacionados que constituem as práticas: há necessariamente que se buscar elementos históricos para essa compreensão. Para compreendermos a totalidade é necessário pensar em suas mediações. Segundo Kosik (1976), a Totalidade, no pensamento dialético:

[...] não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída se são entendidos como partes estruturais do todo (pp. 35-36).

4.3 Pensamento e linguagem

A atividade de um sujeito se dá por intermédio da sua ação na natureza, transformando o ambiente no qual ele se encontra por meio de múltiplas determinações objetivadas naquela realidade. Para cada indivíduo, essa atividade acontece de acordo com o seu meio social, assim como consoante à sua subjetividade historicamente constituída. Segundo Ana Bock:

[...] a linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social. Conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual; de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo. Conhecê-lo desta forma significa retirá-lo de um campo abstrato e idealista e dar a ele uma base material vigorosa. Permite ainda que se supere definitivamente visões metafísicas do fenômeno psicológico que o conceberam como algo súbito, algo que surge no homem, ou melhor, algo que já estava lá, em estado embrionário, e que se atualiza com o amadurecimento humano (Bock, 2004, p. 6).

Ao mesmo tempo que é transformado pela realidade, o sujeito também interfere nessa realidade e a transforma. É fundamental compreender a consciência do sujeito como única e insubstituível (Vigotsky, 1989). Diferentemente dessa perspectiva sócio-histórica, materialista histórico-dialética, na psicologia do comportamento as ações do sujeito acontecem de forma padronizada, a compreensão do pensamento, da fala e de quaisquer ações do sujeito se dão por meio de uma referência padrão amalgamada aprioristicamente, a qual mediará a consciência do fenômeno.

A linguagem, de acordo com Aguiar e Ozella (2006), é essencial para a mediação homem e sociedade; a relação pensamento e linguagem se dá na medida que um constitui o outro, uma relação dialética do interno/externo no discurso.

Os signos, instrumentos psicológicos, são constitutivos do pensamento não só para comunicação, mas como meio de atividade interna. A palavra, signo por excelência, representa o objeto na consciência (Aguiar e Ozella, 2013, p. 303).

Os signos, ao constituírem a consciência, orientam a forma como o sujeito vê o mundo e como a realidade objetiva vem até ele e o transforma (Vygotsky, 1989). Segundo Vygotsky (1989, p.119), o movimento do pensamento e linguagem se dá por meio da fala. O significado da palavra acontece quando projetado e objetivado na realidade na medida em que se apresenta como fenômeno de pensamento, e o fenômeno linguístico de constitui na medida em que a consciência formula o seu pensamento e com ele a palavra se conecta.

As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana (Vygotski, 1993, p. 132).

É por meio da palavra que se pode analisar a relação pensamento/linguagem. A constituição do significado da palavra se dá por meio da sua construção em seu contexto social e cultural (Rodrigues, 2017). Segundo Kassar (2000),

[...] O discurso não é um território homogêneo com sentidos únicos, mas um local de conflitos e lutas sociais, no qual surgem e se transformam diferentes significações. Na apropriação do discurso, apropriamo-nos

também de conceitos, de valores etc., que transitam socialmente, os quais incorporamos, modificamos, recusamos (Kassar, 2000, pp. 44-45).

O sujeito carrega em sua fala as significações, entendidas por nós como a dialética articulação dos sentidos e significados. E serão elas que nos permitirão o acesso à Subjetividade do sujeito. A suas formas de ser pensar e sentir em relação a algum fenômeno. A linguagem é uma das formas mais utilizadas para a comunicação entre indivíduos, do indivíduo com o mundo externo. São essas relações sociais que viabilizam o processo de humanização.

4.4 Significações

Para compreendermos as significações, podemos iniciar explicando o movimento do pensamento-palavra. Para Aguiar e Ozella (2013, p. 303), “temos que analisar seu processo, que se expressa na palavra com significado, e, ao apreender o significado da palavra, vamos entendendo o movimento do pensamento”. O pensamento não se cristaliza, sua constante transformação nos permite compreender que a transição do pensamento até o discurso acontece pelo sentido/significado.

O pensamento e a palavra são um processo em movimento, onde o primeiro se realiza no segundo. Para Vygotsky (1995), o pensar e o falar se mantêm interrelacionados, sendo mediados pelo significado das palavras que estão em constante movimento, construindo e desconstruindo as formas de compreensão dos fenômenos constitutivos da realidade de acordo com as relações históricas e socioculturais. Dessa forma, para melhor compreender a relação do pensamento com a fala é fundamental abarcar a categoria sentido-significado.

A categoria sentido-significado nos ilumina para melhor compreensão da constituição do sujeito. Importante lembrar que essa categoria é constitutiva do pensamento, ao mesmo tempo que da linguagem. Os significados são “dicionarizados” e partem do que é produzido no social e histórico, esse processo de produção acontece na relação entre os grupos sociais. Os sentidos são os que mais se aproximam da subjetividade, trazendo o que mais exprime o sujeito em seu ser, agir e pensar. O pensamento de Aguiar et al. (2009, p. 65), corrobora essa proposição: “falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo

tempo”. Assim, os sentidos são mais fluidos e instáveis. O movimento que constitui os sentidos é complexo e é formado por múltiplos fenômenos psicológicos produzidos por seres humanos nas suas relações com o social.

Os sentidos e significados são elementos diferentes entre si, que, ao mesmo tempo, se constituem mutuamente: um não existe sem o outro. Não podemos apresentar os sentidos sem os significados, pois eles estabelecem o seu campo semântico por meio do social que os constitui, a partir da troca de relações entre sujeitos em seu processo ativo de transformar a natureza por meio da sua atividade. Segundo Leontiev, (1978, p. 209), “O sentido pessoal representa, não uma consciência individual, mas, sim, minha consciência social”.

Para Vygotsky (1995), o sujeito é capaz de edificar seu processo de conhecimento a partir do meio social e histórico no qual está inserido. Esse processo é interiorizado através das relações sociais que constitui ao longo da vida. Para isso, estar em constante interação social, através da linguagem e pensamento, é essencial para apropriar-se da diversidade de significados que constituirão sentidos que serão reconfigurados a novos significados pelo sujeito.

(...) o significado é um componente essencial da palavra e é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento, pois o significado de uma palavra já é, em si, uma generalização. Isto é, no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal (Oliveira, 1993, p. 48).

Nessa perspectiva, o pensar é carregado de emoções que se objetiva através da fala significada, é preciso abarcar no seu movimento até aquele instante histórico para analisar seu processo. Sendo assim, pensamento e linguagem estão dialeticamente relacionados onde um não pode ser compreendido sem o outro (Aguilar e Ozella, 2013).

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo (Aguilar e Ozella, 2013, p. 304).

A categoria significações, em uma perspectiva crítica e reflexiva, nos permite compreender o fenômeno estudado através da palavra com significado,

possibilitando que o pesquisador caminhe em seus aprofundamentos e reflexões apreendendo, assim, a essência para além da realidade simples.

5 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Esta pesquisa tem o intuito de apreender as significações dos professores acerca de estratégias didático-pedagógicas para crianças com autismo, constituindo-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, assim como afirma Bogdan e Biklen:

Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (Bogdan e Biklen, 1994, p. 48).

A entrevista é um instrumento de produção de informações, pois apresenta uma forma de trazer reflexões complexas, em pesquisas qualitativas que têm como intuito a compreensão das significações.

De acordo com Minayo (1996), a interação entre pesquisador e pesquisado traz uma posição que não permite uma neutralidade efetiva. Uma entrevista que se cerca por uma “arena de conflitos e contradições”, “critérios de representatividade” e da “interação social que está em jogo na interação pesquisador-pesquisado”. A maneira que a conversa é conduzida interfere no processo relacional e nas informações que irão aparecer nessa troca.

“[...] o processo de produção de significado é tão importante para pesquisa social quanto o significado que está sendo produzido” (Holstein e Gubrium, 1995, p.04). Durante a entrevista, a forma como a interação irá acontecer é fundamental para que as informações passadas de forma única e enriquecedora sejam vistas e compreendidas pelo entrevistado de forma clara e acolhedora.

Para Heloisa Szymanski (2019), uma entrevista reflexiva não é apenas carregada de intencionalidade por parte do pesquisador. No seu processo de pesquisa, se faz necessário uma interação pesquisador-pesquisado para que este possa se sentir seguro e, por parte do pesquisador, este possa transmitir a credibilidade do seu trabalho e a relevância que aquele pesquisado tem para aqueles encontros. É acolher o seu discurso e apreender, refletir sobre aquela fala

de modo que não passe como uma sequência de palavras para fazer parte de um documento.

Dessa forma, a entrevista por nós realizada, apesar de ser direcionada, pretende apreender sentimentos, experiências, expectativas, interpretações. Esse “[...] processo interativo complexo tem um caráter recorrente, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados por emoções e sentimentos” (Szymanski, 2019, p. 195). Essa troca pesquisador/pesquisado também é um momento de organização de ideias onde o pesquisado recebe uma construção de saberes e discursos que o faz perceber e refletir sobre novos conhecimentos.

A entrevista é o momento onde o pesquisador deve estar atento, não só à fala do entrevistado, mas também às emoções que se expressam na sua fala. Sob diversas estratégias de abordagem disponíveis ao entrevistador, ele pode conduzir o entrevistado a revisitar um tema já tratado sob nova roupagem, mediante novas informações e novas perspectivas oferecidas: “[...] a possibilidade de um outro movimento reflexivo – o entrevistado pode voltar para a questão discutida e articulá-la de uma outra maneira, uma nova narrativa a partir da narrativa do pesquisador” (Szymanski, 2019, p. 197).

É importante que o pesquisador tenha uma estrutura da entrevista bem organizada, a fim de evitar situações que possam deixar o pesquisado desconfortável ou inseguro durante o processo de prospecção de informações. Essa organização leva tempo e demanda cuidado. A forma como esse instante acontece está relacionada também à história do entrevistado, o seu modo de pensar sobre determinado assunto, o seu capital cultural, a realidade social na qual está inserido, todos esses elementos irão aparecer a partir do que foi planejado e estabelecido na aplicação da entrevista. De acordo com Szymanski, (2019):

O que é considerado intervenção, além de influência mútua, é o resultado de um processo de tomada de consciência desencadeado pela atuação do entrevistador, no sentido de explicitar sua compreensão do discurso do entrevistado, de tornar presentes e dar voz às ideias que foram expressas (p.199).

Esse movimento reflexivo está alinhado à importância do processo de produção de significados. É a partir dessa interação que será expresso o que o

pesquisador pretende conhecer. O que será apresentado, discutido, debatido ou verbalizado será expresso de forma única que só aquele momento pode produzir, de maneira que, talvez, o pesquisado nunca tenha exposto até então diante de uma situação que lhe é cotidiana. Esse movimento que essa narrativa demanda torna-se um apanhado de pensamentos e exposições insubstituíveis e carregadas de significado. Nessa medida, a pesquisa tem o intuito de apreender as significações dos professores acerca de estratégias didático-pedagógicas para crianças com autismo.

5.1 Participantes

Critérios utilizados para a seleção da participante da pesquisa:

- ✓ Uma profissional da rede pública de ensino de São Paulo;
- ✓ Experiência mínima de 2 anos na educação inclusiva atuando com crianças diagnosticadas com TEA;

O período de 24 meses foi estipulado por ser um tempo significativo para que o professor conheça as necessidades da sua turma, levando em consideração as suas experiências ativas na escola.

- ✓ Uma Educadora que atue no Ensino Fundamental, fase escolar onde o processo de aprendizagem do aluno, e o que é esperado por parte do professor, partem de uma demanda de atividades que prepare o aluno para uma maior autonomia em seu progresso educacional.

Com isso, pretendemos atingir nosso objetivo geral, apreender as significações dos professores acerca das estratégias didático-pedagógicas para crianças com TEA.

Nessa medida, optamos por escolher uma professora entrevistada para produzir as informações necessárias à pesquisa. A educadora carrega uma rica experiência pessoal como mãe, com um filho diagnosticado com TEA e TDAH, e todo o seu conhecimento profissional dentro da formação docente inclusiva.

A pesquisa foi realizada em parceria com o grupo de pesquisa GADS, o qual desenvolve um projeto financiado pela CAPES sobre os impactos da Pandemia na educação básica. Fazer parte do grupo me proporciona constantes questionamentos sobre a evolução e o retrocesso do que é a escola, e de como a

intervenção de políticas públicas constitui elemento fundamental para o desenvolvimento constante da sociedade tendo o seu olhar impreterivelmente voltado para a educação.

6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

A unidade de análise desta pesquisa é a fala da participante, sendo mais precisa, as significações produzidas por ela, que revelam suas experiências a partir da entrevista. Assim, é fundamental compreender que é a partir dessas significações, sobre as atividades docentes para com o aluno no Espectro Autista, que a análise foi realizada. Dessa forma, foi possível perceber sua singularidade, que carrega a totalidade social consubstanciada em psicológico ao ser objetivada na realidade. Para que haja esse primeiro movimento, é importante dedicar especial atenção à experiência do sujeito.

O procedimento de análise “núcleos de significação” é um procedimento teórico-metodológico que, uma vez que os participantes sejam provocados a expor suas significações, o pesquisador, com o cuidado de ouvir suas transcrições sob a ótica da Psicologia Sócio-histórica e do Materialismo Histórico-dialético, será capaz de apreender a realidade para além da aparência (Aguiar e Ozella, 2013).

6.1 Análise de Dados

6.1.1 Núcleos de Significação

Para a terceira etapa de análise, a constituição dos núcleos de significação, encetamos um processo que consiste em aglutinar e reorganizar os indicadores intencionando, ao mesmo tempo, uma apreensão mais profunda e mais sintética das significações prospectadas. Esse procedimento é baseado na metodologia que sustenta esta pesquisa, para seguir trazendo interpretações e reflexões ainda mais totalizantes da realidade. É importante destacar que as falas que apresentam contradições compõem mutuamente o sujeito extraíndo e evidenciando a composição das significações do sujeito afetada pela realidade. Esse processo permite que o pesquisador consiga compreender o movimento dialético que vai além da aparência tornando possível teorizar e apreender o processo histórico e social das significações.

6.1.2 Pré-indicadores e indicadores

Nesse momento passaremos a impulsionar a análise por meio da organização das sínteses das prospecções de informações e conhecimento. O processo dos pré-indicadores acontece em uma primeira leitura flutuante, destacando as unidades que contenham e expressem a materialidade, onde o pesquisador empreende uma organização para a identificação das palavras com significado. Consiste em um processo de organização e reorganização a partir de várias leituras, “[...] gestando nesse processo novas interpretações que podem expressar um movimento analítico-interpretativo de superação” (Aguiar et. al, 2021, p. 07). Os pré-indicadores obedecem a utilização de “critérios de similaridade, complementariedade e contraposição”.

Com a articulação desses pré-indicadores é possível obter uma maior clareza em questões fundamentais apresentadas pelos sujeitos da pesquisa. A unidade de análise é a fala do sujeito apreendida em sua significação “a menor parte que revela as propriedades do todo” (Vigotski, 1934/2001). Importante trazer aqui que a análise se fundamenta no materialismo histórico-dialético, na busca do entendimento de como a singularidade se constitui a partir da totalidade social. Desse modo, esse movimento destaca um percurso importante para a apreensão das mediações e particularidades desse sujeito que é histórico, social e contraditório.

Com a estruturação dos pré-indicadores, há um avanço intencional em compreender e empreender o próximo passo: o esforço criterioso e analítico para a elucidação mais totalizante dos indicadores. A constituição dos indicadores se dá na articulação dos pré-indicadores, se tornando uma síntese destes em decorrência da análise das falas com significação. Assim, a fala do sujeito que contém suas significações representam a materialidade inicial para a estruturação do indicador. É importante entender que “Essa síntese, configurada no indicador, é sempre provisória, porque ainda não articula a totalidade das expressões dos sujeitos” (Aguiar et. al, 2021 p. 08).

Com a construção dos pré-indicadores e indicadores, nos é possibilitado estar cada vez mais imersos na realidade focada na pesquisa. O caminho para a análise dos Núcleos de Significação “[...] é agregar, de modo dialético, as condições

sociais e históricas que favoreçam um movimento analítico capaz de apreender os processos constitutivos dos sujeitos articulados em um grupo e, assim, a gênese das significações” (Aguiar et. al, 2021, p. 5). Nessa trilha, a pesquisa seguiu procedendo uma análise das falas da professora entrevistada: todo o material transcrito foi produzido mediante um processo recorrente de escuta e de leitura das falas. Em um segundo movimento o recorte feito para a nossa unidade de análise acontece na “palavra compreendida como significação” (Aguiar et. al, 2021). Para isso, é utilizada a apreensão de significações em um processo de análise e interpretação das falas do sujeito levando em consideração as mediações.

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<p>Profa.: Eu não enxergava eles como pessoas que precisavam...que tinham especificidades que precisavam ser olhados de uma forma diferenciada e precisavam ser atendidos de uma forma diferenciada para tentar equalizar.</p> <p>Profa.: hoje eu consigo enxergar isso, eu entrava numa sala de aula e todos eram iguais, a minha aula era igual para todos, então eu não tinha consciência no início de carreira e até um bom tempo de que nenhum aluno era igual ao outro.</p> <p>Profa.: Essa desigualdade eu não enxergava. 35 alunos dentro da sala de aula que são todos iguais, né? Não são diferentes. Então é um planejamento igual para todos uma forma de ensinar igual para todos, um desejo que todos aprendam de uma forma diferente.</p> <p>Profa.: [...] aí eu acho que é isso tá em relação a barreiras, eu acho que é esse grande problema mesmo foi essa questão no começo de invisibilidade de não enxergar esses alunos e de não ter uma preocupação em querer fazer, pensar num trabalho pedagógico, mais para eles com a cara deles, que atenda que consiga incluir efetivamente o aprendizado enfim, eu acho que é isso.</p>	<p>Falta de formação para a inclusão e suas implicações na prática</p>

<p>Profa.: Eu já era licenciada, eu já era professora né, mas eu não tinha formação em relação à educação especial. Então não tinha nenhuma informação a respeito disso. Hoje se fala muito sobre educação inclusiva quando eu iniciei não existia esse termo.</p> <p>M: Na sua formação não tinha nada que se relacionasse à inclusão.</p> <p>Profa.: Não existia um currículo dentro do currículo Universitário nada que tratasse a respeito de educação inclusiva então eu fui pensar na educação. Inclusive por conta da questão pessoal, né? Eu não enxergava os meus alunos.</p> <p>Profa.: Então o poder público ele tem grande influência dentro da escola. Não tem como não falar se não há políticas públicas voltadas para questões de inclusão, se não são reconhecidos como deficientes ou se não tem os seus direitos garantidos, eles são invisíveis na escola era um reflexo de uma sociedade que considerava, que considera ainda. Em muitos momentos essas pessoas invisíveis, então eu acho que essa foi a grande barreira invisibilidade desse público e diante disso, a gente não tinha formação, não tinha nada, não se falava.</p>	
<p>Profa.: Pra escola em alguns momentos também quando algumas pessoas percebiam que ele tinha uma característica diferente, eu falava olha ele é assim porque ele é autista é a característica dele. E aí eu percebi um certo. Ah como coitado, né? Mas, enfim.</p> <p>Profa.: E ai eu senti dela uma resignação, não sei se é essa palavra, mas um sentimento de resignação. Eu não tenho muito o que fazer (resposta dada pela coordenadora).</p> <p>Profa.: Ah, gostei muito falei gostei muito da escola poucos alunos por sala que é o</p>	<p>A falta de apoio da escola para uma mãe com um filho diagnosticado com TEA.</p>

<p>que eu preciso porque o meu filho é autista. No mesmo momento o semblante dela mudou e ela me recusou a vaga.</p> <p>Profa.: Não existia essa lei que respaldasse a partir daquele dia eu prometi para mim mesma que eu nunca mais falaria para ninguém que meu filho era autista. Entende? Não, não vou mais falar.</p> <p>Profa.: Ele precisa ir para uma escola de educação especial. Seria bom ele uma escola de educação especial uma escola específica para ele. É porque eu tenho outros pais, eu tenho outras crianças, ele pode bater nas outras crianças e os outros pais não vão gostar então ela já fez lá. Aí sim é o preconceito misturado com a desinformação.</p> <p>Profa.: Olha eu acho que aqui não é o melhor lugar para ele porque nós não temos estrutura nós não temos professores formados nós não temos e não temos nós não temos, então não é melhor para ele.</p>	
<p>M: Porque você trouxe sua experiência de professores que foram acolhedores, você trouxe experiência de professores e de escolas que não foram acolhedoras, mas para você, como você entende o papel do professor na educação?</p> <p>Profa.: O professor independente de suas condições que ele enfrenta estruturais, que a gente sabe que são condições estruturais complicadas.</p> <p>Profa.: Ele deve buscar né? Não é que ele pode, ele deve! Então essa minha postura o professor deve buscar conhecimento se ele não sabe ele por natureza profissional, ele deve ser pesquisador.</p> <p>Profa.: Ah! Mais a estrutura não me permite as políticas públicas não me permitem, mas faça dentro do que você consegue do pouco que você queria que</p>	<p>O processo de formação do professor inclusivo</p>

<p>fosse permitido fazer, já é um ganho muito grande.</p> <p>Profa.: E eu enxergo no professor essa obrigação de ser por natureza, ele é tem que ser pesquisador para aprimorar sempre o seu trabalho, né? Se ele ficar sempre do que ele aprendeu na faculdade quem perde é a educação pública. Deixa de ser de qualidade.</p> <p>Profa.: [...] aí ele vai fazer esses papéis, entende? Não que seja obrigação, mas aí ele vai fazendo porque, poxa, ele que tá ali o dia inteiro com aquela criança, então ou ele faz ou ele fecha os olhos e finge que tá tudo bem, que é como eu falei professor é exigente ele não vai fechar os olhos, ele vai fazer.</p> <p>Profa.: E claro sempre procurar formação acadêmica, né? O chão da escola ensina muito, mas a gente precisa formar né?</p>	
<p>Profa.: Quando a gente fala de educação inclusiva a gente fala não só de alunos com deficiência, mas a gente fala de todos né? Então incluir um aluno com deficiência não é só colocar ele ali naquele espaço, é propiciar para ele oportunidade efetiva de aprendizado, de socialização também, no caso do TEA a questão social é bem comprometida em muitos momentos, né? Então se conseguir criar situações para que ele consiga se socializar para que ele consiga se expressar verbalmente.</p> <p>Profa.: Se comunicar né? Não é só colocar ele ali dentro daquele espaço, é oportunizar situações pedagógicas e de acolhimento, né? Que ele se sinta acolhido, pertencente, naquele espaço que ele participe efetivamente daquele momento independente, né? E nós temos crianças (fazendo referência à escola na qual trabalha).</p> <p>Profa.: Não é só porque eles estão juntos que eles vão aprender dentro da escola, ele tem uma estrutura, né? Tem uma estrutura que tem que ser muito clara muito</p>	<p style="text-align: center;">A importância de um bom planejamento para assegurar o processo inclusivo</p>

<p>objetiva, então o aprendizado dentro da escola, segue planejamentos, tem que ser muito bem planejado articulado, né? Eu quero isso, quero que o meu aluno desenvolva essa habilidade, como eu vou fazer para ele desenvolver essa habilidade, né? Então eu vou pensar em metodologias de trabalho pedagógico para que ele desenvolva tal habilidade que eu desejo que ele tenha naquele momento que ele adquira ali.</p> <p>Profa.: [...] minha aula não podia ser igual para todos eu tinha que enxergar a maneira não só a aula como eu conduzir a minha (pausa para pensar) o meu planejamento, né de aula, mas a minha, a minha metodologia não podia ser igual, né? Porque os alunos não eram iguais.</p>	
<p>Profa.: Então em nenhum momento eu desestimulei ele a fazer isso. Eu acho que é importante que ele fale, né?</p> <p>Profa.: Se você reforça e elogia que ele fale ele vai querer, tem que ser estimulado a falar mais. Independente da disciplina né? (Risos) Não é só dentro da sala da escola, mas para fora na sociedade.</p> <p>Profa.: Se eu me opor em relação ao seu pensamento, se o professor fala não é isso, é aquilo outro, ele nunca mais vai levantar a mão para falar.</p> <p>Profa.: Eu dei a prova a mesma prova que eu dei para os outros eu dei para ele. Aí eu falei (nome do aluno), se você precisar de um tempo extra você me fala que aí eu tiro você da sala, você vai fazer em outra salinha, ta bom (nome do aluno).</p> <p>Profa.:! E aí a gente cria aquelas salas mudas, os alunos mudos que não falam nada. Tem professor que adora sala muda onde o aluno não fala (risos) a melhor sala são os quietinhos.</p> <p>Profa.:[...] ela tem uma aluna com TEA, ela sempre chega um pouco mais cedo essa professora chega mais cedo todo dia, só</p>	<p style="text-align: center;">A importância do olhar individualizado na sala de aula: a apropriação das especificidades favorece uma prática adequada e inclusiva</p>

para organizar a sala de aula a caixa de brinquedos naquele lugar o cartaz naquele lugar, aquele livro naquele lugar para não desestruturar aquela aluna que ela tem com TEA.

Profa.: As crianças, os jovens com TEA, eles têm cada um sua especificidade, eles não são iguais, né? Tem várias questões aí que os caracteriza Então dentro de cada especificidade de cada aluno. Independente se tem TEA ou não, né? A gente tem que individualizar o trabalho pedagógico.

Profa.: Ai a criança, o TEA não cura, bem não tem cura, mas quanto mais quanto mais o tratamento multidisciplinar, o estímulo quanto mais cedo ele for estimulado, da questão da fala, na questão da socialização, menos os danos vamos dizer assim, eles vão acabar sendo menores, né? E aí essa criança vai conseguir socializar na escola, vai conseguir aprender.

Profa.: É claro que não foi só um trabalho que eu desenvolvi, foi um coletivo de professores, em coletivo da coordenação pedagógica, né.

Profa.: É porque às vezes se a gente facilita muito eu não vejo até onde ele pode ir então, às vezes eu dou um, deixa eu ver se ele vai conseguir aqui então vou dar um desafio aqui e ele vem, mas é um degrauzinho.

Profa.: O (*nome do aluno*) por exemplo é um aluno claramente que tem um comportamento atípico, ele não tem laudo, bom se ele não tem laudo eu trato ele como os outros? Claro que não.

Profa.: O professor vai agir não importa se ele não tem laudo, mas eu tô percebendo que ele tem um comportamento atípico, que ele tem ele precisa de uma metodologia diferente, então eu vou fazer independente se você tem laudo ou não,

<p>né? Que isso vai refletir no aprendizado dele, né? Então aí lá a gente vai trabalhar socialização dele, vai trabalhar comportamento, a linguagem, independente se tem laudo ou não, né? Porque senão fica insustentável o trabalho com ele. Não tem como.</p> <p>Profa.: Então, incluir um aluno com deficiência não é só colocar ele ali naquele espaço, é propiciar para ele oportunidade efetiva de aprendizado, de socialização também.</p> <p>Profa.: Ele vai ter um momento de atividades com aquele texto que é para ele especificamente, mas que todos vão fazer, mas que eu preparei especificamente para ele, mas que ninguém precisa saber, os outros alunos precisam saber que eu criei para eles especificamente aquela atividade, mas todos vão fazer. Isso é inclusão. Isso é incluir!</p>	
<p>Profa.: Então a direção teve esse cuidado te acolher, sabe e ele teve crise se jogou começou querer bater na carteira, e tudo. Me chama que eu vou lá e eu resolvo a professora não tem condições emocionais para lidar com a situação na mesma hora a direção tá lá.</p> <p>Profa.: E é coletivo, né? Não é só a escola, é a família, ele tem um apoio familiar muito grande, né? E é esse apoio familiar, esse apoio escolar de todos, esse coletivo que fez toda a diferença na vida escolar do (nome do aluno)</p> <p>Profa.: É cativar sempre, cativar as famílias, as crianças e ter essas famílias como suas parceiras, sempre. Eu acho que o princípio tá.</p> <p>Profa.: Nós temos um material muito bom de recurso físico, de material para crianças com deficiência, a escola em si ela não tem barreiras físicas, não consigo pensar em nenhuma.</p> <p>Profa.: [...] tem bastante material mesmo que não tivesse a direção, ela é super</p>	<p>O coletivo e o suporte tecnológico e didático impulsionam o avanço dos alunos</p>

<p>aberta para comprar mais coisas enfim, né? O que precisar. Olha, precisa de um computador para isso, para trabalhar, precisa de um computador para trabalhar com computador a gente arruma o computador.</p> <p>Profa.: [...] mas vamos supor que o (nome do aluno) precisasse de um computador, olha ele consegue escrever melhor, ele tem lá uma certa dificuldade de coordenação, eu preciso fazer atividade toda no computador. Ele teria o computador dele. Pode ter certeza disso. Não tenho medo de errar falando isso que ele teria esse material, sim.</p>	
<p>Profa.: [...] então a gente vai usar uma estratégia de gravação. Ele explica para ele mesmo, o que ele entendeu e depois ele se escuta ele escuta, ele não tem domínio da escrita, né?</p> <p>Profa.: [...] eu tô com ele faz tempo. Então <u>eu conheço as características dele, né é difícil quando você tá com um aluno que ainda você tem que conhecer, é difícil, porque conhecer as características dele para poder saber o que como eu tenho que desenvolver essa atividade de que forma eu vou de que qual é vocês em estratégia, qual vai ser a minha metodologia com ele.</u>**</p> <p>Profa.: Ele precisa de um uma atividade reduzida com uma linguagem diferenciada. Poxa, como é que eu professora de língua portuguesa, vou ensinar para ele poesia sendo que tem tanta metáfora. Então foi um cuidado grande que eu tive que ter por que eu sei que que tem algumas questões que eles são muito literais, né</p> <p>Profa.: o (nome do aluno) por exemplo, eu preciso de um cuidado maior então ele tem dificuldade de se organizar. Então eu ajudo ele nessa organização de rotina, de agenda de lista de tarefas, ele tem essa dificuldade de organização é espacial tá</p>	<p>Estratégias na prática do ensinar</p>

<p>falta de organização espacial mesmo de espaço de caderno.</p> <p>Profa.: Porque quando ele gosta de algo ele consegue memorizar e aprender mais fácil, eu falei perfeito, como que a gente vai fazer isso. E hoje nós tentamos e bolamos uma estratégia de aprendizado da língua portuguesa para ele que usasse a programação. Então, nós arrumamos o computador e ela (fazendo referência a estagiária) está fazendo um programa para ele mesmo usar, ela tá ensinando ele a programar.</p> <p>Profa.: Qual é a postura que aí eu entro lá com um reforço positivo um elogio. Muito bem, é isso! Porém você já pensou sobre isso? E tem que ser com ele muito objetivo evitar as metáforas, né? Tem que ser muito claro muito objetivo, então é uma estratégia.</p>	
<p>Profa.: [...] a gente tem a formação de segunda a quinta-feira, nós temos formação do meio-dia a uma e meia e lá é claro a gente trata de vários assuntos, inclusive esses assuntos voltados à questão da educação inclusiva, né? E lá a gente troca, a gente troca experiências, a gente traz leituras de autores em relação a situação ao contexto, a gente propõe metodologias, estratégias, planos de aula voltados a isso, então a gente tem esse momento de formação que é uma formação autônoma.</p> <p>Profa.: Nós temos momentos específicos claro em reuniões pedagógicas, nós temos sim. A última discussão que nós tivemos bem pontual, tá foi o ano passado. Já faz um tempinho tá foi o ano passado que foi pontual que foi uma formação mesmo. E esse ano nós tivemos uma discussão sobre a inclusão, mas foi por conta de um caso de um aluno que nós recebemos que tem TOD (Transtorno Desafiador Opositor).</p>	<p>A importância da discussão na jornada de formação: escapar de armadilhas como a “inclusão perversa”</p>

<p>Profa.: A direção é uma liderança importante dentro da escola, e a direção da nossa escola ela sempre ela também tem essa visão de apoio de acolhimento, e ela leva isso para a gente sabe essa para todo o grupo de professores precisa ser dessa forma e a gente abraça porque a gente acredita também obviamente né?</p> <p>Profa.: Não dá para ser só. Ah! Deixa ele aí na escola ele tem deficiência tadinho, né? Deixa ele aí, ele tá aprendendo só o fato de você tá com os coleguinhas já tá aprendendo. Não assim não existe né? Esse tipo de educação não dá para ser assim dessa forma. Não é isso! Não é escola.</p>	
<p>Profa.: E tem um aluno do sétimo ano que ele não tem laudo tá? Mas, nitidamente ele tem o TEA tá! Que não é um TEA que precisa daquele apoio substancial, ele precisa de apoio, mas não apoio substancial, que é um TEA leve né? Mais a família não aceita.</p> <p>Profa.: E aí fui lá conversei com essa mãe. Fiz uma cartinha. Falei para a diretora. Olha vamos caminhar essas crianças para o CAPES, vamos primeiro no posto de saúde fazer um encaminhamento fazer uma parceria, liga lá para a diretora do posto, transformou a vida da família toda. Então assim não tem como negar que o papel do professor é importante que ele tem uma função importante.</p> <p>Profa.: Então a gente tem conversa com os pais orienta tudo isso, né? Porque pais que às vezes não tem consciência de que seus filhos têm transtorno, tem uma deficiência, que tem umas lá vamos convencer os pais. Falar com carinho enorme [...]</p> <p>Profa.: Eu não conversei com a família desse aluno específico. Esse ano não tinha oportunidade de conversar com os pais que eles não as duas reuniões pedagógicas que eles foram que tiveram na escola, eles não reunião de pais, né?</p>	<p>O diálogo da escola com a família: uma relação complexa.</p>

<p>Eles não foram eles estão compareceram nas duas reuniões.</p> <p>Profa.: Mas, nas conversas que nós temos entre os professores nas reuniões pedagógicas entre nós e, diz que já foi conversado com a família, né orientado um neuropediatra um psiquiatra para fazer uma avaliação, mas a família não aceita.</p> <p>Profa.: [...] <i>(referência a uma fala dos pais)</i> Ai eu não sei o meu filho, ele é assim, ele é agitado ele não come ou ele grita, ele não sabe eu não sei ai. Poxa, se eu chegar nessa mãe e falar olha. Não vou falar quem tem TEA, né? Mas o seu filho tem um comportamento atípico seria importante que você procurar essa ajuda então eu sou uma rede de apoio para esse pai, porque o primeiro apoio que ele vai ter vai ser na escola.</p>	
<p>Profa.: [...] às vezes a professora que falou eu não tenho formação para isso eu não sei como lidar com essa situação, eu acho que é mais por um desabafo, e às vezes tem muito professor que reclama porque a gente não aprendeu na faculdade, porque a gente não mas eu acho que na prática, pelo menos eu estou falando pelos professores da minha escola, tem caso e casos, os professores da escola em que eu trabalho tem essa preocupação, né?</p> <p>Profa.: Eu trabalho nessa escola desde 2019, desde 2020 eu entrei na pandemia e eu percebi um diferencial sabe uma preocupação aos professores. Ah, reclama tal, mas sempre que às vezes é só para colocar para fora (risos) porque lá na prática é diferente.</p> <p>Profa.: [...] e aí eu percebo nos detalhes dessa preocupação sabe de incluir de buscar enfim, né?</p> <p>Profa.: Mas eu acho que é mais com um desabafo, viu? Porque quando a gente vai ver no dia a dia na rotina desses</p>	<p>O desabafo da prática docente: contradições sendo explicitadas</p>

professores a prática é de querer buscar de querer aprender de querer fazer.

Profa.: nós estamos com uma estagiária só na escola que atende vários alunos ao mesmo tempo, ela corre igual na doidinha dentro da escola, porque ela tá sozinha para acompanhar vários alunos que ela acompanha não só os alunos com TEA, ela tem que acompanhar a criança que tem deficiência, paralisia cerebral, que é cadeirante, e ela tá sozinha, então é esse é um grande problema ainda na escola, né?

Profa.: Já que afinal de conta, você tem que pagar sua formação do seu bolso ainda tem isso, né a nossa especialização. Outra barreira a nossa especialização é bancada por nós mesmos (*risos*).

Profa.: [...] porque professor ele é muito exigente e na sua exigência de sempre querer mais e é legítimo esse querer mais, e buscar sempre uma educação de qualidade, mas da sua exigência ele tem uma (*pausa para pensar*) ele acaba tendo uma visão um pouco pessimista da educação pública

Profa.: [...] como eu falei professor é exigente ele não vai fechar os olhos, ele vai fazer.

Profa.: [...] os professores são sempre muito criativos, ele é sempre muito dedicado, ele é sempre muito há de exigência, pela sua exigências e as coisas vão acontecendo sim de uma forma positiva, né?

Profa.: E aí as coisas negativas elas vão tomando uma proporção tão grande e vai se colocando para debaixo do tapete o que é bom, o que acontece de bom dentro da escola pública, né? E que acontece muita coisa boa.

6.2 Os núcleos de significação

6.2.1 Núcleo 01– “A direção é uma liderança importante dentro da escola, e a direção da nossa escola tem essa visão de apoio e de acolhimento, e ela leva isso para a gente, para todo o grupo de professores. Precisa ser dessa forma e a gente abraça porque a gente acredita também, obviamente, né?”

Iniciar com este núcleo expressa um movimento reflexivo desta análise para destacar a importância da gestão escolar como apoio ao professor em ações que busquem ativamente a inclusão escolar. Enfatiza, também, o pensamento que caracteriza o sistema educacional como um ato político (Freire, 1987), este necessário para a constituição de uma sociedade democrática em luta constante em prol dos direitos da cidadania, não só na e para a educação, mas para uma transformação profunda em toda a sociedade. Cabe, aqui, lembrar, que a escola é o primeiro contato social de uma criança após o seu ambiente familiar: com isso, a escola não pode ser percebida de maneira rasa, apenas por sua característica de difundir conhecimento e ideologias. De acordo com Libâneo, a escola, em sua posição organizacional, “[...] é uma unidade social que reúne pessoas que interagem entre si e que opera por meio de estruturas e processos organizativos próprios, a fim de alcançar os objetivos da instituição.” (Libâneo, 2004, p.100). A escola, portanto, carrega em sua essência uma luta densa carregada de desafios inseridos em seu contexto social, como o de transmitir os conhecimentos sociais de modo crítico, inclusivo e democrático.

A escola deveria edificar-se em uma perspectiva democrática, em que se organizasse uma participação objetiva de todos os atores que a orbitam no intuito de expandir o conhecimento e a reflexão crítica dos seus alunos. Isto se daria permeando o exercício continuado da cidadania, na busca maior de construir uma sociedade onde seus cidadãos tenham criticidade e a capacidade de questionar sobre os seus direitos. O espaço escolar é o lugar privilegiado para tanto porque é lá que a criança irá ter o contato com diferentes núcleos de socialização, aprendendo e vivenciando interações externas ao seu ambiente familiar, assim podendo reconhecer novos interesses, limitações, bem como desenvolver o exercício da comunicação.

A educação deve ser capaz de instrumentalizar a humanidade para a ação sobre a natureza, sobre a materialidade, entendendo todo esse processo de

transformação de si e da realidade. Não deve, portanto, ser apreendida marginalmente à história, pois à educação não se permite a neutralidade (Aranha, 2002). Ao contrário, deve ser um espaço que possibilite o sujeito posicionar-se frente aos acontecimentos passados e aos que surgirem no decorrer das transformações sociais, históricas e culturais. Para que esse passo aconteça é preciso que a gestão organizacional propicie, frente aos conflitos educacionais, uma visão que abranja um dinâmico sistema de relações possibilitando o envolvimento de toda a equipe escolar.

A gestão, em sua função democrática, não deve limitar-se a perceber a instituição escolar apenas como transmissor de conhecimento e, os alunos, como simples receptores de conteúdo (trataremos desse assunto no núcleo II quando falaremos sobre a “Educação Bancária” criticada por Paulo Freire). No entanto, é preciso considerar que a escola, como instituição social, está inserida em uma sociedade capitalista neoliberal que não prioriza o ensino como um caminho para uma sociedade democrática e revolucionária. Temos, assim, que a escola mantém uma luta interna pelo espaço educacional que exprime inclinações e finalidades conservadoras, reacionárias, movimentando-se junto a novas perspectivas ideológicas mais progressistas (Snyders, 2005, pp. 105-106; Gadotti, 1983, p. 64). Cabe à gestão deixar explicitada a concepção política que irá nortear o processo de inclusão da escola, e agir, quando necessário. Isso posicionará os professores diante dos problemas e da linha de procedimentos que esperam deles:

*Então a direção teve esse cuidado de acolher, ele teve crise, se jogou começou querer bater na carteira, e tudo. **(fazendo referência a diretora)** Me chama que eu vou lá e eu resolvo, se a professora não tem condições emocionais para lidar com a situação, na mesma hora a direção tá lá **(Professora Entrevistada)**.*

*A direção é uma liderança importante dentro da escola, e a direção da nossa escola tem essa visão de apoio e de acolhimento, e ela leva isso para a gente, para todo o grupo de professores. Precisa ser dessa forma e a gente abraça porque a gente acredita também, obviamente, né? **(Professora Entrevistada)**.*

Podemos perceber que a gestão se torna o norte para a ação dos professores, a referência do que acreditam que deve ser feito, se tornando o impulsionador das práticas dentro da escola. Uma gestão que apresenta ideias visando a inclusão escolar para com os alunos e a comunidade escolar, tem como

consequência um trabalho em equipe que abarque esse mesmo ideal característico de um ambiente inclusivo, se tornando a principal referência nas práticas do educar, em seu sentido amplo. Esse movimento vai ao encontro da perspectiva de José Carlos Libâneo sobre a importância da gestão no espaço escolar.

Do ponto de vista organizacional, é uma modalidade de gestão que, por meio da distribuição de responsabilidades, da cooperação, do diálogo, do compartilhamento de atitudes e modos de agir, favorece a convivência, possibilita encarar as mudanças necessárias, rompe com as práticas individualistas e leva a produzir melhores resultados de aprendizagens dos alunos (Libâneo, 2004, p.103).

A gestão tem um papel primordial que incentiva toda uma equipe de professores. A importância desses profissionais está para além das responsabilidades administrativas e formativas da escola. O gestor se torna referência direta do que os professores têm como representação escolar. Dessa forma, estar dentro da escola é trazer, não só a bagagem da formação, mas o que será apresentado como fundamento e ética que a gestão prestigia e segue. Isso é importante para que a construção da aprendizagem e da sociabilidade tenha como referência e substância, não só o conteúdo das matérias ministradas, mas a sua intencionalidade ética e estética para com esses sujeitos discentes em sua formação como alunos e cidadãos. Segundo Libâneo (2004, p.30):

[...] a organização e a gestão da escola adquirem um significado bem mais amplo, para além de referir-se apenas a questões administrativas e burocráticas. Elas são entendidas como práticas educativas, pois passam valores, atitudes, modos de agir, influenciando as aprendizagens de professores e alunos.

Nesse contexto educativo, é imprescindível pensar em uma ética preocupada com a justiça social que abarque uma melhor qualidade de ensino em sua multiplicidade de determinações e mediações, tencionando o descortinar de uma gênese multifacetada de transformações sociais e culturais, se debruçando prioritariamente sobre os heterogêneos grupos de minorias; enfim, uma educação que busque o justo respeito às diferenças em um inexorável exercício à democracia. “Sem dúvida, é quase impossível averiguar o que é justo se não tivermos uma ideia precedente dos ideais de uma vida digna ou boa, assim como é impossível esboçar um ideal de felicidade sem levar em conta as exigências de

justiça” (Cortina, 1996, p. 60). Sendo assim, as ações educacionais devem buscar em seus princípios a realização de práticas que respeitem as especificidades que constituem o indivíduo, um princípio indispensável para a prática de uma multiplicidade de possíveis processos de ensino-aprendizagem, novos ou antigos, mas carregando suas correspondentes concepções éticas afinadas aos processos de inclusão social.

[...] a aceitação do novo que não pode ser negado ou escolhido só porque é novo, assim como o critério da recusa do velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca, uma presença no tempo continua novo (Freire, 1996, p. 35).

Por isso, o debate sobre ética dentro da equipe educacional para a formação dos alunos como um ser social, passa pela reflexão do que se espera construir para a sociedade futura - quais habilidades, éticas e moral serão alavancadas para serem desenvolvidas na escola, visto que as instituições escolares são o tablado para a construção existencial das pessoas que irão promover as mudanças na sociedade. Não será fácil desenvolver uma educação revolucionária em escolas isoladas tendo em vista, como nos lembra Libâneo, que a “educação, é uma instituição que se ordena num sistema educacional de um país, num determinado momento histórico” (1994, p. 33). Para isso, vale destacar, que um dos principais papéis do professor é de organizar uma rede de apoios à construção das relações que implicam no fortalecimento das habilidades intelectuais ampliadas dos seus alunos: essa responsabilidade tem necessariamente como pressuposto o apoio de toda a comunidade escolar, notadamente os gestores e familiares dos educandos.

A escola não consegue, sozinha, proporcionar o desenvolvimento total de uma criança durante a sua formação. A importância do diálogo entre a escola e a família promove uma aproximação ativa da criança no espaço escolar. A construção da identidade dos alunos estará imbricada às ações que serão feitas para a construção da sua individualidade, dentro e fora da escola. Esse movimento é multideterminado por suas interações com outros sujeitos, ao ambiente cultural no qual está inserido e às relações externas que o constitui.

E é coletivo, né? Não é só a escola, é a família, ele tem um apoio familiar muito grande, né? E é esse apoio familiar, esse apoio escolar de todos,

esse coletivo que fez toda a diferença na vida escolar do (nome do aluno) (Professora Entrevistada).

Eu acho que eu tenho muita sorte porque na escola onde estou trabalhando tem uma preocupação muito grande com a educação inclusiva e eu tenho muita sorte (Professora Entrevistada).

É cativar sempre, cativar as famílias, as crianças e ter essas famílias como suas parceiras, sempre. Eu acho que é o princípio (Professora Entrevistada).

Para que a aprendizagem dos alunos seja efetiva, o respaldo escolar não se limita apenas ao espaço da sala de aula, do professor e de seus colegas de sala. O apoio para a formação dos alunos é estruturado também pelo material pedagógico, este se tornando imprescindível para que as intencionalidades do educador tenham ferramentas para desenvolver suas atividades em sala de aula. A professora frisa a importância do apoio que recebe por parte da gestão escolar ao solicitar o recurso dos materiais pedagógicos: a disponibilidade em oferecer o material por parte da gestão é eficiente, as demandas são prontamente atendidas para que os alunos recebam toda a base estrutural e pedagógica necessária para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça.

Nós temos um material muito bom de recurso físico, de material para crianças com deficiência, a escola em si ela não tem barreiras físicas, não consigo pensar em nenhuma (Professora Entrevistada).

[...] tem bastante material mesmo que não tivesse a direção, ela é super aberta para comprar mais coisas enfim, né? O que precisar. Olha, precisa de um computador para isso, para trabalhar, precisa de um computador para trabalhar com computador a gente arruma o computador (Professora Entrevistada).

[...] mas vamos supor que o (nome do aluno) precisasse de um computador, olha ele consegue escrever melhor, ele tem lá uma certa dificuldade de coordenação, eu preciso fazer atividade toda no computador. Ele teria o computador dele. Pode ter certeza disso. Não tenho medo de errar falando isso que ele teria esse material, sim (Professora Entrevistada).

A organização desse espaço com recursos disponíveis permite que os alunos tenham condições de explorar suas possibilidades de aprendizagem com um apoio significativo nas atividades exercidas pela professora. Relma Carneiro aponta que “Construir uma escola diferente implica um compromisso prioritário com a transformação do modelo tradicional de formação de professores.” (2012, p. 9).

Contudo, é preciso que a escola incentive a constante reflexão e criticidade sobre as ações feitas pelos educadores em prol do colegiado. Para isso, a formação dos professores se torna uma pauta constante dentro da instituição para que suas percepções da diversidade escolar sejam debatidas e reformuladas sempre que necessário a fim de manter um ambiente educacional que tenha a inclusão escolar como prioridade na condução de sua ação educativa. “É preciso ter coerência entre o que os educadores aprendem e o que queremos que ensinem. Precisamos, dessa forma, promover discussões e possibilitar a construção de parcerias entre a pesquisa científica e as práticas inclusivas.” (Carneiro, 2012, p. 9).

[...] a gente tem a formação de segunda a quinta-feira, nós temos formação do meio-dia a uma e meia e lá é claro a gente trata de vários assuntos, inclusive esses assuntos voltados à questão da educação inclusiva, né? E lá a gente troca, a gente troca experiências, a gente traz leituras de autores em relação a situação ao contexto, a gente propõe metodologias, estratégias, planos de aula voltados a isso, então a gente tem esse momento de formação que é uma formação autônoma **(Professora Entrevistada).**

Nós temos momentos específicos claro em reuniões pedagógicas, nós temos sim. A última discussão que nós tivemos foi bem pontual, foi o ano passado. Já faz um tempinho tá foi o ano passado que foi pontual que foi uma formação mesmo. E esse ano nós tivemos uma discussão sobre a inclusão, mas foi por conta de um caso de um aluno que nós recebemos que tem TOD (Transtorno Desafiador Opositor) **(Professora Entrevistada).**

Não dá para ser só. Ah! Deixa ele aí na escola ele tem deficiência tadinho, né? Deixa ele aí, ele tá aprendendo. Só o fato de você está com os coleguinhas já tá aprendendo. Não! Assim não existe né? Esse tipo de educação não dá para ser assim dessa forma. Não é isso! Não é escola **(Professora Entrevistada).**

É evidente o comprometimento que a professora entrevistada apresenta com relação à equipe institucional estar efetivamente aberta à diversidade educacional. Esse posicionamento vai ao encontro da influência da equipe gestora em proporcionar debates e um levantamento do que precisa ser inserido ou reestruturado dentro das ações educativas para oferecer possibilidades de aprendizado para todos os alunos, favorecendo um bom relacionamento e uma abertura para discutir e tentar resolver fragilidades e promover melhorias dentro da escola.

A preocupação da professora entrevistada com relação ao aluno é constante ao reafirmar sempre que a responsabilidade do professor não se cristaliza apenas em manter o aluno em sala de aula. É preciso ir além, conhecer suas especificidades, perceber suas dificuldades e abordá-las de modo que o faça progredir em sua aprendizagem e desenvolvimento. O professor tem um papel fundamental na formulação prática de aprendizagem desse aluno, e suas intervenções podem ir além das práticas educativas abordadas em sala quando as dificuldades do aluno são percebidas a partir de uma deficiência não diagnosticada.

A deficiência ainda é vista com muito medo e preocupação pelos pais. O professor identificar que determinados comportamentos de um aluno precisam de uma investigação biopsicossocial é indispensável. É importante destacar aqui que essa conversa com os pais precisa ser feita com bases extremamente fundamentadas e não apenas suposições de senso comum. A maneira como essa professora compreende a importância desse posicionamento para com os pais é mobilizada a partir do que acredita e segue em suas ações rotineiras para uma boa relação com os familiares. Se torna um acolhimento evidente para que seja perceptível para os pais em uma boa relação nos momentos de fragilidade.

[...] (referência a uma fala dos pais) Ai eu não sei o meu filho, ele é assim, ele é agitado ele não come ou ele grita, ele não sabe eu não sei aí. Poxa, se eu chegar nessa mãe e falar olha. Não vou falar quem tem TEA, né? Mas o seu filho tem um comportamento atípico, seria importante que você procure essa ajuda, então eu sou uma rede de apoio para esse pai, porque o primeiro apoio que ele vai ter vai ser na escola (Professora Entrevistada).

E aí fui lá conversei com essa mãe. Fiz uma cartinha. Falei para a diretora. Olha vamos caminhar essas crianças para o CAPES, vamos primeiro no posto de saúde fazer um encaminhamento fazer uma parceria, liga lá para a diretora do posto, transformou a vida da família toda. Então assim não tem como negar que o papel do professor é importante e que ele tem uma função importante (Professora Entrevistada).

Então a gente tem conversa com os pais orienta tudo isso, né? Porque pais que às vezes não tem consciência de que seus filhos têm transtorno, tem uma deficiência, que tem umas lá vamos convencer os pais. Falar com carinho enorme (Professora Entrevistada).

Estar próximo aos responsáveis é um movimento que cabe também ao professor, um esforço irrefutável que precisa ser contínuo e insistente. Da fala da

professora podemos apreender que a promoção de conversas com os pais não é uma tarefa fácil. Mas o seu posicionamento de insistência para que o movimento aconteça é com o objetivo de parceria frente ao objetivo de desenvolver um melhor aprendizado e apoio para a criança.

E tem um aluno do sétimo ano que não tem laudo tá? Mas, nitidamente ele tem o TEA tá! Que não é um TEA que precisa daquele apoio substancial, ele precisa de apoio, mas não apoio substancial, que é um TEA leve né? Mas a família não aceita (Professora Entrevistada).

Eu não conversei com a família desse aluno específico. Esse ano não tive oportunidade de conversar com os pais que eles não foram. Nas duas reuniões pedagógicas que tivemos na escola, eles não foram na reunião de pais, né? Eles não foram eles não compareceram nas duas reuniões (Professora Entrevistada).

Mas, nas conversas que nós temos entre os professores nas reuniões pedagógicas entre nós e, diz que já foi conversado com a família, orientado um neuropediatra e um psiquiatra para fazer uma avaliação, mas a família não aceita (Professora Entrevistada).

É importante o cuidado na forma como o professor irá orientar a família nesse primeiro momento ao informar sobre a necessidade de investigação biopsicossocial do estudante para a obtenção de um diagnóstico. É preciso construir socialmente uma abertura para que o professor possa explicar para essa família o quadro de seu filho que justificaria a investigação, tendo muito cuidado em como essa informação será passada, pois pode existir nesse diálogo barreiras originadas pela falta de informação. Por meio da categoria historicidade podemos apreender como a deficiência é tratada na sociedade, com a criação social de condições que não viabilizam, ou dificultam um processo de inclusão e a consequente criação de estratégias de enfrentamento estreitamente vinculadas a um movimento de luta para aumentar a probabilidade de que seus direitos sejam respeitados e atendidos.

A ciência do professor com relação ao diagnóstico e prognóstico do aluno é primordial para que o docente perceba a individualidade do aluno no Espectro Autista visto que há diferenças significativas dentro do próprio espectro. A relação professor-aluno é intensificada quando o conhecimento da deficiência por parte do professor contribui para fortalecer o caminho para a superação do preconceito, para reduzir os comportamentos capacitistas e reconhecer que a construção de

estratégias nesse sentido interfere positiva e significativamente no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno.

Para haver inclusão escolar efetiva é preciso que toda a gestão e educadores tenham o pleno conhecimento do que é a deficiência, e de todos os desdobramentos desse fenômeno, para que possam perceber as necessidades educativas individuais e coletivas imprescindíveis para que o processo de inclusão escolar aconteça. Essa perspectiva se situa em contraposição à de uma prática de generalização, o que, como consequência, mantém as situações de exclusão à pessoa com deficiência. Para tanto, para que se promova essa forma educacional inclusiva, é indispensável que haja uma constante atualização por meio da formação acadêmica continuada, visto que hoje a abordagem sobre a inclusão escolar nas universidades de educação é deficitária nesse âmbito e distante da realidade escolar.

Nessa medida, é importante alertar novamente, que esse conhecimento não deve limitar-se apenas aos educadores, mas a uma ampla rede de apoio que se estende por toda a comunidade escolar. A discussão sobre deficiência em sala de aula alinha-se aos saberes sobre a inclusão do aluno com autismo e ao reconhecimento da diversidade inerente ao próprio ser humano. Isso leva à necessidade de uma comunicação que compreenda a inclusão social ao respeitar e inteirar-se do assunto deficiência tornando a inclusão um ato de resistência na dimensão da emancipação política, na perspectiva da emancipação humana (Luxemburgo, 1898, pp. 96-97). O ato de educar está em constante movimento. O que é compreendido para as práticas do ensinar sempre estará em evolução junto ao cultural, ao social e ao histórico. De acordo com Alencar, Barbosa e Gomes (2021, p. 2137):

[...] a sociedade está caminhando em busca da compreensão acerca do que é ser autista e não ter autismo, como também está passando a compreender o TEA como uma condição humana que merece ter suas características compreendidas e respeitadas.

Ainda que a luta para que as mudanças frente à deficiência aconteçam, é preciso que o professor empenhe com dedicação, ao longo da sua prática, uma constante busca pela formação continuada para seu aperfeiçoamento educacional e o de seus alunos, para que possa compreender e respeitar as diversidades

encontradas no TEA, entender que a humanidade da pessoa vem antes da deficiência, e, a partir daí, reconhecer suas múltiplas determinações.

6.2.2 Núcleo 02 – A necessidade de compreender a diversidade de expressões dos estudantes com autismo – “Tem professor que adora sala muda onde o aluno não fala (risos): a melhor sala são os quietinhos.”

Esse núcleo explicita o caminho que a professora entrevistada estabelece para desenvolver uma relação mais próxima com os seus alunos no Espectro Autista. Em sua rotina escolar, ela compreende que a interação e a troca de aprendizado com as crianças se torna de suma importância para que haja uma sala participativa em que seus alunos possam expor suas apreensões e não apenas serem receptores passivos das informações dadas pelo professor. Nessa perspectiva, compreende que o seu planejamento também está embricado às particularidades dos alunos, fundamental para se alcançar uma melhora no progresso educacional da criança.

Paulo Freire (1921-1997) expõe a barreira que pode ser criada sobre a dicotomia professor-aluno nomeada “Educação Bancária”, onde o professor, em sua onipotência, se mantém responsável em transmitir conteúdo para o aluno, e este aluno se mantém em uma posição apenas de receber essa informação passivamente, se tornando um mero receptor.

A “Educação Bancária” não valida o diálogo: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2005, p. 68). Certamente esse pensamento afinado à “Educação Bancária” é contrário ao que se espera construir na educação. Não é possível conceber uma educação opressora que baliza as práticas pedagógicas de forma autoritária e linear, inviabilizando críticas ou posicionamentos reflexivos: “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo” (Freire, 2000, p. 101). A professora entrevistada traz criticidade ao destacar o como é valorosa a exposição dos alunos em sala de aula para que possam manter discussões e diálogos que objetivam a apreensão de conteúdos necessária para a aprendizagem. A ausência disso mantém uma posição de professor e aluno de

forma isolada e hierarquizada, como o experienciado pelos modelos educacionais mais conservadores e autoritários.

E aí a gente cria aquelas salas mudas, os alunos mudos que não falam nada. Tem professor que adora sala muda onde o aluno não fala (risos) a melhor sala são os quietinhos (Professora Entrevistada).

A educação deve ter um dinamismo que busca afastar o aluno de suas limitações e possibilitar uma imersão à criatividade, dentro dos limites da sua individualidade e e das capacidades que possui. Pensando nesse processo, para os alunos no Espectro Autista, é necessário conhecer seu processo individual que se constitui em uma relação dialética inseparável do seu processo histórico social. É olhar a criança em sua individualidade e perceber suas capacidades e limites e, a partir daí, criar estratégias que apoiem o progresso da aprendizagem por meio do movimento de consolidação do ensino que atenda a sua individualidade. “A singularidade da mente humana está no fato de que os dois tipos de história (evolução + história) estão unidos (síntese) nela. O mesmo é verdadeiro na psicologia da criança” (Surgado, 2000).

As práticas educativas são significativas quando desenvolvidas dentro da realidade da escola e, conseqüentemente, dentro da realidade dos seus alunos. Dessa forma, é importante que o professor perceba a história do seu aluno, valorizando sua realidade em suas relações e experiências, considerando seus valores morais e éticos na ação educativa. Como assevera Escaraboto, “[...] as crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos e que constantemente agem no meio social em que estão inseridas.” (2007, p. 136). É essencial que os educadores possam estabelecer com seus alunos uma relação política, ética, social e, não menos importante, estabelecer laços afetivos, pois estes fazem parte do exercício do professor em suas práticas educativas.

[...] eu tô com ele faz tempo. Então eu conheço as características dele, é difícil quando você tá com um aluno que ainda você tem que conhecer, é difícil, conhecer as características dele para poder saber como eu tenho que desenvolver essa atividade, que estratégia, qual vai ser a minha metodologia com ele (Professora Entrevistada).

Se comunicar. Não é só colocar ele ali dentro daquele espaço, é oportunizar situações pedagógicas e de acolhimento. Que ele se sint

acolhido, pertencente, naquele espaço que ele participe efetivamente daquele momento (Professora Entrevistada).

Então em nenhum momento eu o desestimulei a fazer isso. Eu acho que é importante que ele fale (Professora Entrevistada).

Assim, é importante, durante a aula, manter um espaço onde os alunos possam expor seus questionamentos, um espaço para que a troca de ideias e os debates sejam incorporados em suas atividades educativas. Essa compreensão e escuta fazem parte do movimento constitutivo de um espaço de aprendizagem, que consiste na construção de significativas relações entre professor e aluno sem que a participação dos alunos seja invalidada. As particularidades dessa professora entrevistada revelam uma ativa preocupação no diálogo entre aluno e professor dentro da sala de aula, reafirmando o quanto a relação de confiança entre professor e aluno é fundamental para que a criança se sinta confortável em trazer suas ideias e questionamentos.

Se eu me opuser em relação ao seu pensamento, se o professor falar não é isso, é aquilo outro, ele nunca mais vai levantar a mão para falar (Professora Entrevistada).

Qual é a postura que aí eu entro lá com um reforço positivo um elogio. Muito bem, é isso! Porém você já pensou sobre isso? E tem que ser com ele muito objetivo evitar as metáforas. Tem que ser muito claro, muito objetivo, então é uma estratégia (Professora Entrevistada).

Se você reforça e elogia que ele fale ele vai querer, tem que ser estimulado a falar mais. Independente da disciplina. (risos) Não é só dentro da sala da escola, mas fora na sociedade (Professora Entrevistada).

A sala de aula se torna um espaço de troca onde o professor mobiliza seus alunos a partir de suas estratégias didático-pedagógicas a fim de explorar as habilidades e participação dos seus alunos, os instigando ao pensamento crítico e reflexivo sobre o seu lugar na sociedade, seus direitos como cidadão e suas relações interpessoais. [...] Os professores precisam tratar das relações entre os alunos; formar crianças para o convívio com as diferenças (Zoia, 2006, p. 23). A educadora entrevistada carrega em sua trajetória os desafios e a experiência como mãe de uma criança diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro Autista). A não dissociação do seu papel de professora com o seu papel como mãe, ambos convivendo em seu espaço profissional, estabelece um olhar que percebe a criança

com deficiência em sua individualidade com suas dificuldades cognitivas, sensoriais ou mentais, mas não vê entraves que inviabilizem seu aprendizado. Destaca que esse movimento não é dado apenas para as crianças no Espectro Autista: a singularidade dos seus alunos é vista com o cuidado necessário para transformar sua prática pedagógica no trabalho.

Ai a criança, o TEA não cura, bem não tem cura, mas quanto mais quanto mais o tratamento multidisciplinar, o estímulo quanto mais cedo ele for estimulado, da questão da fala, na questão da socialização, menos os danos vamos dizer assim, eles vão acabar sendo menores. E aí essa criança vai conseguir socializar na escola, vai conseguir aprender **(Professora Entrevistada).**

Dessa maneira, suas experiências educacionais carregam a todo momento o processo de inclusão escolar como inerente à sua profissão, reconhecendo a escola como um espaço democrático e diverso, identificando a individualidade de seus alunos. Suas práticas refletem em seu planejamento e no incentivo aos alunos com ou sem deficiência em um discurso que compreende os progressos de um discente sem que haja uma comparação ou culpabilização em seu processo de ensino. A participante não entende o Transtorno no Espectro Autista de forma estereotipada, com isso compreende que toda e qualquer pessoa que apresente alguma deficiência não é predominantemente igual ainda que apresente o mesmo diagnóstico. A educadora constrói condições adequadas a cada indivíduo, com intervenções que abordem suas habilidades. Considera as limitações desse estudante, mas está ciente de que isso não impossibilita o seu avanço educacional: a principal reflexão que a professora carrega em suas ações dentro de sala é conhecer o seu aluno.

As crianças, os jovens com TEA, eles têm cada um em sua especificidade e eles não são iguais, né? Tem várias questões aí que os caracteriza. Então dentro de cada especificidade de cada aluno. Independente se tem TEA ou não, né? A gente tem que individualizar o trabalho pedagógico **(Professora Entrevistada).**

Quando a gente fala de educação inclusiva a gente não fala só de alunos com deficiência, mas a gente fala de todos né? Então incluir um aluno com deficiência não é só colocar ele ali naquele espaço, é propiciar para ele oportunidade efetiva de aprendizado, de socialização também, no caso do TEA a questão social é bem comprometida em muitos momentos. Então se conseguir criar situações para que ele consiga se socializar para que ele consiga se expressar verbalmente **(Professora Entrevistada).**

As ações didático-pedagógicas mobilizadas pelo professor em sala de aula determinam que tipo de profissional está sendo formado: a professora entrevistada é uma educadora que busca atualizar-se constantemente para empreender melhor consistência nas suas práticas educativas. Esse compromisso é determinante para a construção de um posicionamento inclusivo frente aos desafios que uma sala de aula grande e heterogênea pode apresentar. Ela reconhece, também, que o seu trabalho não é feito apenas por sua dedicação exclusiva, mais da soma de esforços de todo um coletivo do corpo docente com o mesmo objetivo de desenvolver uma didática que propicie condições favoráveis aos alunos da escola, notadamente daqueles com limitações mais acentuadas.

É claro que não foi só um trabalho que eu desenvolvi, foi um coletivo de professores, em coletivo da coordenação pedagógica (Professora Entrevistada).

[...] ela tem uma aluna com TEA, ela sempre chega um pouco mais cedo essa professora chega mais cedo todo dia, só para organizar a sala de aula a caixa de brinquedos naquele lugar o cartaz naquele lugar, aquele livro naquele lugar para não desestruturar aquela aluna que ela tem com TEA (Professora Entrevistada).

Importante reafirmar que o apoio dado pela gestão, comentado no núcleo anterior, é fundamental como impulsionador para a inclusão do aluno com autismo quando as iniciativas para efetivar o processo de inclusão escolar não vêm apenas dos professores. A busca em atender todos os alunos reafirma uma preocupação de toda a equipe em utilizar todos os recursos disponíveis para “[...] descobrir novos meios para que a educação seja um lugar de partilha e não de exclusão” (Meirieu, 2002, p. 34). O planejamento é um exercício, um complexo dialético teórico-prático que auxilia o professor a desenvolver as habilidades dos seus alunos e promover o processo de inclusão.

O caminho traçado pelo planejamento para a aplicação da metodologia de ensino que contemple estudantes com deficiência deve considerar como uma das funções atribuídas ao educador orientar o aluno em seu processo educacional. A intervenção do professor não deve basear-se em práticas que generalizem as características, comportamentos, limitações da criança no Espectro Autista, aplicando apenas em um único modo de ensinar, expressando, assim, o senso

comum que entende erroneamente que todos aprendem da mesma forma e ter uma deficiência é sinônimo de impedimento no exercício as atividades educativas.

*[...] minha aula não podia ser igual para todos eu tinha que enxergar a maneira não só a aula como eu conduzir a minha **(pausa para pensar)** o meu planejamento de aula a minha metodologia não podia ser igual, né? Porque os alunos não eram iguais **(Professora Entrevistada)**.*

Diante das fragilidades que vão aparecer na evolução do ensino aprendizagem dos alunos, cabe ao professor propiciar ações educativas voltadas às especificidades do aluno no Espectro Autista sem o afastar do coletivo. A escola deve privilegiar iniciativas que contribuam para a construção de um cotidiano escolar inclusivo, que assegure um espaço de relações no tocante a um trabalho coletivo e colaborativo.

Construir pequenos desafios é um caminho que a professora entrevistada encontra na busca para alavancar as possibilidades de conhecimento do aluno no Espectro Autista. Em seu entendimento, admite que acaba facilitando em alguns momentos as atividades propostas com receio de que seja algo difícil da criança alcançar, mas oferece pequenos “problemas” para que possam ser resolvidos, compreendendo que em sua estratégia faz parte importante perceber o avanço desse aluno.

*É porque às vezes se a gente facilita muito eu não vejo até onde ele pode ir então, às vezes eu dou um, deixa eu ver se ele vai conseguir aqui então vou dar um desafio aqui e ele vem, mas é um degrauzinho **(Professora Entrevistada)**.*

*Incluir um aluno com deficiência não é só colocar ele ali naquele espaço, é propiciar para ele oportunidade efetiva de aprendizado, de socialização também **(Professora Entrevistada)**.*

Nesse momento é importante compreender que a professora traz em suas estratégias um entendimento da individualidade desse aluno. Planejar o que será feito junto à estagiária é reconhecer o potencial daquele aluno e criar condições de um ensino que atenda as possibilidades e limites daquela criança. Nesse sentido, sua atenção também está articulada com o tempo em que acompanha os alunos, o que facilita também nos momentos de pensar e trazer os apontamentos do que

já conhece da sua relação com o aluno e intervém a partir do que precisa ser intensificado para a sua aprendizagem.

O (nome do aluno), por exemplo, eu preciso de um cuidado maior ele tem dificuldade de se organizar. Então eu o ajudo nessa organização de rotina, de agenda de lista de tarefas, ele tem essa dificuldade de organização é espacial tá falta de organização espacial mesmo de espaço de caderno (Professora Entrevistada).

Porque quando ele gosta de algo ele consegue memorizar e aprender mais fácil, eu falei perfeito, como que a gente vai fazer isso. E hoje nós tentamos e bolamos uma estratégia de aprendizado da língua portuguesa para ele que usasse a programação. Então, nós arrumamos o computador e ela (fazendo referência a estagiária) está fazendo um programa para ele mesmo usar, ela tá ensinando-o a programar (Professora Entrevistada).

Ele precisa de um uma atividade reduzida com uma linguagem diferenciada. Poxa, como é que eu sou professora de língua portuguesa, vou ensinar para ele poesia sendo que tem tanta metáfora. Então foi um cuidado grande que eu tive que ter por que eu sei que que tem algumas questões que eles são muito literais (Professora Entrevistada).

A organização das atividades é pensada pela professora de acordo com a necessidade do aluno, articulando as habilidades que pretende desenvolver. Com isso, a intervenção é realizada de modo que sua intencionalidade seja explicitada para facilitar a apreensão dos seus alunos. Todo o seu olhar está voltado para o avanço educacional, estabelecendo em sua metodologia pequenos desafios diários ao aluno para que o impulse em sua aprendizagem. Assim, demarca os limites do seu aluno de modo que seu conhecimento sobre suas dificuldades seja reconhecido e suas dificuldades trabalhadas a fim de superá-las.

Ele vai ter um momento de atividades com aquele texto que é para ele especificamente, mas que todos vão fazer mas que eu preparei especificamente para ele, mas que ninguém precisa saber os outros alunos precisam saber que eu criei para eles especificamente aquela atividade, mas todos vão fazer. Isso é inclusão. Isso é incluir! (Professora Entrevistada).

[...] então a gente vai usar uma estratégia de gravação. Ele explica para ele mesmo, o que ele entendeu e depois ele se escuta ele escuta, ele não tem domínio da escrita, né? (Professora Entrevistada).

Eu dei a prova a mesma prova que eu dei para os outros eu dei para ele. Aí eu falei (nome do aluno), se você precisar de um tempo extra você me fala que aí eu tiro você da sala, você vai fazer em outra salinha, tá bom (nome do aluno) (Professora Entrevistada).

Não é só porque eles estão juntos que eles vão aprender dentro da escola, ele tem uma estrutura, né? Tem uma estrutura que tem que ser muito clara, muito objetiva, então o aprendizado dentro da escola, segue planejamentos, tem que ser muito bem planejado e articulado, né? Eu quero que o meu aluno desenvolva essa habilidade, como eu vou fazer para ele desenvolver essa habilidade. Então eu vou pensar em metodologias de trabalho pedagógico para que ele desenvolva tal habilidade que eu desejo que ele tenha naquele momento que ele adquira ali (Professora Entrevistada).

Observa-se nesse processo de fala a preocupação em buscar estratégias e metodologias que atendam a construção social e educacional do aluno. Uma constante reafirmação que parte da qualidade de ensino do professor, se dá em conhecer o seu aluno. A educadora aponta que a intervenção feita no espaço escolar seja feita ativamente pelo professor em sala de aula para que o aluno possa receber uma metodologia voltada às suas dificuldades e necessidades individuais.

O (nome do aluno) por exemplo é um aluno claramente que tem um comportamento atípico, ele não tem laudo, bom se ele não tem laudo eu o trato como os outros? Claro que não (Professora Entrevistada).

O professor vai agir não importa se ele não tem laudo, mas eu tô percebendo que ele tem um comportamento atípico, que ele tem ele precisa de uma metodologia diferente, então eu vou fazer independente se você tem laudo ou não, né? Que isso vai refletir no aprendizado dele, né? Então aí lá a gente vai trabalhar socialização dele, vai trabalhar comportamento, a linguagem, independente se tem laudo ou não, né? Porque senão fica insustentável o trabalho com ele. Não tem como (Professora Entrevistada).

6.2.3 Núcleo 03 – O que a desinformação pode causar? “Em alguns momentos, quando algumas pessoas percebiam que ele tinha uma característica diferente, eu falava ‘olha, ele é assim porque ele é autista, é a característica dele’. E aí eu percebi um certo. Ah! Coitado, né?”

É importante iniciar este núcleo com a experiência da professora frente às barreiras que encontrou ao verbalizar que seu filho é uma criança no Espectro Autista. Neste capítulo iniciaremos uma reflexão a partir da experiência pessoal da participante, onde iremos esbarrar em entraves como a desinformação, a negação e a defasagem estrutural educacional. Percalços que fazem parte da trajetória junto ao filho diagnosticado logo na infância com TEA e TDAH. A desinformação e a discriminação são caminhos retrógrados para os profissionais da educação, enrijecendo o avanço para uma educação inclusiva e a efetiva equidade no espaço

escolar. Um impasse que ainda se encontra nas instituições escolares, a deficiência vista como um “problema” que a escola invisibiliza.

Em alguns momentos, quando algumas pessoas percebiam que ele tinha uma característica diferente, eu falava olha ele é assim porque ele é autista é a característica dele. E aí eu percebi um certo. Ah! Coitado, né? Mas, enfim (Professora Entrevistada).

E aí eu senti dela uma resignação, não sei se é essa palavra, mas um sentimento de resignação. Eu não tenho muito o que fazer (resposta dada pela coordenadora) (Professora Entrevistada).

Por esse motivo a educadora frisa a relevância de ter uma lei e o apoio de políticas públicas que se posicionem a favor dela como mãe que compartilha de um desânimo e descrença por ações de preconceito e discriminação, regras essas estabelecidas socialmente que reforçam a falta da acessibilidade que é de direito.

Não existia essa lei que respaldasse a partir daquele dia eu prometi para mim mesma que eu nunca mais falaria para ninguém que meu filho era autista. Entende? Não, não vou mais falar (Professora Entrevistada).

O posicionamento de desânimo e descrença reforçado pelo descaso e experiências negativas nas escolas, forjou um caminho de negação diante das escolas públicas: “se entendemos o espaço de educação infantil como direito da criança, ela tem de ser o sujeito central no cenário educacional” (Guimarães, Nunes e Leite, 2014, p. 173). É perceptível que a escola naturaliza a deficiência com a justificativa da falta de acesso, transformando a deficiência como algo a ser tratado por especialista em um espaço dedicado exclusivamente para isso, deixando a criança fora do espaço escolar.

Ele precisa ir para uma escola de educação especial. Seria bom ele uma escola de educação especial uma escola específica para ele. É porque eu tenho outros pais, eu tenho outras crianças, ele pode bater nas outras crianças e os outros pais não vão gostar então ela já fez lá (referência a fala da diretora). Aí sim é o preconceito misturado com a desinformação (Professora Entrevistada).

É nessa troca de vivências entre alunos e professores que as crianças apreendem diferentes relações com o outro, através da fala, da troca social com o

outro, brincadeiras, olhares e gestos que permitirão construir a sua própria identidade.

A fala abaixo da professora vem ao encontro da necessária compreensão e fortalecimento sobre a inclusão escolar. A educação não pode construir-se em uma generalização do senso comum, abarcando resistências carregadas de um preconceito incabível.

Olha eu acho que aqui não é o melhor lugar para ele porque nós não temos estrutura nós não temos professores formados nós não temos não temos e não temos nós não temos, então não é melhor para ele (referência a fala da diretora onde a professora entrevista busca uma vaga para o seu filho).

Em alguns casos infelizmente a formação do professor mantém-se em um currículo formativo voltado ao depositar o conhecimento nos alunos, indo em direção à reflexão de Paulo Freire abordada no núcleo anterior sobre a “Educação Bancária”. Com isso, o professor precisa ter o conhecimento da comunidade escolar que está inserido e, principalmente, manter-se em constante atualização educacional para apreender e desenvolver seus conhecimentos, habilidades e competências profissionais.

A luta constante pela equidade e inclusão da pessoa com deficiência é percebida por uma sequência de fatos que mantêm o sujeito com deficiência excluído, impedido de exercer suas práticas no seio da sociedade. A concepção de direitos e a politização construída em uma sociedade capitalista neoliberal, notadamente percebe o homem como mão-de-obra a ser explorada carregando uma relação constante entre opressor e oprimido. É necessário que a escola ser vista como um espaço que instigue e possibilite o processo de transformação social e individual dos seus alunos e da sociedade.

A escola tem como uma das suas principais funções receber todo e qualquer aluno em seu processo de formação, assegurando o seu desenvolvimento formativo, social e cultural para o acesso à educação com qualidade e equidade. Segundo Susan Stainback e Willian Stainback (1999, p. 11), uma escola inclusiva:

[...] é aquela que educa todos os alunos em salas de aulas regulares. Educar todos os alunos em salas de aulas regulares significa que todo aluno recebe educação e frequenta aulas regulares. Também significa que todos os alunos recebem oportunidades educacionais adequadas, que

são desafiadoras, porém ajustadas às suas habilidades e necessidades, recebem todo o apoio e ajuda de que eles e seus professores possam, da mesma forma, necessitar para alcançar sucesso nas principais atividades.

A educação é um direito da criança com deficiência: educação é para todos! Contudo, ao deparar-se com a barreira de uma escola excludente, carregada de desinformação e preconceito, desestabiliza uma mãe que precisa confiar na escola para a construção educacional e cidadã do seu filho em processo de formação. Nos deparamos com uma sociedade que não reconhece a participação de pessoas com deficiência, com a justificativa que precisam de lugares que atendam essa diferença de forma isolada.

Ah, gostei muito falei gostei muito da escola poucos alunos por sala que é o que eu preciso porque o meu filho é autista. No mesmo momento o semblante dela mudou e ela me recusou a vaga (Professora Entrevistada).

A fala da professora vem carregada de indignação e tristeza em vivenciar a segregação sofrida junto ao seu filho, resultado de uma sociedade que discrimina e exclui ao reconhecer a pessoa com deficiência como sendo incapaz de participar em conjunto na comunidade. Perante ao exposto, em suas experiências e concepções com relação à educação, seu incômodo em também perceber que havia limitações em suas práticas dentro de sala a impulsiona em querer buscar suas especializações e conhecimentos. A respeito dessa iniciativa da professora em autoformar-se, Saviani comenta que “[...] esse modelo considera que a formação do professor propriamente dita só se completa com o efetivo preparo pedagógico-didático” (Saviani, 2009, pp. 148-149). Uma formação contínua necessária que precisa partir do professor para complementar o que não é suprido pela sua formação inicial.

Eu não os enxergava como pessoas que precisavam...que tinham especificidades que precisavam ser olhados de uma forma diferenciada e precisavam ser atendidos de uma forma diferenciada para tentar equalizar, né e diminuir essas né? (Professora Entrevistada).

Hoje eu consigo enxergar isso, eu entrava numa sala de aula e todos eram iguais, a minha aula era igual para todos, então eu não tinha consciência no início de carreira e até um bom tempo de que nenhum aluno era igual ao outro (Professora Entrevistada).

Essa desigualdade eu não enxergava. 35 alunos dentro da sala de aula que são todos iguais, né? Não são diferentes. Então é um planejamento igual para todos uma forma de ensinar igual para todos, um desejo que todos aprendam de uma forma diferente (Professora Entrevistada).

[...] aí eu acho que é isso tá em relação a barreiras, eu acho que é esse grande problema mesmo foi essa questão no começo né de invisibilidade de não enxergar esses alunos e de não ter uma preocupação em querer fazer, pensar num trabalho pedagógico, mais para eles né com a cara deles, que atenda que consiga incluir efetivamente o aprendizado enfim, eu acho que é isso (Professora Entrevistada).

Em um espaço escolar inclusivo, o aluno é percebido como um indivíduo capaz, usufruindo do direito de todas as crianças a um desenvolvimento formativo, afetivo e social, independentemente de suas diferenças. O professor possui um papel evidente, participativo no avanço educacional dos seus alunos. Sua formação profissional qualificada favorece o processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, tornando mais inclusiva a sua sala de aula. A formação continuada deve ser incentivada para que se torne um ponto de destaque importante para as ações didático-pedagógicas inclusivas, tendo em consideração as fragilidades formativas da educação inicial de um professor para prepará-lo para a educação de um aluno com deficiência.

Na prática educacional nos deparamos com aspectos que são limitantes e deficitários durante a formação. O despreparo do professor frente à Educação Especial-Inclusiva se agrava na falta de questionamento sobre os processos de inclusão da escola. Com o pouco de experiência e o pouco que sabe tenta apenas dar continuidade ao que já vinha sendo feito por cada outro educador.

Eu já era licenciada, eu já era professora né, mas eu não tinha formação em relação à educação especial, né? Então não tinha nenhuma informação a respeito disso. Hoje se fala muito sobre educação inclusiva, quando eu iniciei não existia esse termo (Professora Entrevistada).

M: *Na sua formação não tinha nada que se relacionasse à inclusão.*

Não existia um currículo dentro do currículo Universitário nada que tratasse a respeito de educação inclusiva então eu fui pensar na educação. Inclusive por conta da questão pessoal, né? E eu não enxergava os meus alunos (Professora Entrevistada).

Então o poder público tem grande influência dentro da escola, né? Não tem como não falar se não há políticas públicas voltadas para questões de inclusão, se não são reconhecidos como deficientes ou se não têm os seus direitos garantidos, eles são invisíveis na escola era um reflexo de uma sociedade que considerava, que considera ainda, né? Em muitos

momentos essas pessoas são invisíveis, então eu acho que essa foi a grande barreira à invisibilidade desse público e diante disso, a gente não tinha formação, não tinha nada, não se falava (Professora Entrevistada).

Este núcleo que se encerra permite uma apreensão da desinformação enraizada socialmente sobre a exclusão social e a discriminação que uma criança no Espectro Autista enfrenta. Uma luta constante da pessoa com deficiência em se sentir pertencente a uma sociedade que constantemente o invalida por não estar dentro da “normalidade” social, carregada de preconceito, discriminação e exclusão enraizados dentro da nossa sociedade. Ainda que a educação caminhe para uma mudança neste cenário, é preciso um emvidar um esforço muito árduo referente à conscientização do que é inclusão escolar, de sua importância para todos, independentemente de ser uma pessoa com deficiência ou não, e da dificuldade em implementar esse processo inclusivo sem formação docente continuada e sem políticas públicas específicas. Essa conscientização tem que alcançar para além do espaço escolar, promovendo uma mudança educacional, cultural e, principalmente, social.

6.4.4 Núcleo 04 – Do que é feito o chão da escola. “e aí eu percebo nos detalhes essa preocupação de incluir, de buscar!”

As reflexões apresentadas neste núcleo vão ao encontro das discussões dos núcleos anteriores, sustentando a importância do professor para a formação ética e moral dentro da sociedade. O professor, em sua prática educativa, traz a preocupação com a formação dos seus alunos. Esse movimento não se inicia ao entrar em sala e executar o seu planejamento do dia. Há que se considerar todo o caminho de formação, planejamento, individualização de suas práticas, tempo e dedicação em ampliar sua práxis.

Dentro da educação podemos nos deparar com barreiras que não estão diretamente ligadas às práticas do professor. Dentro da sua profissão irá deparar-se com precarização estrutural, a superlotação dentro de sala, o apoio ou não por parte da gestão escolar, e a falta de políticas públicas. Contudo, mesmo estando fora de seu raio ordinário de atuação, são desafios que o professor enfrenta com desdobramentos em prática educativa.

A professora entrevistada reconhece que a concepção de educar deve estar atrelada à constante busca por conhecimento. Não só para que seja aprimorado e atualizado seu aprendizado profissional, mas um avanço que propicie condições para uma apreensão de conhecimento que reconheça o movimento do ato de ensinar. A formação inicial é fundamental para que a base intelectual e profissional do professor seja estruturada, mas é apenas o primeiro degrau: a realidade que irá vivenciar em uma escola é única para cada professor e o seu aprendizado por meio de formação complementar contínua e suas experiências possibilitarão a construção de uma didática própria sua e das estratégias e táticas que aplicará dentro da sala de aula.

A relação entre a cultura da escola e a cultura local é fundamental para fazer da escola um espaço de articulação de mentes e não só de corpos (dos alunos), das emoções e desejos das crianças. Essa valorização é que permite uma nova via de inclusão e cidadania (Spozati, 2000, p. 29).

A construção da complexidade que é poder proporcionar uma aula de qualidade não está determinada apenas no planejamento; é fruto de um conjunto de práticas processuais desenvolvidas por ele, que configura o seu sistema operacional em aula.

M: Porque você trouxe sua experiência de professores que foram acolhedores, você trouxe experiência de professores e de escolas que não foram acolhedoras, mas para você, como você entende o papel do professor na educação?

O professor independente de suas condições que ele enfrenta, a gente sabe que são condições estruturais complicadas (Professora Entrevistada).

Ele deve buscar né? Não é que ele pode, ele deve! Então essa é a minha postura, o professor deve buscar conhecimento se ele não sabe ele por natureza profissional, ele deve ser pesquisador (Professora Entrevistada).

Ah! Mas a estrutura não me permite, às políticas públicas não me permitem, mas faça dentro do que você consegue do pouco que você queria que fosse permitido fazer, já é um ganho muito grande (Professora Entrevistada).

E eu enxergo no professor essa obrigação de ser por natureza, ele é! Tem que ser pesquisador para aprimorar sempre o seu trabalho, né? Se ele ficar sempre do que ele aprendeu na faculdade quem perde é a educação pública. Deixa de ser de qualidade (Professora Entrevistada).

Essa percepção de que o professor acaba obtendo uma demanda de “papéis” em relação à educação das crianças, é apresentada com um sentimento de responsabilidade, dentro do que é possível de se fazer, considerando-se a proposição de tomar iniciativas que reflitam na aprendizagem. Isso se daria na forma de um trabalho sistematizado, dentro da realidade concreta desse professor, afirmando seu compromisso e responsabilidade para com a escola e a comunidade escolar.

[...] aí ele vai fazer esses papéis, entende? Não que seja obrigação, mas aí ele vai fazendo porque poxa ele que tá ali o dia inteiro com aquela criança, então ou ele faz ou ele fecha os olhos e finge que tá tudo bem, que é como eu falei professor é exigente ele não vai fechar os olhos, ele vai fazer (Professora Entrevistada).

E claro sempre procurar formação acadêmica, né? O chão da escola ensina muito, mas a gente precisa formar né? (Professora Entrevistada).

A fala da professora entrevistada carrega a preocupação de um professor em oferecer um ensino de qualidade, mas seguido de uma auto avaliação de forma crítica e reflexiva, reconhecendo que a sua formação não supre todas as responsabilidades que precisa assumir, nem as disparidades que encontra no que se apresenta ao chão da escola.

Para o cumprimento das metas estabelecidas: professores são graduados em massa, no menor tempo possível, para o alcance do patamar desejável de formação, mas essa formação é efetivada, na maior parte dos casos, por faculdades isoladas particulares ou, quando em instituições públicas, pelo ensino a distância (Kassar, 2016, p. 1231).

Articulado ao que a professora entende sobre como fazer parte da essência da escola, apresenta a contradição no que se relaciona ao cansaço do professor em sala de aula. Compreende, assim, que a sua profissão demanda muita dedicação. Não fugindo da realidade, apresenta o fato de que, junto à sua equipe de trabalho, existe inseguranças em relação à prática educativa. Diante disso, cabe o desenvolvimento de novas estratégias e metodologias.

[...] às vezes a professora que falou eu não tenho formação para isso eu não sei como lidar com essa situação, eu acho que é mais por um desabafo, e às vezes tem muito professor que reclama porque a gente não aprendeu na faculdade, mas eu acho que na prática, pelo menos eu estou falando pelos professores da minha escola, tem caso e casos, os

professores da escola em que eu trabalho tem essa preocupação, né? **(Professora Entrevistada).**

Eu trabalho nessa escola desde 2019, desde 2020 eu entrei na pandemia e eu percebi um diferencial, sabe uma preocupação aos professores. Ah, reclama tal, mas sempre que às vezes é só para colocar para fora **(risos)** porque lá na prática é diferente **(Professora Entrevistada).**

[...] e aí eu percebo nos detalhes dessa preocupação sabe de incluir, de buscar enfim, né? **(Professora Entrevistada).**

Mas eu acho que é mais com um desabafo, viu? Porque quando a gente vai ver no dia a dia na rotina desses professores a prática é de querer buscar, de querer aprender, de querer fazer **(Professora Entrevistada).**

Ao referir-se sobre a importância de o professor ter um “espírito” pesquisador e procurar sempre por uma especialização na busca por conhecimentos necessários à sua prática, esclarece que essa formação fora da escola acontece de forma individualizada. Essa compreensão envolve a realidade de cada professor e a sua necessidade de querer manter-se sempre buscando mais.

*E na prefeitura de São Paulo tem esse incentivo para que a gente sempre se especialize sempre estude, na falta dê, vai você mesmo, tá? Então a gente dá lá, um ponto, a gente dá um aumento salário **(risos)** já é uma coisa boa, né? Você tem um aumento de salário, se você se especializar valorizando a sua formação, né? **(Professora Entrevistada).***

*Já que afinal de conta, você tem que pagar sua formação do seu bolso ainda tem isso, né a nossa especialização. Outra barreira a nossa especialização é bancada por nós mesmos **(risos)** **(Professora Entrevistada).***

É enfatizado a todo o momento que o espaço escolar carrega dificuldades e constantes enfrentamentos estruturais. Um exemplo disso é a falta de apoio para o professor dentro de sala de aula para casos de crianças com deficiência que demandem um significativo suporte. Para que o acesso seja garantido, o recurso de apenas um único profissional em processo de formação para suprir a uma demanda que precisa de intervenções nos processos formativos devidamente implementados dentro do espaço escolar, segundo a professora, é insuficiente, mesmo considerando-se a dedicação desse profissional.

A contratação de um estagiário para a sala de aula é inicialmente uma forma deste profissional em seu momento de formação poder desenvolver a teoria dada nas universidades. Ainda assim, as responsabilidades desse profissional estão vinculadas a um apoio educacional que lhe é atribuído de forma excessiva para

atender a diversidade que existe em uma escola efetivamente inclusiva onde cada criança com deficiência traz uma realidade diferente.

Nós estamos com uma estagiária só na escola que atende vários alunos ao mesmo tempo, ela corre igual na doidinha dentro da escola, porque ela tá sozinha para acompanhar vários alunos que ela acompanha não só os alunos com TEA, ela tem que acompanhar a criança que tem deficiência, paralisia cerebral, que é cadeirante, e ela tá sozinha, então é esse é um grande problema ainda na escola, né? Que não tem recurso humano (Professora Entrevistada).

Importante deixar claro que, diante da sua experiência enquanto professora, a entrevistada enfatiza a necessidade de construção de uma realidade inclusiva dentro dos limites individuais de cada realidade escolar. Reafirma, também, que o educador é muito exigente em relação à compreensão sobre sua função profissional e sobre a organização do seu trabalho. Por isso, acaba sendo bastante crítico, de certa maneira, até pessimista, no que se refere à educação pública. Contudo, afirma ela, mesmo diante das falhas institucionais o professor segue adiante tentando supri-las por si mesmo.

[...] porque professor ele é muito exigente e na sua exigência de sempre querer mais e é legítimo esse querer mais, e buscar sempre uma educação de qualidade, mas da sua exigência ele tem uma (pausa para pensar) ele acaba tendo uma visão um pouco pessimista da educação pública (Professora Entrevistada).

[...] como eu falei professor é exigente ele não vai fechar os olhos, ele vai fazer (Professora Entrevistada).

É inegável que seus esclarecimentos quanto à realidade escolar concentram-se em compreender que a profissão docente sempre é vinculada ao esforço e ao conhecimento construídos pelos professores. Diante disso, o desabafo do professor se justifica diante das barreiras que encontra dentro da escola pública que dificulta, entre outras coisas, expor o que é feito resultando em uma falta de reconhecimento do seu próprio trabalho, principalmente em perceberem a alta relevância da sua influência social e educacional.

[...] os professores são sempre muito criativos, ele é sempre muito dedicado, ele é sempre muito de exigência, pela sua exigência e as coisas vão acontecendo sim de uma forma positiva, né? (Professora Entrevistada).

E aí as coisas negativas elas vão tomando uma proporção tão grande e aí se colocando para debaixo do tapete o que é bom, o que acontece de bom dentro da escola pública, né? E que acontece muita coisa boa
(Professora Entrevistada).

Os enfrentamentos com os quais um educador se defronta na escola está no movimento de uma luta constante em garantir, não apenas os seus direitos, mais a vontade de intervir significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, investir, por exemplo, no rompimento do tipo de educação baseada em repetição e memorização, em instigar o reconhecimento de que a escola e o ensino devem constituir estruturas que contribuam para ações e relações notadamente inclusivas. Essa luta diária por processos mais inclusivos está atrelada às práticas sociais e ao processo de conscientização que deve ser posto em curso na ação individual e social de toda a comunidade escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Conheça todas as teorias,
domine todas as técnicas,
mas, ao tocar uma alma humana,
seja apenas outra alma humana.*

C. G. Jung

Este trabalho teve como principal objetivo apreender as significações de uma professora de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental acerca das estratégias didático-pedagógicas para crianças com TEA. Apoiados no referencial teórico-metodológico do Materialismo Histórico-dialético e da Psicologia Sócio-histórica usufruímos de suas respectivas categorias na intenção de descortinar os fenômenos constituintes da realidade pesquisada. A partir desse referencial, portanto, foi possível compreender a fundo a nossa unidade de análise: as significações para a apreensão dos seus desdobramentos em unidades contraditórias. Dessa forma, foi possível apreender essa realidade estudada para além da aparência, construindo possibilidades de reflexão crítica embrenhando-nos na realidade pesquisada, no trabalho de desvelamento de parte importante das infinitas camadas da essência. Assim, foi possível construir um movimento que nos permitiu compreender muitas das relações constitutivas das significações da professora entrevistada e suas respectivas mediações. Para a análise desse movimento utilizamos os Núcleos de Significação, um procedimento metodológico que nos orientou como eixo estruturante nos possibilitando, a partir das informações prospectadas e do conhecimento produzido, apreender o movimento dialético que constitui o processo de significação da realidade (Aguiar e Ozella, 2013).

Nesse caminho, foi possível perceber que a educadora, em suas significações, defende a importância de perceber o aluno em sua individualidade, trazendo o processo de inclusão escolar como elemento didático-pedagógico fundamental a todas as crianças pertencentes à sala de aula, considerando as diferentes deficiências bem como as crianças sem deficiência. Importante é ter claro que cabe ao educador perceber as dificuldades e necessidades que sua turma precisa, como grupo e como indivíduos ímpares. A professora entrevistada

apresenta a preocupação de que haja a consciência docente de que o ato de ensinar conteúdos precisa vir junto às percepções que ajudem a conhecer as dificuldades dos seus alunos. O processo de ensino-aprendizagem deve contemplar esses dois movimentos, simultaneamente. As significações dela, como professora, são fundadas nas significações construídas na sua condição de mãe de uma criança com autismo. A professora que ela é, também e principalmente, é consequência das dificuldades e da luta por recursos obtidos e desenvolvidos para o filho e, como educadora, incorpora sua formação acadêmica e sua experiência em sala de aula.

Esse olhar ampliado para cada uma das crianças, para o grupo e para o processo de ensino, é visto pela educadora como parte da construção didático-pedagógica constante da formação do professor e da professora da qual eles deveriam estar conscientes antes mesmo de vivenciar o chão da escola e experienciar a realidade da comunidade escolar. Ela entende que o processo de inclusão escolar só pode ser realizado quando o realizamos junto ao processo de ensino-aprendizagem regular e o fazemos junto aos alunos e à comunidade escolar:

*Inclusão é proporcionar efetivamente oportunidades para que consigam não somente estar inseridos, mas estar juntos trabalhando, juntos aprendendo, juntos conquistando, juntos e transformando o seu ambiente. Independentemente de onde seja, juntos. Eu acho que é isso incluir (**Professora Entrevistada**).*

Em suas falas, a professora defende que a realidade escolar é única. Traz que a sua experiência como educadora tem um suporte indispensável dentro da escola: a gestão da escolar. Os instrumentos e recursos disponibilizados para a ação da professora dentro da sala de aula são vistos pela gestão como inegáveis, considerando-se as possibilidades da escola. Os materiais didático-pedagógicos necessários para as atividades vão sendo disponibilizados a depender das necessidades que surgem em aula; com isso, conhecer o aluno faz parte indispensável do planejamento.

A professora reconhece que sua experiência educacional perpassa por vivências várias: foi conhecer sobre o autismo e o que é deficiência apenas na ocasião de sua maternidade. Sua desinformação faz parte da estrutura de uma sociedade que ainda percebe “o diferente” sem dar a essa percepção a devida

importância que justifique o esforço em se conhecer melhor a questão, o que trouxe a ela desafios agudos que atingiram a sua maternidade e a sua profissão. Sua busca pela formação continuada se tornou um compromisso fundado no reconhecimento da profissão de educador como parte inseparável da responsabilidade de se tornar um eterno pesquisador, aprofundando-se e afinando suas abordagens em sala de aula diante do que se lhe apresenta. Com isso, contribui para um planejamento educacional, não como “depósito de conteúdos”, mas como uma atividade que trará o principal norteamento do processo educativo: apreender de forma crítica-reflexiva os saberes constitutivos do cultural, do histórico e do social.

De posse desse arcabouço teórico-metodológico, de suas vivências e de suas experiências, é na sala de aula que as suas estratégias serão construídas. Seu planejamento é fundamentalmente direcionado para a turma, para aquela turma: a forma como o ensino-aprendizagem será direcionado, tem como fio condutor a compreensão das necessidades de ensino de seus alunos, os conteúdos que precisam desenvolver, suas limitações e habilidades. Além disso, estudar e conhecer sobre o que é a deficiência, em particular sobre o Transtorno do Espectro Autista, implica em que suas ações didático-pedagógicas com os alunos passem a estar diretamente ligadas ao conhecimento de suas particularidades.

Historicamente, a situação das pessoas com deficiência se constituiu por meio de conquistas árduas em sucessivos embates pela luta por seus direitos, lutas difíceis travadas contra os segmentos mais conservadores e retrógrados da sociedade. O resultado de uma sociedade igualitária não acontece sozinho, a luta pelos direitos da pessoa com deficiência não deve partir apenas das pessoas com deficiência que lutam e almejam essa mudança. Se faz necessário uma evolução e apreensão em diversos âmbitos da sociedade perpassando pela cultura, educação, política para que essas conquistas façam parte da sociedade como um todo. Apenas desse modo essa luta pela equidade pode caminhar para a construção de uma sociedade menos excludente, respeitando o sujeito em sua singularidade e diversidade.

A inclusão escolar é percebida como parte das incumbências dos profissionais da educação, considerando-se, como o faz a professora, que a escola

faz parte da construção ética e moral de um cidadão. Assim, uma sociedade não deveria excluir, invisibilizar ou segregar. A deficiência faz parte da diversidade humana e deve ser compreendida como tal.

- *Sensibilidade faz toda a diferença. (Professora Entrevistada).*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.45, n. 155, p. 56-75, Mar. 2015.

AGUIAR, W. M. J; MACHADO, V. C. Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, Campinas , SP. v. 33, n. 2, p. 261- 270, Jun 2016.

AGUIAR, W. M. J; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, W. M. J. de., Godinho Aranha, E. M., & Soares, J. R. (2021). Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos De Pesquisa**, 51, e07305

ANGELUCCI, C.B. Medicalização das diferenças funcionais – continuísmos nas justificativas de uma educação especial subordinada aos diagnósticos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente - SP, v. 25, n. 1, p.116-134, jan./abr. 2014.

BARBERINI, K. Y. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 46-55, jun. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006&lng=pt&nrm=iso

BERTOLDI, F. S. e BRZOZOWSKI, F. S. O papel da psicopedagogia na inclusão e na aprendizagem da pessoa autista. **Rev. psicopedag.** [online]. 2020, vol.37, n.114, pp. 341-352. ISSN 0103-8486. <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20200028>.

BOCK, A.M.B.; AGUIAR, W.M.J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. In: AGUIAR, W.M.J.; BOCK, A.M.B. (orgs). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016, 160 p.

BOGATSCHOV, D. N., & MOREIRA, J. A. da S. (2009). Políticas educacionais para o atendimento à infância no Brasil: do assistencialismo à indissociabilidade entre cuidar-educar. In: **Seminário Nacional de Estudos e Pesquisa - História, Sociedade e Educação no Brasil, da Universidade de Campinas**, Campinas, São Paulo, Brasil. Em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html.

BOGATSCHOV, D. N., & MOREIRA, J. A. da S. (2009). Políticas educacionais para o atendimento à infância no Brasil: do assistencialismo à indissociabilidade entre cuidar-educar. In: **Seminário Nacional de Estudos e Pesquisa - História, Sociedade e Educação no Brasil, da Universidade de Campinas**, Campinas, São Paulo, Brasil.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**. Decreto n. 6.949, 25 ago. 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Legislação Específica/Documentos Internacionais**. Portal MEC, Brasília, 2020.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

BRZOZOWSKI, F. S., & CAPONI, S. N. C. de .. (2013). Medicalização dos desvios de comportamento na infância: aspectos positivos e negativos. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 33(1), 208–221. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100016>

CARMO, B. C. M. do, FUMES, N. de L. F., MERCADO, E. L. de O., & MAGALHÃES, L. de O. R. (2019). Políticas públicas educacionais e formação de professores: convergências e distanciamentos na área de Educação Especial. **Revista Educação Especial**, 32, e113/ 1–28. <https://doi.org/10.5902/1984686X39223>

CAROTHERS, D. E.; TAYLOR, R. L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004.

CHAVES, T. M. L.; KRUEL, C. S. Um olhar sobre a infância medicalizada. **Research, Society and Development**, v. 8, p, 2019.

CLARO, G. R., & MACHADO, D. P. (2018, 19 de abril). Medicalização infantil, liberdade e criatividade. **Gazeta do Povo**. [on-line], em <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/medicalizacao-infantil-liberdade-e-criatividade-77et0azej628t4u93ae6bh2m1>.

CLEMENTE FILHO, Antônio 5. Da integração à inclusão. **Jornal da APAE**. São Paulo, n. 124, mar. /abr. 1996.

COLLARES C. A. L., MOYSÉS M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez; 1996.

CONRAD P, SCHNEIDER J. W. Deviance and medicalization: from badness to sickness. Philadelphia: **Temple University Press**; 1992.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L., B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Luciana de Oliveira da Rocha – 2ed – Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DELEUZE, G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle** (1990). Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DENTEE, M. L. (2015, dezembro). **Medicalização infantil: uma epidemia contemporânea?** Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário do Vale do Taquari, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil. em <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/1034>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. São Paulo, Editora Autores Associados e Editora Cortez, 1983.

GENTIL, K. P. G., & NAMIUTI, A. P. S. (2015). Autismo na educação infantil. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, 18(2), 176-185. <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2015.v18i2.335>

IANISK, G. M. (2009). A criança e seu espaço na sociedade contemporânea. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, Paraná. em <https://educere.pucpr.br/p21/anais.html?tipo=2>.

IBIAPINA, I. M. L. M.; BANDEIRA, H. M. M.; ARAUJO, F. A. M. (org.). **Pesquisa colaborativa**: multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina: EDUFPI, 2016.

IBIAPINA, I. M. L.M.; CARVALHO, M. V. C. Pesquisa colaborativa no Procad: criação de nova paisagem na cooperação acadêmica. In AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (orgs). **A dimensão subjetiva do processo educacional**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2016, 160 p.

JESUS, D. A. D. de; GERMANO, J. A importância do planejamento e da rotina na educação infantil. In: **II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do CEMAD**, 2013, Londrina. Docência na educação superior: caminhos para uma práxis transformadora, p. 29-40.

JESUS, R. M.; LEMPKE, N. N. S.; Manifestações emocionais das crianças na educação infantil. SynThesis **Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.6, n.6, 309-325, dez. 2015.

KASSAR, M. C. M. Marcas da história social no discurso de um sujeito: Uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 50, Abril 2000.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

LENT, R. **Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência** - 2ª edição. Atheneu, 2010

LEONTIEV, A. (1978). **Atividade, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre.

LEONTIEV, A. N. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. IN: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método de psicologia**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: LECH, 1979.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: As últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma, Revisionismo e Oportunismo**. Rio de Janeiro, LAEMMERT, 1899/1970.

MACHADO, L. V., & FERREIRA, R. R. (2014, janeiro-março). A indústria farmacêutica e psicanálise diante da "epidemia de depressão": respostas possíveis. **Psicologia em Estudo**, 19 (1), 135-144, em http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000100015.

MAGALHÃES, L. de O. R. **A dimensão subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da Pesquisa-Trans-Formação**. 2021. 608 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MANOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. (Org.) **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MASCELLANI, M. N.. Quem educa o educador. **Educação & Sociedade**, Revista quadrimestral de ciências da educação, Ano II, número 7, setembro de 1980.

MEIRA, M. E. M. (2012, Junho). Para uma crítica da medicalização na educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 136-142, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-5572012000100014&lng=en&nrm=iso. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100014>.

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINAYO, M. C. S. (1996). **O desafio do conhecimento**. 4 ed. São Paulo. Hucitec.

MOYSÉS, M. A. A., & COLLARES, C. A. L. (1997). Inteligência Abstraída, Crianças Silenciadas: as Avaliações de Inteligência. *Psicologia USP*, 8 (1), 63-89, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100005. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000100005>.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Dom Quixote: Lisboa, 1995.

OLIVEIRA, J. F., & Libâneo, J. C. (1998, maio-junho). A Educação escolar: sociedade contemporânea. In: *Revista Fragmentos de Cultura*, 8 (3), 597-612, Goiânia, Goiás.

ORRÚ S. E. **Aprendizes com Autismo: aprendizagens por eixos de interesses em espaços não excludentes**. Petrópolis: Vozes; 2016.

PALMA, D. T., & CARNEIRO, R. U. C. (2018). O Olhar Social da Deficiência Intelectual em Escolas do Campo a Partir dos Conceitos de Identidade e de Diferença. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 24(2), 161–172. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200001>

PLACCO, V.M.; SOUZA, V.L. (org). **Aprendizagem do Adulto Professor**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PRADO, M. A. M. B., FRANCISCO, P. M. S. B., & BARROS, M. B. A. (2017, dezembro). Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26 (4), 747-758.

PRESTES, Zoia R. **Quando não é quase a mesma coisa: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional**. Tese apresentada ao Programa de pós graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UNB. Brasília, 2010.

BOCK A. M. B.; GONÇALVES M. G. M.; FURTADO O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.**

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIESGO, R. Anatomia da aprendizagem. In: **Transtorno da Aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar**: Artmed, 2006.

SANCHES, V. N. L., & AMARANTE, P. D. de C.. (2014). Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental. **Saúde Em Debate**, 38(102), 506–514. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140047>

SANT'ANA, I. M. Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2005.

SASSAKI, R. K. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHMIDT, C. et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222-235, abr. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000100017&lng=pt&nrm=iso

SERRA, D.; Autismo, Família e Inclusão. Polêmica, **Revista Eletrônica**, v. 9, nº 1, p. 40-56, jan./mar. 2010.

SILVA, S. R. de A. M.; Mediação escolar no transtorno de espectro autista: abordagem na sala de recursos multifuncional. **Educação Pública**, v. 19, nº 6, 26 de março de 2019.

SPARROW, M., In **Silence and In Sound**: Autistics do not benefit from presumptions of deficit. July 2018. < <https://thinkingautismguide.com/2018/07/in-silence-and-in-sound-autistics-research.html>>

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. São Paulo: Centauro Editora, 1976/2005. (pp. 105-106)

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SZYMANSKI, H. (2019). A entrevista reflexiva. **Revista Psicologia da Educação**, 10/11, 193-215.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002. **Os professores diante do saber**: esboço de uma problemática do saber docente. Cap. 1, p. 31-55.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. COLE, M. et al (orgs.). Tradução José C. Neto, Luís S. M. Barreto, Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALKER, N., '**What is Autism? Neurocosmopolitanism**: Nick Walkers Notes on Neurodiversity, Autism and Cognitive Disability' March 2014. <<http://neurocosmopolitanism.com/what-is-autism/>>.

APÊNDICE A: ENTREVISTAS

Parte I

- Conhecer um pouco sobre o participante (conhecer sobre a sua vida, família, carreira, formação, ...)
- O que a fez escolher a profissão. E o que se entende sobre ser um educador
 1. *Me fale um pouco de você (família, educação básica, de onde veio)*
 2. *Como foi o seu processo de formação*
 3. *No seu processo foi pautado sobre a educação inclusiva*
 4. *Como você entende o papel do professor na educação*
- O que traz sobre o que é ser um docente em uma sala inclusiva.
- Como ele vê os alunos com deficiência em sala de aula. Como entende a relação da educação com a diversidade social
 5. *O que você conhece sobre educação inclusiva*
 6. *A educação inclusiva é um tema discutido na escola*

Parte II

- Planejamento didático pedagógico
 7. *No processo de planejamento são apresentadas propostas de trabalho para o aluno no Espectro Autista*
 - Formulação das atividades
 8. *O que é apresentado como atividade educacional ao aluno com autismo*
 - Compreensão da importância das atividades em sala de aula
 - Ação da atividade em sala de aula acontece de acordo com o planejamento para o aluno.
 9. *As atividades que são planejadas para o aluno no Espectro Autista, são desenvolvidas em sala de aula*
- As atividades são de responsabilidade de quem...Há apoios?*
10. *Sobre a relação com a comunidade escolar: Entendendo que a educação inclusiva pressupõe estabelecimento de redes de apoios, como acontecem (ou não) estes vínculos?*

Parte III - Entrevista 01

M: Pronto. Então vamos lá (*nome da professora*). Boa tarde.

Prof 01: Boa Tarde.

M: Como a gente tinha conversado um pouquinho, eu expliquei como vai funcionar a entrevista como é o direcionamento da pesquisa. Eu quero que você possa sentir o mais confortável possível, tudo bem? E se caso você precisar parar ou alguma coisa assim, você pode avisar tá bom?

Prof 01: Tá ótimo.

M: Então, eu queria começar pedindo que você falasse um pouquinho de você! Sobre o seu trabalho, sobre a sua formação, sobre a sua família, de onde você veio, o porquê você escolheu a educação. (**Risos**)

- E é isso no momento. (**Risos**)

Prof 01: Tá! Vamos lá então. (**Risos...**) É. Bom! Eu tenho 44 anos de idade né! E iniciei meu trabalho na educação em 2001. Eu acredito que foi realmente por vocação, né? Não por acaso, mas por escolha e vocação mesmo. E desde então é eu nunca pensei mudar de trabalho e de profissão nada disso. Então eu sou professora de língua portuguesa, fiz Faculdade de Letras na Universidade na Fundação Centro Universitário de Santo André Fundação, né, Fundação Santo André, não sei se você conhece.

- E eu iniciei em 2001, minha carreira como (**pausa para pensar**) sempre na escola pública, né? Que é onde eu acredito que as coisas devem acontecer e onde as transformações sociais efetivamente devem acontecer na escola pública.

- Hã, vamos lá, eu sou casada. Tenho dois filhos um dos meus filhos mais velhos 17 anos, ele tem TEA, ele foi diagnosticado aos Três anos de idade.

- Ah! Na época era chamado de Síndrome de Asperger e hoje a nomenclatura mudou um pouco, né! TEA com grau 1, grau 2, grau 3 e depois grave leve enfim e agora nem mais isso é né? Tem é com necessidade de apoio, com muito apoio substancial. Tem outros nomes aí que são ditos, né. Enfim.

- O apoio! mas a princípio era a síndrome de Asperger.

- Associado a Síndrome de Asperger também, ele tem a associação com o TDAH, né? Então desde pequeno ele tem lá uma orientação, mais ele recebeu um diagnóstico e na verdade a orientação não foi dada nem pelas escolas, nem orientação mesmo de como conduzir eu não tive né? Uma orientação foi tudo muito intuitivo, tudo muito o buscar o conhecimento e esse conhecimento que eu busquei na minha vida pessoal para levar para o meu filho, eu também usei na minha sala de aula, né? Aproveitei esse conhecimento que eu fui adquirindo ao longo dos anos de comunicar com o meu filho com TEA e TDAH. Eu fui aplicando com os meus alunos em sala de aula.

- Hoje atualmente. Eu tenho dois alunos com TEA tá? Eles não têm.

- É! **(pausa para pensar)** Eles não têm outras associações de outros transtornos, tá não tem DI deficiência intelectual, eles são...eles aprendem. Que é o **(Nome do aluno)** que tá no nono ano.

- E tem um aluno do sétimo ano que ele não tem laudo tá? Mas, nitidamente ele tem o TEA tá! Que não é um TEA que precisa daquele apoio substancial, ele precisa de apoio, mas não apoio substancial, que é um TEA leve né? Mais a família não aceita, respeito. Eu não conversei com a família desse aluno específico. Esse ano não tinha oportunidade de conversar com os pais que eles não as duas reuniões pedagógicas que eles foram que tiveram na escola, eles não reunião de pais, né? Eles não foram eles estão compareceram nas duas reuniões.

- Mas, nas conversas que nós temos entre os professores nas reuniões pedagógicas entre nós e, diz que já foi conversado com a família, né orientado um neuropediatra um psiquiatra para fazer uma avaliação, mas a família não aceita.

- Mas, aí a gente lida com ele, como TEA né pelas características que ele tem né? Não como TEA mas, pelas características são necessárias aí né? Falar lidar com eles é muito estranho, né? Ah eu vou lidar com ele como se ele tivesse TEA, não é isso, é eu acho que me expressei mal é porque na verdade mesmo os alunos, né? As crianças, os jovens com TEA, eles têm cada um em sua especificidade é eles não são iguais, né? Tem várias questões aí que os caracteriza Então dentro de cada especificidade de cada aluno. Independente se tem TEA ou não, né? A gente tem que individualizar o trabalho pedagógico.

Que mais eu tô indo, né? Tô misturando tudo né? **(Risos)**

M: (Risos) Então eu vi que você começou falando um pouquinho sobre a sua relação com seu filho, que ele tem o diagnóstico de TEA e TDAH, você poderia falar um pouquinho sobre ele? Como foi esse seu processo? Como foi? Como foi o processo de descoberta? Como foi o processo de ensino dele? Como foi todo esse caminho?

Prof. 01: Bem, viu, porque foi um caminho bem árduo, porque foi bem complicado sobre esse percurso que eu fiz e depois sobre, as formações que eu tive que eu busquei eu falei caramba, como eu acertei muito mais do que errei e de forma tão intuitiva e que eu acho que foi a vontade de querer que meu filho se desenvolvesse, né? E eu não me culpo em nenhum momento. Pelo contrário, né? Então quando ele tinha três, dois anos de idade três anos, então foi uma criança que nós chamávamos pelo nome não respondia, não atendia, tinha hiper foco muito acentuado que na época, eu não observava não percebia por que não tinha outro.

- Outro parâmetro de criança, né? Então era o primeiro filho. É sempre lidei com adolescentes.

- Então eu sempre fui professora de adolescentes, então não tinha parâmetro de outras crianças, ele era o primeiro neto da família, então eu não tinha um parâmetro de comparação. Então, eu não percebi algumas características dele quando ele foi para a creche aos dois anos de idade, foi quando eu comecei assim deu aquela luz, né? Tem alguma coisa diferente.

- Porque eu ia buscar meu filho na creche e eu percebi a relação das outras crianças com os seus familiares ou entre eles entre as crianças e meu filho não se comportava daquela forma, eles tinham comportamentos diferenciado das outras crianças, então foi na escolinha na creche pública inclusive da Prefeitura Municipal de São Paulo que eu tive um apoio muito importante que eu percebi essa, essa característica diferenciada em relação as outras crianças.

- Ele não falava. Em alguns momentos repetia nomes aleatórios fora do contexto de comunicação, né de um contexto de comunicação. E aí ele ia falar nisso. Eu estou falando dele. Ele tá aparecendo com a carinha dele aqui.

- Oi filho! Pode pegar, pode pegar. Ele quer pegar alguma coisa **(Risos)**. E aí.

- Ele e aí, eu achei estranho, né? Fala um oizinho aqui.

- Oi tudo bem! (**Filho da(o) prof. 01**)

M: Oi! Tudo bem! (**Risos**)

Prof 01: Ele está um rapaz! (**Risos**)

Prof 01: E aí ele e aí, o que que eu com o fato da comunicação da linguagem estar muito assim, né? Foi o grande problema aí que eu percebia a falta de comunicação e interação social.

- E da escola se isolava e não queria interagir hora de lanche, ele não queria ir lancher tinha muita dificuldade de dar alimentação, recusava alimentos. Enfim. É! Quebra de rotina, tinha várias questões aí, mas eu não conhecia o TEA eu não sabia o que era, eu tinha ainda a visão de que autismo, era aquele autismo bem acentuado, que a pessoa tem os estereótipos, os balanços, né? Tem! (**pausa para pensar**) Eu entendia na época isso a 15 anos atrás como aquele autismo Severo, né com aqueles negócios todos enfim.

- É e aí a minha sogra ela trabalhava nessa creche como professora de educação infantil estava readaptada numa função burocrática. Não estava na sala de aula, mas ela começou também a observar o meu filho e ela trabalhava nessa creche junto com a diretora e ela falou para a diretora assim. (Nome da diretora) observa o meu neto, ele é diferente das outras crianças.

- Ele é bem diferente né! hoje minha sogra é aposentada e tal ela tem mais 70 anos e aí elas começaram também a observar, e aí foi tudo muito simultâneo a minha observação, a observação delas, e aí eu marquei uma consulta isso sem conversar com a minha sogra sem conversar com a minha (**pausa para pensar**) com a diretora nada (**pausa para pensar**) eu marquei uma consulta com um neuropediatra para ele na mesma semana a diretora me chamou Marina, nós estamos observando o (**nome do filho**) há um tempo e observamos determinados comportamentos então a gente aconselha que você leve ele no neuropediatra. Eu falei olha eu já marquei inclusive vai ser essa semana.

- Foi! Levei na consulta no neuro, na neuropediatra e foram (**pausa para pensar**) ela fez lá aquela avaliação, né inicial lá várias perguntas é e ela no final da consulta. Ela me disse o seu filho, tem síndrome de Asperger, ele é autista, ela afirmou com todas as letras. E aí aconselhou que eu voltasse me deu uns exames para fazer

exames auditivos, tomografia, ressonância, síndrome de X frágil para descartar outras possibilidades, né?

- Então sai de lá com uma lista de coisas para fazer né? Então iniciar os exames médicos auditivos, audiometria, tera, ressonância da cabeça, tomografia, dois exames genéticos de síndrome do X frágil, um outro não me lembro mais o nome então foi uma lista, né? E ela me aconselhou que eu não né? Que eu era difícil ouvir, é um diagnóstico dessa forma, mas que não era muitos pais quando ouviam esse diagnóstico não voltavam mais a clínica não queriam mais. É foi exatamente o que eu fiz não voltei mais na clínica né? **(Risos)** Porque eu fiquei, essa médica é louca como em 40 minutos, ela coloca lá um diagnóstico de autismo, então foi aquela não aceitação o preconceito também a falta de **(pausa para pensar)** Não de preconceito, mas a falta de informação acho que não é a palavra preconceito. Apesar de eu ser professora na época, eu tinha a desinformação, né? Em relação ao transtorno alguma pergunta? pode me interromper tá?

M: Não, está tudo bem. Eu só ia dizer que eu achei muito interessante a forma como você foi buscar o diagnóstico ainda que você sentiu tem algo diferente e queria saber do que se trata. Eu quero! Investigar mais a fundo, o que poderia ser.

Prof 01: Sim!

M: Eu entendo que para você foi um processo. Como foi isso.

Prof 01: Foi quase um processo de luto viu, vou ser bem sincera com você, claro que não é como **(pausa para pensar)** mas, é quase um processo de luto, porque morre-se ali os seus sonhos de uma mãe para um filho, de um futuro de um casamento de uma faculdade é um luto é um processo é como se fosse um processo de luto. Meu filho, não exagere! Ele tá falando aqui. É porque ele não sabe o que que eu passei então assim é um processo porque uma mãe quando ela tem ela gera um filho ela gera também um futuro para ele, sonhos. Não sei se você tem filhos, mas ela também gera junto com essa criança, sonhos.

- Claro que a gente sabe que não vai se cumprir, mas ela gera sonhos, naquele momento eu passei pela derrubada dos sonhos, então acabou os sonhos, né e pela falta de informação obviamente. Hoje eu enxergo totalmente diferente, é não tem mais essa visão que eu tinha lá, né? Enfim.

- Quando você falou de querer buscar é personalidade também. Eu sempre fui muito curiosa, eu sempre fui muito inquieta, eu sou assim muito inquieta muito curiosa muito de buscar de querer conhecer de querer pesquisar de querer entender e ter as respostas. Eu não me conformo eu não sou conformista com o que eu tenho, eu sou sempre uma inconformada. Então eu busco sempre eu tenho espírito pesquisador e pesquisando quero sim ter as respostas o tempo todo né? Por isso que eu sou professora hoje porque eu sou inconformado eu quero sempre ir além, né buscar conhecimento e o conhecimento te leva bem para onde né? Quando você olha e falar, mas está tão pouco.

M: Vamos procurar mais informação. Vamos ser curiosos, na verdade!

Prof 01: Então foi essa questão mesmo do querer achar as respostas. Enfim voltando esse relato pessoal, né?

- É, fiquei inconformada mesmo. Enfim, eu vou procurar uma outra segunda opinião, busquei uma segunda opinião, busquei uma terceira opinião enfim, né? E aí eu conheci uma psiquiatra nesta terceira opinião. Todas elas as outras duas também, olha e tudo indica que é autismo, mas é além é uma lei do autismo. Enfim. Ainda precisa fazer uma avaliação mais longa aí um segundo especialista na segunda especialista Dra. **(nome da médica)** inclusive ela me disse precisamos fazer uma investigação mais detalhada, não dá para falar em 40 minutos que é um TEA, que é um autismo precisa de uma equipe multidisciplinar.

- Bom é fiz todos os exames que foram requisitados tudo me foi orientado. Eu fiz eu não deixei de fazer nada, né? Deixei os meus olhos. Eu só queria algo a mais eu não queria me conformar somente com uma única opinião. Eu queria mais informações. Eu queria me apropriar mais daquele diagnóstico. E aí eu fui numa terceira opinião Dra **(nome da psiquiatra)** psiquiatra infantil. E ela me disse o seguinte: mãe não importa o que seu filho tem a gente precisa começar um tratamento quanto mais rápido estímulo melhor será o desenvolvimento dele, então fomos iniciar um tratamento tá não importa **(fazendo referência a fala da médica)**. Pode ser qualquer coisa qualquer CID, o importante é iniciar o tratamento então.

- Nisso, é foi tudo muito rápido menos de seis meses eu já tinha ido em três especialista, já tinha feito todos os exames já tinha foi tudo muito rápido, tá? Eu tô falando assim, não levei anos não foi muito rápido então aí iniciou o tratamento

ludoterapia, fonoaudiólogo três vezes na semana a ludoterapia duas vezes, terapia ocupacional, então ele foi fazendo e dentro disso eu fui sendo orientada em algumas questões, mas outras eu via de acordo com a característica dele com as especificidades do meu filho as necessidades dele e eu fui criando estratégias para conseguir se organizar porque junto com o TEA, ele tem TDAH. Estava muito foi evidente na época muito TDAH. Estava muito evidente. Então eu fui criando estratégias.

- Hoje é eu fui observando eu fui depois de né de estudar algumas coisas a respeito foi observar eu falei nossa é essa estratégia que eu uso que eu usei tão intuitivo, né de uma forma tão intuitiva. Olha! **(Risos)** Esse aqui é o **(nome do filho)** mais novo. De forma intuitiva, eu percebi que eram estratégias que eram usadas com crianças mesmo com o autismo, né? Por exemplo, a estratégia de um nome lá, tem uma ciglinha é TEACCH se eu não me engano tem essa estratégia que é um curso de organização de ambiente, lousa, é aquela deixar o ambiente organizado para que possa reconhecer esse ambiente, reconhecer a rotina organizar o seu ambiente, então eu organizava o quarto dele.

- Da forma que ele conseguisse se organizar. E aí depois eu descobri que isso é uma técnica, muito intuitivo em relação à alimentação também. E para que ele começasse a se alimentar, ele tinha restrições alimentares, né que ele criava foi muito difícil. Comecei a bolar estratégias pedagógicas, para que ele sempre **(pausa para pensar)** para introduzir alimentos novos, né? Para ele começar a comer e deixar aquelas restrições de determinados alimentos que ele era só abitolado naquele mesmo tipo de alimento que o TEA tem né?

- O reforço positivo eu sempre buscava reforçar, elogiar fazer reforços positivos, aí eu descobri que isso é uma estratégia do ABA, né? Depois de muitos anos tá, mas foi tudo muito intuitivo ali. Bom, acho que é isso, tá? Deixa-me ver se eu consigo lembrar aqui **(pausa para pensar)** Ele também começou a tomar o ritalina que usa desde lá pequenininho, até hoje ele faz uso ritalina hoje. Inclusive eu tive até uma conversa com ele em relação a isso porque ele está usando isso como muleta, tive uma conversa com ele em relação a isso para gente tentar desmamar esse ritalina e ele usa outras estratégias para poder se concentrar melhor.

M: É uma coisa que você trouxe!

Prof 01: Então...

M: Desculpa, pode falar!

Prof 01: Pode falar.

M: Em algum momento enquanto você estava falando, você trouxe sobre a sua falta de desinformação nesse mesmo momento você soube do diagnóstico, enfim, você tinha alguma formação você já tinha começado a pedagogia? Como foi? Como foi o seu processo especificamente de informação?

Prof 01: Então! Eu já era licenciada, eu já era professora né, mas eu não tinha formação em relação à educação especial, né? Então não tinha nenhuma informação a respeito disso. Hoje se fala muito sobre educação inclusiva quando eu iniciei não existia esse termo né?

M: Você fez Pedagogia? Não, desculpa.

Prof 01: Não. Eu fiz Letras, fiz licenciatura em letras, pedagogia eu fiz depois de alguns anos, mas a minha formação inicial é letras.

M: Na sua formação não tinha nada que se relacionasse a inclusão.

Prof 01: Eu me formei em 2003, mas eu iniciei, eu comecei a dar aula em 2001, eu estava no terceiro ano da faculdade quando eu comecei a lecionar e foram quatro anos de curso, né numa faculdade considerada de excelência.

- E não tinha não se falava de educação inclusiva não se falava nenhum momento, né? Não existia um currículo dentro do currículo Universitário nada que tratasse a respeito de educação inclusiva então e eu fui pensar na educação. Inclusive por conta da questão pessoal, né? E eu não enxergava os meus alunos.

- Eu não tinha essa, eu não os enxergava como pessoas que precisavam que tinham especificidades que precisavam ser olhados de uma forma diferenciada e precisavam ser atendidos de uma forma diferenciada para tentar equalizar, né e diminuir essas né? Essa desigualdade eu não enxergava. Então eu faço meus planejamentos pedagógicos que você né, que é o tema aí da sua e da sua tese eram uniformes era pensar em um aluno.

- 35 alunos dentro da sala de aula que são todos iguais, né? Não são diferentes. Então é um planejamento igual para todos uma forma de ensinar igual para todos,

um desejo que todos aprendam de uma forma diferente. E aí eu comecei a enxergar que não é assim depois de começar a observar que meu filho era diferente, porque ele precisava ser tratado diferente, né? Ele nasceu em 2006 e na época não existiam leis que guardasse, né? Resguardasse os seus direitos como lá hoje, né? Ali de direitos para o autista é nova de 2012, então para você ter uma ideia, quando o meu filho saiu da educação da creche, as professoras foram muito sensíveis e elas por conta dele iniciaram um curso entre elas, né? É uma formação entre elas para aprender a lidar com o meu filho.

- Então partiu delas. Vamos aprender como a gente precisa lidar com o **(Nome do filho)** e aí eu comecei a estudar junto, em 2009, quando ele saiu da creche do CEI né da Educação Infantil ele foi para uma escolinha, né? Na EMEI, e aí eu fui até a escola até a EMEI, que é uma escola da Prefeitura Municipal de São Paulo e a orientação dos especialistas para o meu filho era ele precisa de uma de uma escola mais silenciosa, não tenha muito bagulho com poucos alunos em sala, né? Para que ele fosse melhor assistido, né? Então menos alunos em sala para ele, será importante uma escola menor.

- E então a princípio eu procurei uma escola que tivesse essas características uma sala de aula mais enxuta com menos alunos, que a professora conseguisse ter uma atenção melhor. E aí eu fui procurar, fui nessa EMEI conversei com a coordenadora expliquei olha o meu filho tem o diagnóstico de autismo associado com o TDAH. E aí eu gostaria de saber qual que é a trabalho que vocês desenvolvem em relação a isso, né? Vocês têm uma conduta diferenciada, inclusiva, enfim.

- E aí eu senti dela uma resignação, não sei se é essa palavra, mas um sentimento de resignação. Eu não tenho muito o que fazer **(resposta dada pela coordenadora)**. E eu cheguei bem no momento do intervalo. E as crianças assim um terror a ponto de subir no telhado **(Risos)** agitadíssimos né! Aquela escola grande, imensa várias salas e ela falou. Olha a gente não tem como parar, a gente não tem como **(resposta dada pela coordenadora)**. Então foi tudo muito assim, foi muito diferente do que eu tinha na creche, muito diferente com acolhimento a preocupação, eu não senti da coordenação da escola, um desejo de acolher o meu filho, né?

- Então ela olha eu acho que aqui não é o melhor lugar para ele porque nós não temos estrutura nós não temos professores formados nós não temos não temos e não temos nós não temos, então não é melhor para ele. **(fazendo referência ao que a coordenadora tinha passado sobre a escola)**. Em nenhum momento, ela falou nós não temos, mas nós vamos buscar! Diferente da outra escola, né? Então o querer da pessoa né? Enfim.

M: É...

Prof 01: Fui em uma escola particular...Pode falar desculpa!

M: Não, tudo bem. Você pode continuar falando tudo bem? Depois em complemento **(Risos)**

Prof 01: Falando assim do pessoal, mas vou tentando colocar isso no contexto escolar. Tá bom? Quando eu o levei eu fui uma outra escola particular menor, né? E a gente sabe que escola particular tem uma estrutura melhorada. Então eu fui falar como uma escola particular tentar ver a vaga para ele.

- A diretora me recebeu super bem mostrou todos os espaços da escola o que tinha eram duas professoras por sala uma estrutura maravilhosa, mostrou todo o plano pedagógico. Ah, gostei muito falei gostei muito da escola poucos alunos por sala que é o que eu preciso porque o meu filho é autista. No mesmo momento o semblante dela mudou e ela me recusou a vaga.

- Então assim depois que ela me mostrou todo o espaço, me vendendo o espaço da escola dela, né? A diretora era dona da escola, então ela me fez todo um trabalho de venda da escola, né? Porque matriculasse meu filho ali, mas naquele momento quando eu disse olha que bom que tem poucos alunos por sala porque o meu filho é autista e o que ela me disse.

- Hum, infelizmente eu não posso matricular ele aqui. Porque ele precisa ir para uma escola de educação especial. Seria bom ele uma escola de educação especial uma escola específica para ele. É porque eu tenho outros pais, eu tenho outras crianças, ele pode bater nas outras crianças e os outros pais não vão gostar então ela já fez lá. Aí sim é o preconceito misturado com a desinformação, né? E ela me recusou! Não existia hoje a lei que existe hoje, né?

- Que é a lei feita por uma mãe de um autista. Berenice alguma coisa, não lembro o nome da lei de 2012, né? Não existia essa lei que respaldasse a partir daquele dia eu prometi para mim mesma que eu nunca mais falaria para ninguém que meu filho era autista. Entende? Não, não vou mais falar.

- Na escola não vou falar mais pra escola em alguns momentos também quando algumas pessoas percebiam que ele tinha uma característica diferente, eu falava olha ele é assim porque ele é autista é a característica dele. E aí eu percebi um certo. Ah como o quê? Coitado, né? Mas, enfim.

- E mais na escola prometi que eu não falaria mais, então o que eu fiz procurei uma nova escola matriculei e em nenhum momento, eu falei que ele tinha o laudo de TEA, mantendo os tratamentos normalmente ou acompanhava depois os professores em algum momento me chamaram porque perceberam o **(nome do filho)** de uma forma diferente, mãe aquela mesma conversa a gente precisa conversar com você, porque o **(nome do filho)** nós percebemos o **(nome do filho)** com características diferentes. Eu falei é eu sei o **(nome do filho)** é autista.

- É eu não falei! Por causa disso, disso e disso não falei para vocês, né? Então eu não falei porque eu fiquei com medo de me recusarem a vaga obviamente, então foi assim, mas assim o **(nome do filho)** meu filho hoje ele não tem deficiência intelectual, ele aprende não tem nenhum problema cognitivo, ele aprende como todos os jovens aprendeu como todas as crianças no momento certo foi alfabetizado na época certa, né?

- Nunca teve problema de aprendizado é claro que tem tempo dele, né? Tem da forma dele e hoje isso é respeitado, né? Por força de lei é respeitado.

M: Uma coisa que você trouxe na sua fala. Que teve um grupo de professoras que elas se disponibilizaram em pensar em possibilidades, para que pudesse atender o seu filho e eu queria pegar especificamente nessa fala. Como você vê o professor na educação? Porque você trouxe sua experiência de professores que foram acolhedores, você trouxe experiência de professores e de escolas que não foram acolhedoras, mas para você, como você entende o papel do professor na educação?

Prof 01: Então. O professor independente de suas condições que ele enfrenta estruturais, que a gente sabe que são condições estruturais complicadas isso tem a ver diretamente com as minhas características novamente enquanto pessoa, enquanto ser humano. Ele deve buscar né? Não é que ele pode, ele deve! Então essa minha postura o professor deve buscar conhecimento se ele não sabe ele por natureza profissional, ele deve ser pesquisador. Então ele precisa pesquisar, né? Ah! Mais a estrutura não me permite a políticas públicas não me permite, mais faça dentro do que você consegue do pouco que você queria que fosse permitido fazer, já é um ganho muito grande naquela época não existiam ainda leis, né? Que garantissem os direitos do autista.

- A inclusão ainda era né? Tinha há pouco tempo tirado aquelas classes especiais né chamadas de classes especiais de salas especiais, o professor ainda estava se apropriando, mas eu percebi nesse grupo e na gestão também escolar, né? Um comprometimento de querer buscar não por força de lei porque na época não existia em 2008, né? Não existia ainda era tudo muito novo.

- E eu enxergo no professor essa obrigação de ser por natureza, ele é tem que ser pesquisador para aprimorar sempre o seu trabalho, né? Se ele ficar sempre do que ele aprendeu na faculdade Quem Perde é a educação pública. Deixa de ser de qualidade, né? Então eu penso dessa forma. Então eu falo muito com meus colegas de trabalho. Eu falo, eu sou apaixonada pelo que eu faço continuo tendo a minha mesma paixão de 20 anos atrás, sou utópica e tenho ideologias, talvez né? Mas é o que eu sou, senão a paixão nos move a partir do momento que não me moveu, eu preciso mais tá ali né? **(Risos)** É isso.

M: Você tinha falado um pouquinho sobre a sua formação, da sua experiência, de você ter um filho diagnosticado com TEA e eu queria que você me dissesse um pouquinho, do que você conhece sobre educação inclusiva da sua formação do seu processo de conhecimento como um todo.

Prof 01: Tá vamos lá.

- Quando a gente fala de educação inclusiva a gente fala não só de alunos com deficiência, mas a gente fala de todos né? Então incluir um aluno com deficiência

não é só colocar ele ali naquele espaço, é propiciar para ele oportunidade efetiva de aprendizado, de socialização também, no caso do TEA a questão social é bem comprometida em muitos momentos, né? Então se conseguir criar situações para que ele consiga se socializar para que ele consiga se expressar verbalmente.

- Se comunicar né? Não é só colocar ele ali dentro daquele espaço, é oportunizar situações pedagógicas e de acolhimento, né? Que ele se sinta acolhido, pertencente, naquele espaço que ele participe efetivamente daquele momento independente, né? E nós temos crianças **(fazendo referência a escola da qual trabalha)**.

- Quando a gente fala de educação inclusiva, nós temos crianças que não tem um laudo que não tem uma deficiência, mas ele precisa ser incluído, porque ele tem questões sociais difíceis na sua vida pessoal que atrapalham ele aprender, e que a gente precisa lidar com a situação e fazer com que ele aprenda, ele se sinta pertencente, que ele goste daquilo, fazendo com que ele tenha um estímulo, né?

- Então tem várias questões. E, não é só no caso quando é educação inclusiva, não é só incluir **(pausa para pensar)**, mas tem outras situações que também exigem incluir uma criança que tem uma dificuldade de aprendizado ela não tem DI **(Deficiência Intelectual)**, ela não tem deficiência intelectual, mas ela tem uma dificuldade de aprendizado. Talvez por questões sociais, por exemplo uma criança que ficou um ano fora da escola e que perdeu muito conteúdo que perdeu o conhecimento, ficou aquele buraco no seu desenvolvimento de aprendizado quando ela volta pra escola, ela precisa se acolhida e incluída ali naquele momento então não adianta o professor ela não **(pausa para pensar)**

- Não foi alfabetizada na idade certa todas as crianças ou em sua maioria foram alfabetizadas, né? E ela não porque sei lá, estou pensando numa situação hipotética que acontece muito ela não foi alfabetizada no momento certo.

- Eu quanto professor vou pensar no geral ou foi incluir? Também atividades para que ela consiga aprender a ler aprender a escrever. E não só decodificar né os símbolos lá, mas também entender o conteúdo o contexto, entendeu? Enquanto professora de língua portuguesa, eu penso assim, eu tenho lá, por exemplo um aluno o **(nome do aluno)** que tem deficiência intelectual, tá? Ele tá no nono ano esse aluno ele tem a alfabetização dele é ainda muito comprometida.

- Mas, não porque ele não teve por que ele não consegue a memória de dele é **(pausa para pensar)** ele não consegue memorizar os códigos, né linguísticos. Ele tem muita dificuldade ainda é bem deficitário, mas o que que eu vou fazer eu dou atividade diferenciadas para ele. Tá para que ele aprenda a ler a escrever que eu sei que ele não vai conseguir ou eu trabalho, o mesmo texto que eu tô trabalhando com a sala como um todo e inclua ele no conhecimento de letramento dentro desse texto.

- Se eu tenho uma atividade diferenciada para ele de alfabetização para que ele entenda os códigos linguísticos, eu vou estar excluindo-o da sala, entende? Não é inclusão, ele está ali dentro, mas professora esse menino precisa aprender a ler a escrever **(fazendo referência a ela, na terceira pessoa)**.

- Eu sei que a característica dele ele não vai conseguir, não desse jeito que afinal de contas, ele já tá nove anos na escola, nove não menos. Então, mas ele está lá desde os 9 anos na escola, né? Desde o primeiro aninho e ele ainda não conseguiu dominar a leitura e a escrita, porque ele tem uma especificidade, ele tem DI a deficiência intelectual. No caso dele, eu me apego batendo o martelo no aprendizado de alfabetização ou aprendizado de letramento.

- Enquanto professora de língua portuguesa. Você tá entendendo o que eu quero dizer? Isso é incluir. Então o que eu faço eu trabalho um determinado texto com a sala como um todo, um determinado texto, um assunto, ele vai participar também. Ah, mas de que forma? Eu vou adaptar. Ele vai ter um momento de atividades com aquele texto que é para ele especificamente, mas que todos vão fazer, mas que eu preparei especificamente para ele, mas que ninguém precisa saber os outros alunos precisam saber que eu criei para eles especificamente aquela atividade, mas todos vão fazer.

- Isso é inclusão. Isso é incluir! Entendeu que eu quero dizer?

M: Você falou que todo esse processo de como você atua dentro da sala de aula especificamente com relação às atividades e tudo mais e eu queria saber se na escola a educação inclusiva ela é discutida. Na escola onde você trabalha.

Prof 01: Sim, é discutido. Nós temos momentos específicos claro em reuniões pedagógicas, nós temos sim. A última discussão que nós tivemos bem pontual, tá

foi o ano passado. Já faz um tempinho tá foi o ano passado que foi pontual que foi uma formação mesmo. E esse ano nós tivemos uma discussão sobre a inclusão, mas foi por conta de um caso de um aluno que nós recebemos que tem TOD (Transtorno Desafiador Opositor).

- E por conta desse aluno a gente também foi tentar entender ele, tentar entender o que é o TOD, né? Como agir nessa situação, mas ainda a gente está em um processo ainda de tentar entender, tentar lidar com a situação que é um transtorno que nós nunca tínhamos recebido, né? Foi o TOD, mas a gente teve um ano passado, e um outro encontro uma outra formação esse ano, esse não foi bem uma formação foi ainda embrionária.

- Não foi nada muito direcionado, foi mais assim como conversa e entender as características desse aluno, a direção chamou o CAPES que atende esse aluno na escola para nos orientar um pouco conversar um pouquinho sobre as características dele como a gente deveria lidar com ele, mas ainda estamos no processo, tá? Eu acho que vai longe aí.

M: Então agora nós fechamos a primeira parte vamos caminhar para uma parte 2 que é um pouco mais específica e eu queria começar perguntando pra você, no processo de planejamento pedagógico que você faz, se são apresentadas propostas de trabalho para o aluno no Espectro Autista ou se é feito um planejamento de aula geral e você se adapta a uma determinada situação, ou se dentro desse planejamento se esse processo ele já acontece.

Prof 01: Tá então no caso desse então, e, depende isso que eu falei para você, depende da especificidade dos alunos esses dois alunos que eu tenho que tem o TEA, eles não precisam de adaptação tá eles conseguem acompanhar. Então eu não preciso adaptar, não preciso fazer um planejamento específico para eles não, eles conseguem acompanhar perfeitamente tá? Não tem né? Não preciso no caso do TEA.

- No caso do aluno com DI que eu preciso fazer um planejamento específico para ele, tá? E aí é bem direcionado para ele mesmo. Não tem como né? E aí para ele tem também uma professora auxiliar, né? Que ajuda que está sempre nos apoiando também alguma coisa maravilhoso que ela tava sempre do lado dele orientando. Então a gente tem essas conversas tem essa conversa oriento essa menina é uma

estagiária de pedagogia então oriento ela como ela vai conduzir aquela atividade com o aluno que tem DI.

- E no caso dele (**pausa para pensar**) tem uma outra aluna que ela tem deficiência intelectual severa, mas no caso dela não tem condições de adaptar assim não tem nem o que fazer assim, o caso dela é muito severo, né? Então ela é cadeirante ela não fala ela. Ela só se expressa por meio de grito, então no caso dela eu não tenho nem como, não é mais pedagógico ali, né? Ela está ali só por estar inserida mesmo, mas não para participar, a participação dela é de socialização, então a gente conversa com ela quando é para ler histórias, quando eu conto histórias para todos eu me dirijo a ela e eu faço algumas intervenções no sentido. Olha (**nome do aluno**) você gostou da história que eu contei? Vamos bater palma! Então ela não consegue ela não tem coordenação.

- Então nesse sentido né? São de estratégias de trabalho, mas não planejamento pedagógico, mas só de estratégias.

M: Tá. Então as crianças com TEA, você não tem uma estrutura de atividade que você coloca no seu dia a dia em sala de aula, todas as atividades que você faz com planejamento para os alunos eles conseguem desenvolver da mesma forma.

Prof 01: Sim, eles conseguem até melhor do que os outros para ser bem sincera (**Risos**). Esses dois alunos, o (**nome do aluno**), eu falo dois, mas na verdade o com laudo na verdade é só o (**nome do aluno**), o (**nome do segundo aluno**) ele não tem laudo tá de TEA, mas tudo indica que ele tem.

- Aquele caso que eu falei que os pais não procuraram, não buscaram, não aceitam, enfim. Mas eles não têm comprometimento cognitivo nenhum, eles acompanham muito assim, eles não têm dificuldade nenhuma, o que eu faço são estratégias, né para estimular, então é um reforço positivo, elogio o (nome do aluno) por exemplo, eu preciso de um cuidado maior então ele tem dificuldade de se organizar. Então eu ajudo ele nessa organização de rotina, de agenda de lista de tarefas, ele tem essa dificuldade de organização é espacial tá falta de organização espacial mesmo de espaço de caderno.

- Então às vezes oferecer os seus textos no computador, para que ele escreva no computador, né? Que teria que escrevi a mão, a letra dele é meio complicada.

Então você (nome do aluno) vai escrever o seu texto uma produção de texto no computador, né? Então eu faço adaptações para ele nesse sentido tá de estratégias, tá?

M: Então você pode trazer para mim, como é esse processo de estratégia? Eu entendo que ela seja pensada, e nesse processo de planejamento. Ela é desenvolvida para aquele aluno que você está em sala de aula, você pensa naquela atividade e que naquela criança vai funcionar. Então, daí você exerce aquela atividade.

Prof 01: Você está dizendo se eu faço algo bem pensado?

M: Isso! Como esse processo de estratégia acontece? Você pode me contar um pouquinho mais sobre isso.

Prof 01: Um exemplo.

M: Isso!

Prof 01: Tá! Vamos lá! Deixa-me pensar num dia de hoje, como é que aconteceu, por exemplo, eu passei o texto hoje foi uma leitura de um texto de um artigo de divulgação científica, é bem longo bem extenso e a estratégia de fazer comparações, né? Para que eles entendessem o conteúdo. Teve estratégias de leitura que ela (**referência a estagiária**) trabalha com todos né? Não é só com ele mas com ele funcionar muito bem, então trabalha as estratégias de leitura que são sublinhar palavras-chaves.

- Em alguns momentos que eu sei que depois eles vão usar para uma resposta lá na frente de interpretação textual seja de inferência ou de localização, então é com todos, vamos sublinhar, passar o marcador de texto nessa parte do texto. A gente vai fazendo uma leitura compartilhada juntos, né? Ou depois cada um lê um trecho. E aí vamos sublinhar, eu quero que vocês passem marca texto nesse trecho do texto que é importante, por que que é importante? (**um exemplo de ação dentro de sala**) eles vão falando porque que é importante esse trecho desse texto. O que que ele fala isso ajuda o (**nome do aluno**) a se organizar espacialmente no espaço do texto, né?

- Nas margens do texto como escrever puxar uma flechinha escrever uma palavra ali, aquela palavra vai te ajudar a buscar depois uma informação importante, são

estratégias de leitura, mas eu uso com todos é importante fazer com todos não é só com ele tá? Conforme a organização, a concentração e busca de informação dentro do texto. É imenso tem três páginas, né?

- Depois no caso do **(nome do aluno)** o tempo todo interferir na parte da leitura para colocar suas posições pessoais a respeito do que ele leu ali o que ele entendeu, né? Então interrompia e fazia uma observação. Algumas eram muito pertinentes outras não tanto. Então ali eu não tenho o planejamento eu não vou planejar isso. Olha quando o **(nome do aluno)** fizer essa atitude eu vou agir dessa forma é tudo muito dinâmico, né, então.

- Qual é a postura que aí eu entro lá com um reforço positivo um elogio. Muito bem, é isso! Porém você já pensou sobre isso? E tem que ser com ele muito objetivo evitar as metáforas, né? Tem que ser muito claro muito objetivo, então é uma estratégia, né? Quando aparece metáfora em língua portuguesa, não tem como e evitar isso **(Risos)** metáforas é sempre para ele exclusivamente, mas o todo, explicar essa metáfora, deixar muito claro, deixar bem objetivo para ele bem claro aquela metáfora, né? Aquele sentido figurado aquela alegoria, né que aparece lá para que ele não tenha **(pausa para pensar)**

- O sentar na frente do professor, né na primeira carteira todo tempo quanto o **(nome do aluno)** sempre próximo do professor, a explicação ia até a carteira explicar, tomar cuidado ter certeza se ele realmente entendeu. Ir até lá, né nesse sentido e hoje foi justamente isso, né? O tempo todo ele levantando a mão foi uma situação, interromper os momentos de leitura para colocar as observações dele. Então em nenhum momento eu o desestimulei a fazer isso. Eu acho que é importante que ele fale, né? Porque afinal de contas o TEA ele é bem introspectivo, né? Não gosta muito de falar.

- E é engraçado porque ele fala muito na minha aula, ele se comunica muito. E os outros professores falam, mas como ele é tão bom assim língua portuguesa? Na minha aula não fala, a minha aula ele tem dificuldade na minha aula **(fazendo referência as falas trazidas por outros professores)** então rejeitam, né? Algumas questões dele porque ele é diferente, mas é aí que tá o reforço positivo faz toda a diferença. Se você reforça e elogia que ele fale ele vai querer, tem que

ser estimulado a falar mais, né? E a construção de um texto oral na aula português, né? **(Risos)** Da disciplina, né?

M: É essencial! **(Risos)**

Prof 01: Independente da disciplina né? **(Risos)** Não é só dentro da sala da escola, mas para fora na sociedade, né? **(Risos)**

M: Eu acho interessante a forma como você trouxe sobre as suas práticas em sala ele consegue estar mais aberto se sentir mais confiante para poder verbalizar para ele conseguir conversar, e você consegue fazer esse paralelo aqui que nas outras aulas os professores fazem uma comparação de que não tem essa abertura, que ele não consegue, que é mais introspectivo, mais fechado nesse sentido.

Prof 01: É! Que então, tem a questão que ele tem hiper foco também, não sei se é porque ele gosta de determinado tema tem essa questão, mas a gente fala o TEA tem dificuldade na linguagem e eu não consigo perceber nele uma dificuldade, assim no sentido de se expressar porque eu estímulo muito que eles se expressem verbalmente, né? Sempre então em nenhum momento, levanta a mão a cada cinco minutos, vamos colocar quem levantou a mão primeiro. Ah foi então, vamos estabelecer em ordem, né? Você então coloca-se, depois o outro e aí pela ordem, né? **(fazendo referência a um momento em sala)** Mas, eu nunca eu sempre falo só um momentinho **(nome do aluno)** que eu vou só concluir o meu pensamento eu já te dou a palavra eu falo assim para ele, então ele sabe então ele abaixa a mão porque assim é muito engraçado **(Risos)**.

- Aí eu fico pode passar a mão e já te dou a palavra eu vou concluir o meu pensamento e aí eu já te dou a palavra ele abaixa, espera aí agora pode você é sua vez, pode colocar falar o que você queria falar aí ele fala e eu elogio sempre o reforço positivo pelo que ele falou por mais assim.

- E, às vezes tá incoerente daquele momento tal, mas aí a gente faz intervenção de uma forma que não mas isso é para todos viu? Não é só para ele não, viu? Assim vamos ter que isso vale para todas as crianças para todos, né? Se você critica primeiro, por algo que ele fez de errado um pensamento que estava incoerente dentro daquele momento e você crítica e fala não é assim.

- Não, não é desta forma. Mas estimular que fale independente entende? Então tem lá eles estão tentando organizar a sua compreensão daquele texto ou daquela informação ou do que é passado para eles em sala daquele tema desenvolvendo lá o raciocínio deles em relação a algum tema. E aí ele em algum momento tentou se expressar e se posicionar diante daquele tema. Se eu me opor em relação ao seu pensamento, se o professor fala não é isso, é aquilo outro, ele nunca mais vai levantar a mão para falar.

- Entende? Porque gera insegurança do errado, não eu nem vou tentar falar! E aí a gente queria aquelas salas mudas, os alunos mudos que não falam nada. Tem professor que adora sala muda onde o aluno não fala (risos) a melhor sala são os quietinhos. **(Risos)**

M: Confesso que eu estou maravilhosa com a forma como você, fala sobre a educação, como você trabalha dentro de sala de aula e que são todos estão todos ali aprendendo então independente da sua dificuldade, independente da sua limitação seja ela qual for ele está ali aprendendo ele precisa aprender. E você é esse apoio, esse ouvido, esse direcionamento.

Prof 01: Sim, olha eu vou te explicar, uma coisa. Esse aluno né, hoje ele tem um hiper foco, né? Tem algo que ele gosta muito que é de computador de tecnologia, trouxe um texto voltado a isso justamente para abordar uma questão que ele gosta que era para todos.

- E aí nós bolamos junto com a estagiária que acompanha, bolamos uma um programa de computador, tá? Ela sabe programar e ela teve essa ideia, nós fizemos um programa de computador pra ele criar um programa de computador, eu falei. Nossa, ele tem um programa de computador. Olha eu sei programar, ela disse eu sei programar **(fazendo referência a estagiária)**. E se ele fizer um programa de computador e a gente tentar pegar o que ele gosta.

- Porque quando ele gosta de algo ele consegue memorizar e aprender mais fácil, eu falei perfeito, como que a gente vai fazer isso. E hoje nós tentamos e bolamos uma estratégia de aprendizado da língua portuguesa para ele que usasse a programação. Então, nós arrumamos o computador e ela **(fazendo referência a estagiária)** está fazendo um programa para ele mesmo usar, ela tá ensinando-o a programar ajudando-o a programar. Eu não sei se é um aplicativo que ela vai fazer

porque eu não entendo nada de programação, mas eu fui orientando o que ele precisa. Ele tem dificuldade ele compreende, né? A gente vai esmiuçando o texto colocando o texto em quebra-cabeça, como se fosse tirando partes do texto para ele poder entender a temática do que está sendo dito.

- E aí na hora dele verbalizar o que ele entendeu, ele não consegue pôr em palavras, ele tem dificuldade de colocar isso em palavras e aí o que que nós pensamos, então a gente vai usar uma estratégia de gravação.

- Ele explica para ele mesmo, o que ele entendeu e depois ele se escuta ele escuta, ele não tem domínio da escrita, né? Então ele não domínio do texto ainda de forma oral, né ainda com dificuldade porque ele não consegue externalizar o conhecimento que ele tem.

- Ele tem dificuldade a curto prazo, então ele consegue ali naquele momento, no dia seguinte, ele já esqueceu então a gente pensou na estratégia assim bom ele grava a explicação dele, depois de um tempo ele se ouve, ele vai ouvir a explicação dele e aí ele vai se auto analisar. É isso mesmo que os artigos de divulgação Científica são importantes para uma sociedade por conta disso, né? É isso mesmo? E aí ele vai ser auto analisando. Então assim são estratégias isso que eu tô falando são estratégias, aí a gente vai pondo isso no papel vai registrando tá, para tentar alcançar e é isso que eu falei tem coisas que são intuitivas.

- Que a gente vai pensando em maneiras de acordo com a característica daquele aluno, tem coisas que não são necessárias que dá para fazer com todos, às vezes um aluno não tem deficiência precisa só de um acompanhamento mais especial do que aquele que tem entendeu? É dessa forma. **(Risos)**

M: Então eu queria trazer uma pergunta para finalizarmos nesse momento sobre a comunidade escolar. Então sobre essa relação com a comunidade escolar, entendendo que a educação inclusiva ela pressupõe que aja uma rede de apoio, se pressupõe que ela precise desse apoio para que ela consiga se direcionar. Como acontece, ou não, esse vínculo na própria escola, se esse vínculo ele acontece se ele é trabalhado, ou é algo pontual.

- Essa comunidade escolar como um todo não só a escola, mas todo a estrutura, não só familiar mais escolar também para que essa criança consiga estudar, para que ela consiga se desenvolver, se esses vínculos acontecem efetivamente.

Prof 01: Sim, eu vou te dar um exemplo bem claro do que aconteceu hoje, nós temos uma aluna, tínhamos uma aluna. Não é dentro da Educação Especial tá? É inclusiva. Inclusiva não dentro da educação com crianças com deficiência. Tá mas tem a ver com educação inclusiva, do incluir.

- Nós tínhamos uma aluna do ano passado, ela já se formou. E hoje e a diretora veio me contou eu fiquei muito, muito feliz com que mostrou que a gente faz um trabalho bem feito. Essa menina hoje a **(nome do aluno)** ela já se formou tá no primeiro ano do ensino médio da escola do estado, ela ligou na escola.

- Ligou na escola pedindo ajuda.

- Porque ela estava em processo de ansiedade, com crise de pânico, crise de ansiedade e a primeira pessoa que ela pensou em ligar foi para escola **(nome da escola)**, a primeira pessoa foi essas palavras dela, tá? Porque eu falei da escola como uma pessoa, como um ser. Possivelmente o trabalho que nós fizemos com ela enquanto ela estava na escola, ela levou isso ela em nenhum momento pensou em ligar para o pai para mãe para a escola que ela está atualmente. Ela pensou em ligar para escola **(nome da escola)** que era a escola que a apoiava né que já apoiou. Então ela ligou! Eu posso ir aí na escola? eu estou com síndrome de ansiedade síndrome do pânico, estou com ansiedade. Eu não estou bem. Eu preciso de ajuda **(fazendo referência ao que foi dito pelo aluno)**.

- Então isso. Eu achei que foi um sinalizador para mim hoje a **(nome da diretora)** quando ela comentou isso eu falei aqui. Que bom, nós estamos no caminho certo, né? Isso é um sinalizador de que nós estamos incluindo, que nós estamos protegendo, nós estamos cuidando. Estamos no caminho certo. Né com todas as atividades que nós temos.

- A escola tem a sala de recursos né hoje que chama SAAI que a sala de recurso para crianças com deficiência, né, com TEA, com DI, TDAH não! Eles participam fora do horário de aula. Se você estudou de manhã, você vai participar a tarde! Não minto, à tarde nós não temos nenhum professor, nós temos só no período da

manhã, não tem professor. Então você vê as dificuldades estruturais, não temos professor que assuma a sala de recurso para crianças com deficiência no período da tarde, nós temos o professor só no período da manhã.

- Mais os alunos da tarde vêm frequentam essa sala de recurso, né? É um apoio que as famílias têm, que no estado não tem esse apoio, nas escolas estaduais não tem esse apoio e a família sabe que tem. Nas escolas municipais, a gente tem parcerias com CAPES, né? Como eu falei Caps foi lá na escola nos orientou conversou com uma conversa de comunidade com um aluno com TOD, e tem crises, de agressividade tem várias questões envolvidas a família mãe no caso, ela é sozinha é mãe solo então sempre está lá na escola, a gente sempre dá apoio, orienta, conversa. Enfim toda essa questão então assim.

- Eu vou dizer, não posso falar por todos, né? Mas acredito que na maioria todos se enxergam sim a escola, como um apoio para as famílias fazendo parte da rede de apoio como eu citei aí o caso dessa menina, tá! Chegou na escola com um apoio, é claro que tem professores ou outro que às vezes, a mais é porque eu não tenho formação pra isso, mas eu não sei como lidar.

- Mas eu acho que é mais com um desabafo, viu? Porque quando a gente vai ver no dia a dia na rotina desses professores a prática é de querer buscar de querer aprender de querer fazer, a professora (**nome da professora**) por exemplo, ela dá aula para o primeiro aninho, ela tem uma aluna com TEA, ela sempre chega um pouco mais cedo essa professora chega mais cedo todo dia, só para organizar a sala de aula a caixa de brinquedos naquele lugar o cartaz naquele lugar, aquele livro naquele lugar para não desestruturar aquela aluna que ela tem com TEA.

- Então isso é uma preocupação e às vezes a professora que falou eu não tenho formação para isso eu não sei como lidar com essa situação, eu acho que é mais por um desabafo, e às vezes tem muito professor que reclama porque a gente não aprendeu na faculdade, mas eu acho que na prática, pelo menos eu estou falando pelos professores da minha escola, tem caso e casos, os professores da escola em que eu trabalho tem essa preocupação, né?

- Eu trabalho nesses qual desde 2019, desde 2020 eu entrei na pandemia e eu percebi um diferencial sabe uma preocupação aos professores. Ah, reclama tal, mas sempre que às vezes é só para colocar para fora (**risos**) porque lá na prática

é diferente como no caso, essa professora (**nome da professora**) por favor, coloca o nome dela (**risos**).

M: Está tudo bem (**risos**).

Prof 01: Ela não permitiu que eu citasse (**risos**), mais assim ela chega todo dia mais cedo, para poder organizar essa sala porque a sala é usada de manhã com os alunos do fundamental 2, nono ano e os outros alunos as vezes bagunça a sala o armário e tal, e ela não ela chega lá mais cedo justamente para deixar do mesmo jeito porque ela não quer desorganizar a rotina da aluna que ela tem TEA para não dar uma crise, enfim e aí eu percebo nos detalhes dessa preocupação sabe de incluir de buscar enfim, né? Trabalho sensoriais que ela faz tinta, de manusear é uma graça assim, uns trabalhos bem bonitinhos que ela faz sabe com saquinhos com tinta para criança, de atividades sensoriais mesmo de escrita, né bem interessante.

- Aí é isso, não sei mais o que eu falo eu falo tanto (**risos**) que eu não sei nem mais o que eu falo (**risos**).

M: Não, está tudo bem! (**risos**). Você conversando e eu aqui ouvindo, e acompanhando toda sua experiência desde a sua formação, da sua família de como você vê a escola, dá para sentir que você vê a escola como um grande apoio, onde é o primeiro contato que a criança tem! Então é aquele momento que ela precisa ser ouvida, é aquele momento que ela precisa ser acolhida, é aquele momento que ela precisa ser educada, é basicamente o que eu sinto em toda a sua fala desde que a gente começou a conversar até agora (**risos**).

Prof 01: Sim e assim. É. Nós temos uma direção que tem também essa visão, né? A direção é uma liderança importante dentro da escola, e a direção da nossa escola ela sempre ela também tem essa visão de apoio de acolhimento, e ela leva isso para a gente sabe essa para todo o grupo de professores precisa ser dessa forma e a gente abraça porque a gente acredita também obviamente né? Mas, tem muitas situações dificuldades que a gente tem né? Como esse aluno com TOD que eu estou dizendo para você, e é um aluno que entrou esse ano é muito complicado.

- Ele já saiu de vários, ele pulou de escola em escola e foi rejeitado em todas as escolas que ele foi, a mãe então nós tivemos longas conversas, né? Eu coloquei

para o grupo de professores quando começaram. Ah meu Deus, mas esse aluno que que a gente faz ele quebra, tudo ele quebra as carteiras e se joga no chão, o que que a gente faz o eu coloquei essa fala a gente precisa acolher no grupo, precisamos acolher porque vocês já pensaram quantas rejeições que esse menino já passou? Quantos não essa mãe já ouviu?

-Em algum lugar vai ter que acolher, e nós vamos acolher a gente vai ter que em algum momento acolher, então a direção teve esse cuidado de acolher, sabe e ele teve crise se jogou começou querer bater na carteira, e tudo. Me chama que eu vou lá e eu resolvo a professora não tem condições emocionais para lidar com a situação na mesma hora a direção tá lá na mesma hora ontem mesmo, ele teve uma crise né? Teve uma crise surtou, se bateu, se auto agrediu queria quebrar as coisas, né?

- Enfim, e aí a direção estava lá apoiando o tempo todo, ele entrou esse ano e a escola por incrível que pareça. Ele criou afetividade, né que ele senta no colo. Ah, você vai dar aula para mim hoje professora **(fazendo referência a uma fala do aluno)**. Então quer ver alguns relatos assim, que é bem complicado uma situação social muito complicada sabe? Familiar, rejeitando também pela mãe, que a mãe já não aguenta mais, mas enfim, a gente pensa esse menino e essa mãe precisam ser acolhidos por alguém, a gente vai passar a bola para frente de novo como outras escolas já fizeram ou a gente vai tentar né?

- Então todo mundo decidiu os coletivamente. Vamos tentar né? Não é certeza que a gente vai conseguir. Mas vamos tentar. É assim **(risos)**

M: Assim eu estou muito grata de ter te ouvido de você ter se disponibilizado para conversar e falar um pouco de todo o seu processo de vida, e acho que para esse momento a gente finalizaria com essas perguntas com todas essas informações, que eu acho que foram extremamente ricas até para mim, de ouvir de ver a forma como você traz. A gente consegue! A gente pode fazer! A gente pode construir! A gente só precisa daquele empurrãozinho nosso mesmo, de olhar para o aluno de entender as suas necessidades.

- Naquele momento e é assim que a gente consegue construir a educação.

Prof 01: Sensibilidade né? Sensibilidade faz toda a diferença. Aí eu acho que tem bastante material *(risos)*

M: Está tudo bem.

Prof 01: O seu mestrado não vai parar por aí vai ter que avançar no doutorado e você vai ter que dar continuidade sim *(risos)*, tem bastante coisa.

M: Eu queria finalizar agora esse momento, agradecer por você ter tido essa disponibilidade, por você ter trazido todas essas informações, vamos nos encontrar no próximo encontro pra darmos continuidade com toda essa nossa conversa que a gente teve, é depois eu consigo te encaminhar direitinho os links e o que a gente precisa pra gente voltar para essa conversa e é isso. Eu confesso que agora no momento eu queria para finalizar se você pudesse. Trazer para mim numa frase o que seria para você a inclusão o que seria para você?

- A inclusão como um todo é a inclusão para você?

Prof 01: Incluir vou tentar ser sucinta, né? *(risos)* Você percebeu que eu não sou assim *(risos)*

M: Tá tudo bem *(risos)*.

Prof 01: Inclusão é proporcionar efetivamente oportunidades para que consigam não somente estar inseridos, mas estar juntos trabalhando, juntos aprendendo, juntos conquistando, juntos e transformando o seu ambiente. Independentemente de onde seja, juntos. Eu acho que é isso incluir, tá bom?

M: Muito bom. *(risos)*

Prof 01: Uma frase muito comprida né *(risos)*

M: Então, eu agradeço muito essa sua disponibilidade seu tempo, porque foi né? Uma conversa longa, mas bem produtiva. Espero que tenha sido bom para você também, então. A gente se vê no próximo encontro.

Prof 01: Eu queria foi um prazer tá, foi um prazer é um prazer sempre poder ajudar em pesquisas, as pesquisas são importantes sim, também contribui muito para educação de qualidade, né? Eu acredito que pesquisas também né? Existe muitas questões aí de pessoas que acreditam que a só o chão da escola é capaz de entender uma realidade, de transformar uma realidade, mas eu acho que as

pesquisas também ajudam a transformar uma realidade e de educação as pesquisas são importantes, tá bom muito importante contribui com Pesquisa. É para mim é um foi um prazer. Tá bom? Acho que a gente precisa de muitos pesquisadores.

M: Fico muito feliz então, muito obrigada desejo para você um ótimo final de semana e um bom descanso também.

Prof 01: Obrigado para você também a gente se vê na semana que vem. Até mais então obrigada, viu, um abraço bom final de semana.

M: Para você também. Tchau, tchau.

Parte IV - Entrevista 02

M: Então vamos lá (***Nome da participante***), só para poder a gente retomar um pouco de como foi a entrevista passada. Você trouxe todo seu processo de formação, toda a sua trajetória, a sua família que confesso particularmente achei muito importante para o meu processo de transcrição. É um momento onde a gente precisa ouvir todo áudio, fazer toda a transcrição e uma leitura um pouco mais cuidadosa dos pontos que a gente conversou.

-E eu posso dizer que eu fiquei com um sentimento muito de que a educação ela pode ir num caminho bom sabe. Ela pode ir em um caminho diferente, onde claro a gente entende que na educação como toda profissão, tem sempre muitas barreiras, mas esse olhar diferente, de querer fazer diferente de querer pensar no movimento da educação como tudo eu acho que foi muito importante e eu acho que pensando em meu processo de formação de forma continuada, né, acho que foi fundamental para poder pensar algumas coisas, pensando também no projeto de pesquisa. E só para podermos retomar, o que a gente conversou eu tinha perguntado para você falar um pouquinho da sua família da sua formação. Você trouxe o que você conhecia sobre o espectro autista, sobre como é a sua ação dentro de sala de aula, que na sua fala vinha trazendo sobre o fazer diferente, a gente precisa fazer acontecer dentro de sala de aula e lendo todo esse processo, eu fiquei “Meu deus do céu! é quase! O que seria um professor que poderia transformar sabe” que poderia fazer diferente em poder ler isso me trouxe esse sentimento conforme eu ia lendo e estudando sobre a entrevista é a gente conversou também um pouquinho sobre a escola como você via a comunidade escolar não só a família, os gestores, os professores.

- Você trouxe também um pouquinho da formação, o seu processo de escolarização até estar em aula efetivamente, como foi a jornada com o seu filho que eu confesso que eu achei muito bonita. E eu queria poder te dar os parabéns, de toda a caminhada de toda a trajetória, de como você traz de que não foi fácil, não foi tranquilo, mas que você estava lá para poder fazer diferente sabe? Eu preciso fazer! Eu preciso correr atrás!

- Então eu queria começar fazendo uma pergunta um pouco mais geral, mas relacionada ao que a gente conversou, logo nas primeiras perguntas que eu trouxe para você no nosso primeiro encontro, onde você trouxe sobre a sua formação de como você **(pausa para pensar)** como foi seu processo depois da graduação que sempre buscou fazer uma especialização sempre buscava mais, além daquela formação básica que você tinha, e eu queria saber um pouquinho desse seu início de carreira, depois que saiu da sua formação foi para a escola e tudo mais, se você encontrou alguma barreiras dentro da instituição, dentro da própria escola, ou você como educadora logo no início de formação você conseguiu perceber essas barreiras nesse processo que te impediram de exercer a sua função como educadora ou esse processo ele teve um suporte por parte da escola? Os desafios do dia a dia que você precisou buscar ou enfim, não foi um “problema” para você estar dentro de sala de aula.

Prof01: Como eu disse na conversa anterior. Só antes de eu responder sua pergunta, eu só vou fazer umas observações em relação a seus encantamentos em relação a entrevista anterior **(risos)** né? Da nossa conversa anterior. É, quem está fora da sala de aula, e ainda está no processo de especialização, de acadêmica, né, fora do chão da escola como a gente costuma dizer. Talvez. E aí eu falo que é um erro dos professores e eu vivo batendo de frente com os meus colegas, com todos eles, porque professor ele é muito exigente e na sua exigência de sempre querer mais e é legítimo esse querer mais, e buscar sempre uma educação de qualidade, mas da sua exigência ele tem uma **(pausa para pensar)** ele acaba tendo uma visão um pouco pessimista da educação pública, né? Então é algo que eu sempre bato de frente com os meus colegas.

- É sobre o discurso que os professores têm em relação a esse discurso pessimista em relação à educação como você disse tem muitas barreiras, tem muitos problemas sim, são reais são fatos, mas os problemas, os professores são sempre muito criativos, ele é sempre muito dedicado, ele é sempre muito há de exigência, pela sua exigências e as coisas vão acontecendo sim de uma forma positiva, né? Só que aquilo que a gente passa às vezes para mídia ou às vezes para quem está estudando é aquela visão que as coisas não acontecem, que nunca dá certo, que nunca vai para frente, que tem barreiras. E aí as coisas negativas elas vão tomando uma proporção tão grande e vai se colocando para debaixo do tapete o que é bom, o que acontece de bom dentro da escola pública, né? E que acontece muita coisa boa, muito, enfim é só para **(risos)** é então quando eu falo da escola pública com encantamento é justamente também para quebrar um pouquinho essa visão deturpada que tem que escola pública é ruim, de que escola pública tem muitas coisas ruins e que a academia precisa estudar muito para ajudar a transformar a pedagogia, aos trabalhos, o trabalho do professor, do pensamento do professor, mas porque ele mesmo acaba tendo né? Não é comportamento, mas um discurso negativo, sabe? E aí passa assim essa impressão errada. Enfim, vamos lá, vamos falar sobre.

Prof01: Eu comecei a lecionar em escola do Ensino Médio tem escola do estado Escola Estadual, em relação aqui as

questões de inclusão na época e até não muito tempo, realmente os alunos com deficiência eles não existiam, simplesmente não existiam na escola pública. Como assim não tinha alunos com deficiência? Não, não é que não tinham, eles eram invisíveis! Então quais foram as barreiras? E hoje eu consigo enxergar isso, eu entrava numa sala de aula e todos eram iguais, a minha aula era igual para todos, então eu não tinha consciência no início de carreira e até um bom tempo de que nenhum aluno era igual ao outro.

- Que minha aula não podia ser igual para todos eu tinha que enxergar a maneira não só a aula como eu conduzir a minha **(pausa para pensar)** o meu planejamento, né de aula, mas a minha, a minha metodologia não podia ser igual, né? Porque os alunos não eram iguais. E os alunos com deficiência não existiam eles eram sempre simplesmente invisíveis. Então dentro de um conselho de classe não se falava desses alunos era uma espécie de Tabu, né? Então eles não existiam. Então eu acho que essa foi a primeira barreira. Dentro da escola e eu não sei se é de fora para dentro e acredito que era sim, né? É... A gente vê que só no caso dos alunos com TEA, das pessoas né, com o autismo com TEA é recente eles foram considerados como autistas, como deficientes, como pessoas com deficiência recentemente faz o que 10 anos, 11 anos em 2012 né? Que na gestão da Dilma ela assinou o né acho que foi isso mesmo em 2012. Graças a uma mãe, né de um de uma pessoa com deficiência, com TEA e aí ela entrou com um processo, enfim e aí foi considerado com deficiência, mas até então e aí **(pausa para pensar)** a informação né? Aí é que tá toda a diferença uma grande barreira é a informação.

- Minha informação social da sociedade, é a força da lei, também não existia a lei e isso foi uma grande barreira, né? Então o poder público ele tem grande, muita influência dentro da escola, né? Não tem como não falar se não há políticas públicas voltadas para questões de inclusão, se não são reconhecidos como deficientes ou se não tem os seus direitos garantidos, eles são invisíveis na escola era um reflexo de uma sociedade que considerava, que considera ainda, né? Em muitos momentos essas pessoas invisíveis, então eu acho que essa foi a grande barreira invisibilidade desse público e diante disso, a gente não tinha formação, não tinha nada, não se falava. Eu me lembro uma vez, meu marido trabalhava na diretoria de ensino como coordenador pedagógico na diretoria de ensino e lá isso em 2000 já tinha meu filho, meu filho mais velho tinha uns 5 anos foi logo quando a gente entrou para o processo como, é um pouquinho, eles tinha uns três anos vai. Ai eu já tinha três para quatro anos. Ele já tinha recebido o diagnóstico de TEA, foi quando eu comecei a enxergar que

existem pessoas com deficiência por conta desse meu processo pessoal. E aí meu marido trabalhava na diretoria de ensino e lá tinha uma coordenadora pedagógica da Diretoria de Ensino que tinha a pasta da educação inclusiva voltada a crianças com deficiência.

- Mas era uma pessoa que também era invisível dentro da diretoria de ensino, se valorizava a pasta da alfabetização, se valorizava a pasta da matemática, a pasta da ciências, da língua portuguesa, mas a pasta da questão da educação inclusiva não existia era invisível e também a coordenadora era invisível, não existia uma, **(pausa para pensar)** ela não realizava formações para professores que a sua face exigia, formações para professores. Por exemplo. Não sei se você conhece o processo como é que funciona dentro de uma diretoria de ensino que ela é o que antigamente era delegacia de ensino, né? Não sei se você conhece.

M: Não.

Prof01: Então lá que tem os supervisores, cada região tem a sua diretoria de ensino, né? São Paulo no caso tem os setores, né? Cada região tem uma diretoria de ensino então lá se encontra o supervisores escolares os coordenadores pedagógicos que hoje até mudou o nome, mas antes era coordenador pedagógico do núcleo, é coordenador do núcleo pedagógico, então, eles davam a formação para os coordenadores dentro da escola, outros professores eram coordenadores que davam formação tá! É ainda assim, eles dão formação para os coordenadores pedagógicos de dentro da escola ou para os professores no caso da coordenadora do núcleo pedagógico da educação, inclusiva ela não fazia formação que não era necessária quer dizer não se achava que era necessário.

- Um dia eu relatando para os meus colegas do trabalho sobre a questão do meu filho e eu lembrei dessa coordenadora que trabalhava lá porque nós tínhamos alguns casos, que eu e olha tem uma criança assim parecida com as características e eu comecei a investigar. Os alunos que tinham um comportamento atípico dentro da escola, dentro da aula, e eu comecei a observar por conta dessa questão pessoal e ai eu lembrei dessa coordenadora pedagógica, ninguém sabia que ela existia e ela também era invisível. Chamei ela para a escola, convidei ela para a escola, falei com o meu marido. Olha convida a **(nome da coordenadora)** para ir na escola para falar um pouquinho sobre a pasta como é que funciona a pasta dela, qual é a função dela, o que que

ela pode nos auxiliar em relação à educação inclusiva e as crianças com deficiência, enfim. E aí ela foi lá, mas assim na escola deu uma formação, fez uma atividade com a gente e que eu fiquei super surpresa com várias questões que eu não conhecia, mas isso eu acho que foi em 2000 eu acho que foi em 2008, 2009 por aí, já faz tempo e foi a única vez, mas um fato isolado. Então essa barreira foi a pior essa invisibilidade mesmo na época, né? Aí depois claro que com o tempo as coisas né graças a força da lei, isso que eu falei para você em 2012, muita coisa mudou muita coisa melhorou.

- Quando eu fui para Escola Municipal de São Paulo, ela já tem uma estrutura melhor, né? Ela tinha na época, era uma sala, eu não me lembro o nome tá? Eu estava comentando isso com a minhas diretora essa semana, mas eu não lembro o nome, a gente tinha uma sala de tipo educação especial que é assim que chamava né, que era para receber essas crianças que tinham dificuldade de aprendizagem e deficiência intelectual, enfim. Crianças que geralmente, não me lembro se era crianças com um laudo ou eram só enfim, era o que a gente enxergava ali dentro da escola e caminhava para essa sala para poder fazer uma espécie de reforço, eu não me lembro. E eu não me lembro também a data para ser bem sincera, se quiser depois eu passo para você o nome qual que era a função exatamente tá? Eu não me lembro, mas a prefeitura ela tinha um cuidado maior sabe do que o estado que as escolas estaduais para lidar com essas questões da inclusão.

- Hoje a gente tem nas escolas da prefeitura o SAAI chama sala de apoio a inclusão uma coisa assim não me lembro, cada gestão que passa muda as siglas tá **(risos)** Que são para atender essas crianças com TEA, deficiência intelectual, eu acho que TDAH não entra uma pena mais enfim, com síndrome de down, com problemas de cegueira, enfim são questões assim. E eu acho. Eu não sei se no estado eles têm isso nas escolas estaduais, eu não sei tá, então o cuidado é bem menor, mas na prefeitura a gente tem um apoio melhor sabe, um apoio muito substancial do que nas escolas estaduais, aí eu acho que é isso tá em relação a barreiras, eu acho que é esse grande problema mesmo foi essa questão no começo né de invisibilidade de não enxergar esses alunos e de não ter uma preocupação em querer fazer, pensar num trabalho pedagógico, mais para eles né com a cara deles, que atenda que consiga incluir efetivamente o aprendizado enfim, eu acho que é isso.

M: Fazendo um comentário em cima do que você estava falando, quando você traz essa questão de que por muito tempo foi tratado como pessoas invisíveis, que não tinham um acompanhamento e que hoje as pessoas vêm de forma diferente. Eu entendo que foi um processo longo de muita luta, pessoas precisaram passar por situações diversas tanto de forma negativa quanto de forma positiva para conseguir reivindicar algo que deveria ser de direito que deveria ser algo mais natural, onde a sociedade por muito tempo teve dificuldade de aceitar. Pensando um pouquinho atrás, a deficiência ela “não existia”, porque eram escondidos em casa ou simplesmente tratado pensando medicina era tratado com o excesso de medicamento, tratado como loucura, que a criança ou adulto precisava ficar em um manicômio trancado porque não era considerado normal. Pensando no religioso era tratado como algo ruim, algo negativo, porque se aquela pessoa ela tinha alguma deficiência era porque tinha algo de errado.

Prof01: Que Deus ia curar. Que a religião ia curar.

M: Isso! E as famílias viam isso como algo muito negativo, então ficava com receio de sair de casa ou em situações muito.

Prof01: É! Recebiam muito preconceito, muita discriminação, né? Essa questão também da discriminação grande, mas sabe que você me fez, você foi falando eu fui aqui, outra questão que você me fez lembrar que é uma barreira bem substancial, é o apoio e aí é que que tá. Quando eu falo que eu sou uma eterna otimista na educação não é porque eu sou exagerada **(risos)** Eu amo, eu sou apaixonada pela educação, não é só por isso, mas é porque por exemplo eu estava assistindo outro dia, eu estava vendo um vídeo uma entrevista do Drauzio Varella com o médico que ele é. Você falou eu lembrei dessa entrevista. O médico especialista em TEA da faculdade de Mackenzie, acho que é da Mackenzie. E aí ele estava falando que quando tem palestras, depois você procura tem no YouTube, eu estava assistindo no YouTube tem tempo isso aí, e quando tem palestras voltadas em especialização de alunos pessoas com TEA o público que assiste geralmente é fonoaudiólogo, psicólogo, e pedagogo não tem médico na plateia, eles não querem se especializar mesmo os neurologistas, neuropediatras a especialização de neuropediatra é ainda muito recente, ele é um curso caro é uma especialização cara que eles não querem fazer e olha como eu já lutei para você achar um neuropediatra é uma tristeza quando você consegue a consulta é caríssima porque é considerado médico de alto nível, é caríssima a consulta.

- Então uma barreira que a escola enfrenta não é interna somente, não são políticas públicas de educação, são políticas públicas na saúde. Os pais que dependem do SUS, eles não têm apoio médico, eles não têm apoio médico isso acaba refletindo na educação pública, né? Os pais não têm apoio para começar os tratamentos multidisciplinares logo cedo primeiro que eles não tem o diagnóstico logo cedo, começa por aí, né? Então eu sou um exemplo claro, quando eu falava para pediatra do meu filho, olha o meu filho tem alguma coisa, não sei o que é, ela é extremamente rude. Mãe o seu filho tem tá bem, ele não tem nada. **(referência a fala da médica)** Não coloque pelo em ovo, então eu era mal tratada por aquela pediatra. Porque ela não me ouvia, mas porque ela não conhecia, então uma arrogância muito grande, ela não tinha a experiência, ela não tinha formação e não tinha ainda vontade de correr atrás, de querer. Do pera aí um pouquinho se a mãe tá falando vou dar crédito ou ver o que que tá acontecendo. Não sei se era falta de querer ou falta da formação. Não sei.

- Então não existe do setor médico formação para diagnóstico adequado no momento porque são detalhes né? A criança vai ser diagnosticada, são detalhes de comportamento que com doze, antes mesmo dos doze meses de idade antes mesmo de um aninho, a mãe já consegue perceber algumas coisas, né atípicas assim. Leva um Pediatra, mas se o pediatra não tiver essa sensibilidade ele não tiver formação, vai passar batido e não vai começar um tratamento, que tem que ser um tratamento precoce. E aí vamos supor, consegue lá um diagnóstico precoce um exemplo, mas no SUS não tem um apoio, a mãezinha lá que depende do SUS não consegue fonoaudiólogo, não consegue a neuropediatra, não consegue o tratamento multidisciplinar, né? É claro que agora em 2012, né? Agora é tem a força da lei é só entrar com advogado. Só quem tem sabe.

M: Como é que foi esse processo até chegar aqui e esses direitos como eles foram construídos e como eles foram desenvolvidos para que agora tivesse essa voz, eu acho que eu posso chamar assim.

Prof01: É uma voz, mas mesmo assim no papel ainda tá bem estruturado agora né? Começou a estar bem estruturado, mas ainda falta muita coisa na prática. E aí vai terminar lá na escola. Ai a criança, o TEA não cura, bem não tem cura, mas quanto mais quanto mais o tratamento multidisciplinar, o estímulo quanto mais cedo ele for estimulado, da questão da fala, na questão da socialização, menos os danos vamos dizer assim, eles vão acabar sendo menores, né? E aí

essa criança vai conseguir socializar na escola, vai conseguir aprender, a conseguir lidar com as frustrações, que o grande problema do TEA são as frustrações que não consegue lidar com aquela frustração.

- E aí a gente vê muitos casos de famílias que a criança ela tem muita dificuldade, aí vem uma barreira do professor. Ai meu Deus não consigo fazer ele aprender. Ah, esse menino tem crise, essa criança não sei o quê. Porque fora da escola não tem um tratamento multidisciplinar, a família não consegue o tratamento multidisciplinar, né? Depois quando consegue, ai consegue mas vai esporádico uma vez assim. Aí perde a vaga aí vai, é tudo muito difícil, né? Que aí tem os Capes, né? Tem os as APAES né? Que também atende, mas as vagas são muito poucas muito precárias tudo é muito demorado. E não pode ser demorado tem que ser rápido, e ai aí é outra barreira. Aí chega na escola o professor lá vai ter que se especializar ele vai ter que ser um pouquinho de TO, ai vai ter que ser um pouquinho de fono, vai ter que ser um pouquinho, aí vai fazer um pouquinho de especializar na educação nisso, aí ele vai fazer esses papéis, entende?

- Não que seja obrigação, mas aí ele vai fazendo porque poxa ele que tá ali o dia inteiro com aquela criança, então ou ele faz ou ele fecha os olhos e finge que tá tudo bem, que é como eu falei professor é exigente ele não vai fechar os olhos, ele vai fazer. E na prefeitura de São Paulo tem esse incentivo para que a gente sempre se especialize sempre estude, ó na falta dê, vai você mesmo, tá? Então a gente dá lá, um ponto, a gente dar um aumento salário (**risos**) já é uma coisa boa, né? Falei você tem um aumento de salário, se você se especializar valorizando a sua formação, né? Já que afinal de conta, você tem que pagar sua formação do seu bolso ainda tem isso, né a nossa especialização. Outra barreira a nossa especialização é bancada por nós mesmos (**risos**).

M: Quando você foi falando da questão de como é o professor em sala de aula a sensação quando você fala é como esse professor tivesse muitos braços assim sabe, muitos bracinhos para conseguir (**risos**)

Prof01: É tem muitos bracinhos. Opa tentando pegar tudo. É o polvo né com vários braços pegando e não deixando ninguém para trás (**risos**)

M: E assim da forma como você vai falando do professor você como educadora e agora com seu tempo de experiência, com seu tempo de formação e tudo mais no seu dia a dia em sala de aula isso eu digo pensando na criança com deficiência na criança com TEA. Você ainda vê dificuldades pensando não só você como educadora, mas na escola, na estrutura da escola, para poder

receber esse aluno. Você sente, que ainda tem algumas dificuldades, alguns desafios, que você precisa suprir de alguma forma dentro de sala de aula isso pensando no dia a dia da escola nas suas experiências.

Prof01: Na escola onde *(pausa para pensar)* eu acho que eu tenho muita sorte porque na escola onde estou trabalhando tem uma preocupação muito grande com a educação inclusiva e eu tenho muita sorte, né e assim em relação a TEA em específico eu acho que não, também os alunos com TEA que eu tenho são alunos que são de alta funcionalidade, né? Então assim, não é com esse nome é outro tá? Mas, enfim. Vou usar esse nome tá *(risos)* é tem o nome lá, não é mais ou menos assim, mas eles não têm, não é aquele autismo grave, os que eu tenho. Agora tem outros professores por exemplo a *(nome da professora)* a professora *(nome da professora)* do primeiro aninho, ela tem uma aluna que tem um TEA bem grave precisa de bastante apoio substancial, lembrei a palavra que agora é assim, né? Vai mudando as siglas, os nomes mudam tanto que é difícil a gente lembrar, né? Uma hora é leve, autismo leve, autismo médio, grave, né? Agora é autismo com necessidade de apoio, autismo com muita necessidade de apoio, é uma coisa assim, não é assim? Depois você vê mudou o nome não é mais leve e é tipo, sei lá *(risos)*.

- Então e essa menina ela precisa de muito apoio, né? Um apoio bem substancial porque ela tem muitas crises, e a professora, consegue junto com a coordenação pedagógica junto com ela, ela consegue lidar, eu acho que precisa no caso que falta, seria aquela que ainda, a gente não consegue, mas por falta de recursos humanos, tá, aquela outra professora que fica junto, né? Então nós temos nós estamos com uma estagiária só na escola que atende vários alunos ao mesmo tempo, ela corre igual na doidinha dentro da escola, porque ela não ela tá sozinha para acompanhar vários alunos que ela acompanha não só os alunos com TEA, ela tem que acompanhar a criança que tem deficiência, paralisia cerebral, que é cadeirante, e ela tá sozinha, então é esse é um grande problema ainda na escola, né? Que não tem recurso humano, mas aí não é o problema não é da escola são questões de incentivo para sabe? De contratação de pessoal que não tem. É um problema sério, isso é um esse é o grande problema que a gente encontra lá na escola hoje falta de recursos humanos para né? Ele tem direito, a ter uma pessoa ali do lado para ajudar para acompanhar. Então é isso é o grande problema.

M: Mais no geral com relação ao dia a dia nas aulas, pensando no planejamento hoje não é um problema para você.

Prof01: Não. Hoje com relação ao planejamento, nenhum eu consigo me organizar, comigo né? Eu consigo me organizar eu consigo né, mas eu tenho experiência pessoal em relação a isso, né eu sempre eu aprendi na prática e claro estudando bastante, mas na prática como eu deveria lidar com uma criança com TEA e TDAH junto, né, meu filho tem TEA e o TDAH associado. Então olha tem que ser assim, tem que ser objetivo, sem muita metáfora, tem que ser claro, né? Então eu tenho esse cuidado.

- Com outros professores eu não sei se eles agem da mesma forma, eu não posso responder por eles, claro que a gente tem sempre uma formação dentro da escola, a gente tem a formação de segunda a quinta-feira, nós temos formação do meio-dia a uma e meia e lá é claro a gente trata de vários assuntos, inclusive esses assuntos voltados à questão da educação inclusiva, né? E lá a gente troca, a gente troca experiências, a gente traz leituras de autores em relação a situação ao contexto, a gente propõe metodologias, estratégias, planos de aula voltados a isso, então a gente tem esse momento de formação que é uma formação autônoma, né entre a gente a gente enxergando lá as dificuldades da escola, da nossa escola específico e tem um olhar para os alunos que nós temos que que a gente faz né? Como a gente faz? E aí a gente está fazendo essa autoformação, né nesse sentido.

M: Então. Pensando no aluno, eu acho que quando você fala que você consegue trazer todo esse suporte que ele precisa, de dar as atividades de conseguir pensar no processo de planejamento você consegue ver, não sei se ver é a palavra, mas você consegue perceber essa transformação do aluno durante as suas aulas justamente pela forma como você, traz as atividades, pela forma como você pensa e estruturas as atividades para os alunos para que eles consigam se desenvolver melhor?

Prof01: Assim. Olha eu tenho um aluno (*nome do aluno*). Dá um exemplo do (*nome do aluno*), tá? O (*nome do aluno*) ele tem, eu dou aula para ele desde o sexto ano, claro que veio da pandemia, mas mesmo na pandemia nós usavam nossa aula pelo Meet assim como eu tô fazendo agora né, a gente tá fazendo agora o (*nome do aluno*) era um aluno assíduo ele não perdia, bem metódico que é característica, né? Então ele tinha as aulas de Língua Portuguesa ou das

outras matérias nós fazíamos pelo Meet, apesar de ser uma escola pública que nós não tínhamos a obrigação de fazer, nós tivemos a ideia, vamos fazer assim, será que eles entram? Será que eles vão ter acesso? Ah, vamos tentar vamos tentar fazer as aulas pelo Meet. Vamos ver se vai, se eles vão acessar, né? E foi funcionando, sim, claro que não era todo mundo que tinha acesso. Enfim, mas eu vou falar do caso **(nome do aluno)**, ele não perdia as aulas, então eu dei aula pra ele do sexto ano e ainda eu dou aula para ele, ele está no nono ano. E aí o **(nome do aluno)** eu sempre eu tive um cuidado, né de primeiro observar as peculiaridades dele, quais são as necessidades do **(nome do aluno)** então ele precisa de tempo extra para fazer as atividades.

- Ele precisa de um uma atividade reduzida com uma linguagem diferenciada. Poxa, como é que eu professora de língua portuguesa, vou ensinar para ele poesia sendo que tem tanta metáfora. Então foi um cuidado grande que eu tive que ter por que eu sei que que tem algumas questões que eles são muito literais, né? Então como é que eu vou ensinar metáfora um exemplo, tá? Como é que vou ensinar a metáfora para esse menino, né? E aí eu fui pensando em estratégias, né para trabalhar algumas questões com ele de linguagem, o **(nome do aluno)** vou te falar que ele no nono ano, eu apliquei uma provinha para eles é uma provinha valendo 5 pontos, o **(nome do aluno)** foi o único que tirou nota máxima e eu não adaptei a prova dele. Eu dei a prova a mesma prova que eu dei para os outros eu dei para ele. Aí eu falei **(nome do aluno)**, se você precisar de um tempo extra você me fala que aí eu tiro você da sala, você vai fazer em outra salinha, tá bom **(nome do aluno)**. Tá bom professora **(referência a fala do aluno)**. Ele foi o primeiro a entregar a prova e ele foi o único que tirou nota máxima, então eu vi o desenvolvimento dele do sexto ano até o nono claramente.

- É claro que não foi só um trabalho que eu desenvolvi, foi um coletivo de professores, em coletivo da coordenação pedagógica, né? Eu me lembro quando a gente fala do **(nome do aluno)** assim, conheci falei, olha o **(nome do aluno)** o menino tá? E é coletivo, né? Não é só a escola, é a família, ele tem um apoio familiar muito grande, né? E é esse apoio familiar, esse apoio escolar de todos, esse coletivo que fez toda a diferença na vida escolar do **(nome do aluno)**. E foi, e é visível, né? Ele tem lá ainda uma dificuldade comunicativa, né? Tem ainda, mas a gente consegue fazendo ele reestruturar a sua linguagem oral. Eu trabalho muito oralidade com eles em sala de aula justamente pensando não só nele, mas em todos né, mas trabalho bastante oralidade faz parte das aulas de língua portuguesa, debate, seminário né? Debate regrado, então eu trabalho bastante exposição oral de pesquisa, né? Eles fizeram uma um relato oral de

pesquisa com a obra do Michelin Frankstein que foi uma graça, né? E ele estava lá, explicou para os colegas como que ele fez a pesquisa, então assim foi um menino que eu vi claramente o desenvolvimento. E hoje no nono ano, não preciso adaptar atividade para ele de jeito nenhum. É claro que eu ainda. Preciso de mais tempo? Eu te dou mais tempo? Aí na hora de fazer a atividade, eu penso, eu adapto sobre, não só para ele eu sempre eu sempre penso, eu vou fazer essa atividade, mas eu vou tentar fazer um discurso diferente aqui, talvez numa uma prova nesse descritor, eu vou fazer um pouquinho diferente, ou porque pensando no **(nome do aluno)** para conseguir compreender melhor isso, né? Às vezes eu me arrisco que eu não vou deixar assim só para ver se ele vai conseguir, porque às vezes eu penso, ai não sei se ele vai ter uma professora assim lá no ensino médio, deixa eu ver se ele conseguiria, às vezes eu dou uns testes para ele e ele consegue se sair bem né.

M: Então você vai incluindo desafios de acordo com o que você vê que ele consegue, que ele pode ou não fazer.

Prof01: É porque às vezes se a gente facilita muito eu não vejo até onde ele pode ir então, às vezes eu dou um, deixa eu ver se ele vai conseguir aqui então vou dar um desafio aqui e ele vem, mas é um degrauzinho, né? Foi um degrau foi um passo a passo, eu tô com ele faz tempo. Então eu conheço as características dele, né é difícil quando você tá com um aluno que ainda você tem que conhecer, é difícil, porque conhecer as características dele para poder saber o que como eu tenho que desenvolver essa atividade de que forma eu vou de que qual é vocês em estratégia, qual vai ser a minha metodologia com ele? Eh, enfim nesse sentido, mas no caso dele é tranquilo, porque eu já tô acostumada **(risos)**.

M: E é importante trazer também que nesse seu processo de atividade, você também tem o suporte da escola para que se caso você quiser pensar em algo muito específico de demande um material, que você não tem sala de aula, por exemplo, que você pensou em fazer algo diferente no planejamento, mas você não tem esse suporte, a escola ela consegue dar isso para você de uma forma muito de imediato.

Prof01: Nós temos um material muito bom de recurso físico, de material para crianças com deficiência, a escola em si ela não tem barreiras físicas, não consigo pensar em nenhuma. Para crianças cadeirantes, com cegueira A gente tem uma menina tá perdendo a visão, e aí a gente já deixou, a escola, a direção já deixou a escola toda adaptada para ela, pois já está já estamos esperando ela perder totalmente a visão tá? A escola já tá adaptada total para ela com os mapas em Braille, com piloto tátil, tá tudo adaptado para ela, né? E outros materiais também, a gente tem, eu não tirei foto, depois eu vou ver se eu acho com a professora que ela fez um trabalhinho no dia da família no sábado, nós tivemos o dia da família na escola. E aí a professora **(nome da professora)** que é a professora da sala de alunos de inclusão que eu falei para você o SAAI ela fez uma exposição com todo o material que existe na escola para trabalhar com as crianças com deficiência, tem bastante material mesmo que não tivesse a direção, ela é super aberta para comprar mais coisas enfim, né? O que precisar. Olha, precisa de um computador para isso, para trabalhar, precisa de um computador para trabalhar com computador a gente arruma o computador.

- Não me lembro. Para os meus alunos não precisam de vez em quando eu uso com todos né, mas vamos supor que o **(nome do aluno)** precisasse de um computador, olha ele consegue escrever melhor, ele tem lá uma certa dificuldade de coordenação, eu preciso fazer atividade toda no computador. Ele teria o computador dele. Pode ter certeza disso. Não tenho medo de errar falando isso que ele teria esse material sim, eu falo no computador que é um material mais caro, né?

M: Queria poder fazer uma pergunta, pensando na educação, pensando nessas suas nessas responsabilidades como professora, você professora **(nome da professora)** de língua portuguesa que trabalha na escola **(nome da escola)** para determinadas salas, determinados alunos e assim pensando na sala como um todo. Você consegue reconhecer a sua importância como professora ativamente dentro da sala de aula? Eu digo não como o professor na sua função de professor, mas a forma como você vê o aluno, a forma como você pensa nas atividades, a forma como você professora **(nome da professora)** entra na escola, entra dentro da sala de aula pensando naquele aluno você, consegue visualizar a importância que você tem para essa transformação do aluno? Para esse desenvolvimento que conseqüentemente ele vai ter, não só na infância não só na adolescência, mas que ele vai carregar isso para a vida dele para

transformação dele, como cidadão, como pessoa você consegue perceber isso efetivamente, consegue perceber isso ou seria só uma visão de eu tenho responsabilidade como professor.

Prof01: Não, não. Consigo perceber perfeitamente essa minha função é muito clara para mim, essa minha importância enquanto um profissional que tem uma função afetiva enquanto o profissional, que tem uma função social enquanto profissional, que tem uma função política, né? Que não dá para falar fora disso, de transformação política, eu consigo enxergar perfeitamente. Isso está muito claro, né? Não vou falar que isso sempre foi claro para mim tá, de jeito nenhum, mas a experiência me trouxe essa clareza assim indiscutível. Principalmente quando você trabalha em escola pública, talvez não diria isso se eu trabalhasse na escola particular, né em escola particular você é um operário dentro de uma fábrica quando você não produz, você é demitido, dentro de uma escola pública, nós temos uma função afetiva muito grande que nós temos alunos com problemas familiares, com vários problemas familiares, e assim perdeu mãe, sofre violência doméstica, enfim. Olha se eu for falar a gente vai entrar em outro campo, né? Então eu consigo enxergar o, pera um pouquinho, eu tenho que ser um pouquinho de mãe nesse momento, né? Eu preciso ser um pouquinho de amiga nesse momento, então por exemplo toda quarta-feira, eu faço as rodas de conversa com os meus alunos, né? Toda quarta o ano passado era toda sexta, esse ano nós mudamos para quarta-feira. Então as rodas conversa para assuntos diversos são importantes, né?

- E eu tô lendo com eles o livro que tem uma função de ser e essas rodas de conversa eu exerço a minha função de ser amiga, função de psicóloga, função de mãe (**risos**) mais para trazer também, para ir também exercer a minha função social. Tô lendo esse livro aqui com eles.

M: Dá para ver. Histórias de mulheres que sobreviveram, enquanto não cicatriza.

Prof01: É um livro bem recente fala sobre mulheres que passaram, que passam por questões de violência doméstica com os maridos, com seus companheiros e a gente leu uma história e a gente discute. E aí eles vão se representando ali dentro daquelas histórias, com a sua mãe, com seu pai com a sua tia, enfim ou entre eles mesmos sabe? Porque o meu pai é violento porque eu apanho muito do meu pai, da minha mãe enfim, né? E aí ele se enxergam ali se encontram ali e aí eu tô exercendo a minha função social e minha função também política, a gente trabalha um pouquinho, né várias questões assim de transformação de

reflexão, olha como que a gente lida com essa situação. Então o machismo, que não é só a aula de língua portuguesa, a aula de língua portuguesa não é só sujeito, verbo, predicado é mais que isso, né? Que eu não conseguiria trabalhar, por exemplo um tipo de livro desse texto uma escola particular jamais, né? Eu levar um livro desse para uma escola particular os pais cairiam matando em cima de mim.

- Que absurdo o meu filho, professora está politizando, né, enfim. Então eu tenho muito claro sim essa minha importância e eu vou te falar que eu já fui muito criticada dentro da minha família, porque a você escolheu ser professora você ganha muito pouco, né? Você poderia ter feito outras coisas você poderia né? Mas assim, né pessoa eu falei mas eu para mim, ai eu ganho pouco, tá? Eu acho que eu deveria ganhar nada mesmo, concordo. Tenho que ganhar ele sempre luto, né?

M: Professor sempre tem que ganhar mais (risos)

Prof01: O professor tem que estar no topo da cadeia alimentar **(risos)** Tem que tá né? Que é eu gasto, eu saio de Suzano onde eu moro, vou lá para periferia de São Paulo dirijo uma hora para dar aula para as crianças da Periferia, né? E eu supro as necessidades deles, familiar, de afeto, de carinho, eu politizo esses meninos, eles têm que transformar a realidade onde eles vivem, né? Vocês têm que transformar realidade onde vocês vivem, eles têm cobrado poder público, fação esse trabalho social, né? Então a gente tem conversa com os pais orienta tudo isso, né? Porque pais que às vezes não tem consciência de que seus filhos têm transtorno, tem uma deficiência, que tem umas lá vamos convencer os pais. Falar com carinho enorme, né? Se não vão pensar essa professora é louca falando do meu filho. Tem que ser com carinho né? Falar com amor, com carinho, né? Professor não dá diagnóstico de jeito nenhum, jamais, não pode, não sou médico para dar diagnóstico, mas você consegue em meio a todos observar, quem tá lá, né? Tem o comportamento atípico diferente do restante do grupo, e aí convencer aquele pai, levar esse menino para fazer uma consulta, levar no CAPES, enfim. para não ficar assim.

- Então assim, né? Se eu conseguir no caso das crianças com deficiência voltando lá no nosso tema principal. Eu recebi lá uma criança que tenha um problema, que é diferente, que tem um comportamento atípico das outras crianças, eu entro em contato com esse pai, converso com esse pai e convenço da importância deles, para que ele leve o seu filho em uma consulta

neuropediatra ou se eu faço uma carta né falando das características dele. Eu quanto professora faço essa parte, essa cartinha com essas características do desenvolvimento suscetível, social, para a família ir ao setor médico da saúde que é assim que a gente faz, pode ter certeza de que eu vou mudar a vida dessa família. **(referência a uma fala dos pais)** Ai eu não sei o meu filho, ele é assim, ele é agitado ele não come ou ele grita, ele não sabe eu não sei ai. Poxa, se eu chegar nessa mãe e falar olha. Não vou falar quem tem TEA, né? Mas o seu filho tem um comportamento atípico seria importante que você procurar essa ajuda então eu sou uma rede de apoio para esse pai, porque o primeiro apoio que ele vai ter vai ser na escola. E aí eu mudo, eu transformo a vida de uma família e quantas vezes já aconteceu isso comigo que a mãe sabia que o filho tinha alguma coisa ou nem percebia e a criança sofria e a família sofria. E aí fui lá conversei com essa mãe. Fiz uma cartinha. Falei para a diretora.

- Olha vamos caminhar essas crianças para o CAPES, vamos primeiro no posto de saúde fazer um encaminhamento fazer uma parceria, liga lá para a diretora do posto, transformou a vida da família toda. Então assim não tem como negar que o papel do professor é importante que ele tem uma função importante.

M: É pensar que o profissional da educação ele não tem que ver só a parte interna da escola, pensando enquanto você vai falando sobre o olhar o aluno, o olhar os pais, o olhar a escola. É ver esse professor com esse olhos e esses braços sempre para tudo, para escola, para os alunos, para os professores, para os próprios colegas de trabalho, para os gestores, para família, para que aquele aluno consiga se desenvolver, para que aquele aluno consiga se transformar. Isso precisa ser pensado de uma forma conjunta pensar nessa comunidade com um todo. Para que esteja junta, para que esse aluno consiga ter uma boa qualidade de educação para que ele consiga ter uma boa estrutura de ensino, que faz diferença, faz esse processo de transformação e ouvindo você falando só consigo pensar nesse processo de como o aluno aprende, como ele pode se desenvolver e as possibilidades que um professor pode encontrar durante esse processo. que uma atividade não dá certo, mas a gente pode pensar em outras possibilidades. Isso aqui eu não consegui atingir o aluno, mas eu posso buscar outras possibilidades para que ele consiga continuar se desenvolvendo.

Prof01: Sim! É isso mesmo, e precisa de apoio pensando no aluno com deficiência, a escola vai precisar de apoio não tem como né? E muitas vezes não tem, isso que eu falei para você ainda existem crianças que não receberam diagnóstico, a gente percebe claramente são crianças atípicas que às vezes a

família não aceita, né? E a gente tem diálogo toda afetivo com essa família, ela não aceita então ela não leva, vai refletir na educação dela, né? Então a gente vai tentando minimizar ali as situações claro. O **(nome do aluno)** por exemplo é um aluno claramente que tem um comportamento atípico, ele não tem laudo, bom se ele não tem laudo eu trato ele como os outros? Claro que não. Se eu percebo que ele apesar de não ter laudo porque a família não aceita, não levou para os médicos ou aquilo que eu falei o pediatra que às vezes a família leva não tem uma formação, né? Não tem esse olhar sensível e a família também não fala, não aceita. O professor vai agir não importa se ele não tem laudo, mas eu tô percebendo que ele tem um comportamento atípico, que ele tem ele precisa de uma metodologia diferente, então eu vou fazer independente se você tem laudo ou não, né? Que isso vai refletir no aprendizado dele, né? Então aí lá a gente vai trabalhar socialização dele, vai trabalhar comportamento, a linguagem, independente se tem laudo ou não, né? Porque senão fica insustentável o trabalho com ele. Não tem como.

M: Espera só um minutinho, eu vou acender a luz, aqui começou a escurecer **(risos)**

Pro01: Acho que vou fazer a mesma coisa aqui também, para ficar melhor **(risos)**

M: Agora eu queria fazer uma pergunta um pouco mais geral a partir de tudo que você trouxe sobre a importância do professor dentro de sala de aula, a importância dele sempre ir atrás de pensar no aluno de forma individual, de conhecer o aluno de conhecer as possibilidades que o próprio professor pode ter dentro da escola e dentro de sala de aula e que enfim. Por motivos diversos pode não perceber isso, mas essa importância da compreensão do fazer diferente, porque eu entendo você me corrigi se tiver errada, tá bom? Que a todo momento na sua fala você traz que a gente precisa transformar, não temos que nos manter cômodos a partir do que a gente conhece, não se manter estagnado.

Pensando no pensando aluno para poder ser mais específica se eu vejo que aquele aluno tem alguma dificuldade, eu não posso achar que é só mais uma dificuldade do aluno que aquilo faz parte do processo de aprendizado. Em algum momento ele vai conseguir aprender aquela atividade, ele vai poder se desenvolver, quando você fala eu entendo que esse aluno tem dificuldades, eu posso transformar, eu posso pensar nas possibilidades. Em estruturar esse planejamento, esse processo pra que esse aluno possa desenvolver, para que

esse aluno consiga construir o seu processo de aprendizado, que esse processo de ensino-aprendizagem ele seja de fato efetivo e que ele não só aprenda porque ele está dentro de sala de aula, mas que ele consiga se desenvolver que ele tenha o seu senso crítico tenha a sua a sua independência.

- E é o que eu sinto conforme você vai falando sobre os alunos e eu não digo só os alunos com TEA, não só os alunos com deficiência, mas a forma que você traz sobre a sua ação dentro de sala de aula.

Prof01: É isso mesmo, o aprendizado é claro como dizia a minha avó é vivendo e aprendendo, né? A gente tá vivendo a gente tá aprendendo, existe o aprendizado que é natural, mas dentro da escola, o aprendizado tem que ser planejado não é natural. Não é só porque eles estão juntos que eles vão aprender dentro da escola, ele tem uma estrutura, né? Tem uma estrutura que tem que ser muito clara muito objetiva, então o aprendizado dentro da escola, segue planejamentos, tem que ser muito bem planejado articulado, né? Eu quero isso, quero que o meu aluno desenvolva essa habilidade, como eu vou fazer para ele desenvolver essa habilidade, né? Então eu vou pensar em metodologias de trabalho pedagógico para que ele desenvolva tal habilidade que eu desejo que ele tenha naquele momento que ele adquira ali. Ah, mas ele não adquiriu. Tá bom! Então a gente pensa em outro momento que o currículo, ele é em espiral, ele não é a linha reta, né? Então tá nesse momento ele ainda não aprendeu não tá 100%. Tá, mas eu vou voltar em algum momento ali novamente e ele vai estar mais amadurecido, aí entra nessa aprendizagem mais natural, ele tá mais amadurecido. E aí eu usei uma outra estratégia metodológica, e aí ele vai absorver tá é assim, né? E escola é isso? Tem que ser bem claro os objetivos, né de aprendizado que você quer para o seu aluno. Não dá para ser só. Ah! Deixa ele aí na escola ele tem deficiência tadinho, né? Deixa ele aí, ele tá aprendendo só o fato de você tá com os coleguinhas já tá aprendendo. Não assim não existe né? Esse tipo de educação não dá para ser assim dessa forma. Não é isso! Não é escola.

M: E agora eu quero fazer uma última pergunta para você a partir de todas as experiências, de tudo que você trouxe de como foi o seu processo de formação, que você trouxe na sua na sua graduação, ela teve uma base, mas não foi só essa base que você precisou buscar para ter o conhecimento que você tem hoje. Então pensando nos futuros professores que estão saindo agora da graduação que tem essa base que é estruturada, mas que não necessariamente consegue atender toda a diversidade do que é a escola efetivamente. O que você poderia

dizer para esses professores que estão saindo desse primeiro processo, que ainda não chegaram na escola, mas que vão enfrentar por todos esses desafios, de entender que a escola não só são crianças que precisam ser ensinadas, mas que você precisa olhar para essa criança como ela é, não só na sua aprendizagem, mas no seu processo social, na sua singularidade, na sua diversidade, que não é só a diversidade de gênero, não é só a diversidade da deficiência, nossa diversidade é social que você consegue encontrar toda essa diversidade dentro da escola. O que você poderia dizer para esses professores que estão saindo agora da formação que estão naquele momento de vou procurar uma escola para poder começar a ensinar.

Prof01: Então vamos lá primeiro mudar esse pensamento. Vou procurar uma escola para começar a ensinar. Então eu começo falando assim, vou procurar uma escola para começar a aprender. Eu acho que é o primeiro ponto tá para quem tá começando agora na educação na prática. Primeiro entrar assim, né? Vou procurar uma escola que esteja disposta a me ensinar, com crianças que queiram me ensinar se você entrar com esse pensamento, você vai ser um excelente professor, né? Porque a gente vai para escola para aprender não para ensinar *(risos)*

M: Achei maravilhoso! *(risos)*

Prof01: Então assim outra coisa é nunca desanimar, nunca desanima diante das primeiras dificuldades, da segunda, terceira, quarta, quinta dificuldade *(risos)* E aí por diante, né? Então sempre perseverar. Eu acho que esse é o ápice, perseverar sempre, ter a família como parceira, né? Se você tiver a família como parceira porque existem famílias, principalmente na periferia que acredita que a escola é sua inimiga, né? Os pais sempre, batendo de frente com o professor e né? É cativar sempre, cativar as famílias, as crianças e ter essas famílias com suas parceiras, sempre. Eu acho que o princípio tá. E claro sempre procurar formação acadêmica, né? O chão da escola ensina muito, mas a gente precisa formar né? E não se desanimar aqueles professores que falam. Ah você tá com o furor pedagógico, começou agora vai ver daqui uns anos vai estar se arrastando para querer a aposentadoria. Não dê ouvido para os desanimados, *(risos)* vai ter um monte aqueles que vão querer te sabotar, né? Tem os que querem te sabotar que entraram na educação por sei lá, porque cansou, tentou entrar, porque tentaram prestar lá para medicina não conseguiu, né? *(risos)* Tem

aqueles que tentaram fazer uma faculdade diferente de medicina, não conseguiu no jornalismo não conseguiu, ai vai para a educação que foi o que conseguiu passar **(risos)** E aí eu vou tentar sabotar aqueles que estão sendo otimistas e não deixar ninguém puxar o tapete, né? Então acho que é isso, tá? Como eu falei para finalizar sempre se formar, estudar, fazer uma mestrado, fazer uma especialização em tudo e tentar correr né? Eu tenho especialização em língua portuguesa que é minha área principal pela Unicamp e fiz a minha especialização na Unicamp dentro da minha área de especialização, mas tenho outras especializações em educação especial que é importante que eu uso no meu trabalho, a pedagogia que eu uso dentro do meu trabalho, essas vertentes que são importante para o trabalho, e eu vou fazer. E é isso.

M: É de fato entrar na escola não só para ensinar, mas para aprender como você disse, e entrar na escola não só para ensinar mas para aprender também.

- Eu quero agradecer muito muito esses dois encontros que a gente teve, as suas falas, a sua experiência, o seu processo de aprendizagem não só como profissional, mas como mãe também vai. Você vai agregar muito ao meu trabalho

Prof01: Magina. De jeito nenhum, eu que agradeço. Foi um prazer poder ajudar, e é o meu papel né **(risos)**

M: (Risos) Então assim que eu terminar eu mando as descrições para você, eu vou ver direitinho com a minha orientadora se você pode acompanhar a defesa e quando eu tiver com meu projeto finalizado eu te aviso e encaminho para você para você ler tudo na íntegra. Tá bom?

Prof01: Ai tá bom! Legal **(risos)** Obrigada um abraço para você e até mais.

M: Para você também. Um ótimo final de semana. Bom descanso. Tchau.

Prof01: Tchau.

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa intitulada como “Estratégias Didático Pedagógicas para crianças no Espectro Autista: As significações dos docentes”, desenvolvida por Marina Gomes Moreira do Curso de Psicologia da Educação, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar. O objetivo do estudo é apresentar e compreender experiências de educadoras no contexto pandêmico e suas estratégias de sobrevivência. O uso das informações oferecidas pelas participantes está subordinado às normas éticas de pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Estas são avaliadas e acompanhadas quanto aos aspectos éticos, envolvendo seres humanos de forma direta e indiretamente, com questões relacionadas aos diferentes contextos, seja culturalmente, socialmente ou atrelado ao meio ambiente. Solicitamos a sua colaboração para coleta dos dados, que ocorrerá por meio de um encontro virtual com duração de uma hora, onde será discutido a condição de trabalho da educadora da Rede Pública de São Paulo. Este material será gravado, transcrito e analisado para o presente estudo. Esta transcrição lhe será enviada para a aprovação do material. Além disso, também solicitamos sua autorização para apresentação dos resultados deste estudo em eventos da área de Educação e publicação em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que nessa pesquisa não há risco aparente, na medida em que a pesquisa é fruto da demanda do presente momento pandêmico vivenciado pelos profissionais de educação nas instituições. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, sem qualquer remuneração ou despesa prevista e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar

com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Fica estabelecido que o senhor(a) tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo pessoal. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento ou posteriores encontros caso considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Assinatura do(a) orientador(a)

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e possíveis riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Marina Gomes Moreira, Telefone: (21) 997424208 ou para a Secretária do CEP-PUC/SP Monte Alegre, que está localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br. O horário de atendimento é realizado de 2^a a 6^a feira, das 9h às 18h.